UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM – MESTRADO

PUBLICIDADE DAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE E A IMAGEM PÚBLICA DA ENFERMEIRA BRASILEIRA NAS PÁGINAS DA *FON-FON* (1917-1930)

TAINARA XAVIER VERALDO

Rio de Janeiro

2013

TAINARA XAVIER VERALDO

PUBLICIDADE DAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE E A IMAGEM PÚBLICA DA ENFERMEIRA BRASILEIRA NAS PÁGINAS DA *FON-FON* (1917-1930)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – Mestrado, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Enfermagem.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Porto

Rio de Janeiro

2013

Veraldo, Tainara Xavier.
V475 Publicidade das instituições de saúde e a imagem pública da enfermeira brasileira nas páginas da Fon-Fon (1917-1930) / Tainara Xavier Veraldo, 2013.
179f. : 30 cm

Orientador: Fernando Porto.
Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

1. Fon-Fon (Revista). 2. Instituições de saúde - Brasil. 3. Enfermeiras - Aspectos simbólicos - Brasil. 4. Simbolismo nos anúncios. I. Porto, Fernando. II. Universidade Federal do Estado do Rio Janeiro. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Curso de Mestrado em Enfermagem. III. Título.

CDD – 610.73069

PUBLICIDADE DAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE E A IMAGEM PÚBLICA DA ENFERMEIRA BRASILEIRA NAS PÁGINAS DA *FON-FON* (1917-1930)

TAINARA XAVEIR VERALDO

Relatório final de dissertação apresentada à banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) como requisito à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof. Dr. Fernando Porto / Presidente

_____

Profª. Drª. Tânia Cristina Santos / 1ª Examinadora

_____

Prof. Dr. Wellington Amorim / 2° Examinador

_____

Profª. Drª. Teresa Cristina Piva / 1ª Suplente

_____

Profª. Drª. Almerinda Moreira / 2ª Suplente

Dedico esse estudo a todos os Enfermeiros e Enfermeiras:

Que a chama nunca se apague...

"O verdadeiro milagre produzido pelos atos de instituição reside sem dúvidas no fato de que eles conseguem fazer crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência serve para alguma coisa."

Bourdieu, 1998.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela oportunidade de vivenciar momentos de felicidade e de vitórias.

Aos meus pais, Marco Antônio e Margarete, e irmã Júlia, por todo investimento e confiança depositados em mim. Pelos momentos de alegria ou tristeza e pelos abraços em família na sala.

Aos meus avós Luzia e José Ignácio (in memorian), os eternos amores da minha vida.

À minha madrinha e amiga Cláudia, por todo o amor e carinho.

À pessoa que esteve ao meu lado, me dando força e entusiasmo. À você que traz cor aos meus dias, que aquece o meu coração, e me faz feliz a cada dia: Meu "amor lindo", Leandro.

Ao querido amigo e orientador, Fernando Porto, pela paciência, conversas, puxões de orelha, e principalmente, por insistir e confiar em mim.

Aos amigos do LACUIDEN, Juliane Aguiar e Vinícius Sidney, pela ajuda nas confecções de vídeos e na manutenção das imagens. Aos parceiros Simone Aguiar e Pedro Nassar, pelas palavras de carinho e motivação. Aos companheiros Daiana Lima, Lisandra Risi, Pedro de Jesus, Luciane Araújo, Francisco Gomes e demais companheiros das tardes de risadas, comes e bebes, mas, principalmente, pelo companheirismo e pela ajuda a cada quarta-feira.

Às amigas Thaís Rodrigues e Vanessa Felix, minhas eternas irmãs de trajetória acadêmica. Deus não poderia ter me dado maior alegria por colocar em minha vida pessoas tão maravilhosas como vocês.

Aos professores e integrantes do LAPHE e LACENF, graduandos, mestrandos e doutorandos, pelas reuniões que muito acrescentaram, tanto em minha vida profissional, como pessoal.

Ao Prof.Wellington Amorim, pela ajuda, carinho e atenção. Sempre muito querido entre nós.

Aos professores da banca examinadora, pela presença e contribuições para a construção deste estudo.

À todos da minha família, primos Mariana Pereira, Bruno Rubim, Marcus Pereira, Fátima e Fábio, tia Marilda e tio Ribamar, pelos momentos únicos em família e demais parentes e amigos, Sandra Mara e Vinicius Rios, que direta ou indiretamente, contribuíram em minha jornada. Amo todos vocês!

Muito obrigada a todos!

RESUMO

VERALDO, Tainara Xavier. Publicidade das Instituições de Saúde e a imagem pública da Enfermeira Brasileira nas páginas da *Fon-Fon* (1917-1930). Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

Esta pesquisa tem como objeto o efeito da luta simbólica das Instituições de Saúde, por meio da imagem da enfermeira, veiculada na imprensa ilustrada, para o atendimento à população do Distrito Federal. Trata-se de um estudo na perspectiva histórico-semiótica, com os objetivos de descrever a distinção das propostas para as Instituições de Saúde, no atendimento à população no Distrito Federal; analisar as representações objetais da imagem da Enfermeira, veiculadas na imprensa ilustrada, na publicidade das Instituições de Saúde e discutir o efeito da luta simbólica, por meio das publicidades veiculadas, para o processo do mecanismo de construção imagética da Enfermeira. No período estudado (1917-1930) o *corpus* do estudo totalizou 29 *fac-símiles* distribuídos entre 14 Instituições de Saúde, oriundas da Revista Fon-Fon, que, pelos entendimentos das noções do sociólogo francês Pierre Bourdieu, foi possível identificar dominação masculina, campo e luta simbólica. A discussão do estudo foi realizada mediante as seções que tiveram a finalidade de agrupar as Instituições de Saúde por cronologia interna, e discutir as representações objetais ostentadas pelas enfermeiras, ou nelas inspiradas, e os efeitos simbólicos da publicidade na imprensa ilustrada. Os ritos de instituição serviram para consagrar e legitimar a dominação masculina. A Enfermeira como peça promocional nas publicidades Institucionais conferiu credibilidade às Instituições de Saúde no atendimento à população. O *habitus* e as representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras atrelado ao capital simbólico Institucional trouxeram visibilidade e reconhecimento ao processo de construção da imagem da Enfermeira.

Descritores: Luta simbólica. Instituições de Saúde. Imagem. Enfermeira.

ABSTRACT

VERALDO, Tainara Xavier. Advertising of health institutions and the brazilian public image of the nurse in the pages of *Fon-Fon* (1917-1930). Thesis (Master's degree in Nursing). Center for Biological and Health Sciences, Federal University of the State of Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

This research aims the effect of symbolic struggle of health institutions, through the image of the nurse, conveyed the illustrated press, to serve the population of the Federal District. It is a study in historical- semiotics aproach, with the objectives of describing the distinction of proposals for health Institutions in serving the population in the Federal District; analyze the nurses's objects representations image, in the press illustrated in advertising of health institutions and discuss the effect of symbolic struggle through the advertisements conveyed to the process of nurses's image. In the period studied (1917-1930) the *corpus* of the study consisted of 29 *fac-similes* distributed among 14 health institutions, from the magazine Fon-Fon, which, by understanding the concepts of the French sociologist Pierre Bourdieu, it was possible to identify male-dominated, field and symbolic struggle. The discussion of the study was conducted by the sections that had the purpose of grouping the Health Institutions by internal chronology, and discuss the nurses's objects representations, or inspired them, and the symbolic effects of advertising in the illustrated press. The rites of institution served to enshrine and legitimize male domination. The Nurse as a promotional piece advertising the Institutional gave credibility to Health Institutions in serving the population. The habitus and object representations sported by Nurses linked to symbolic capital Institutional brought visibility and recognition to the process of building the image of the Nurse.

Descriptors: Symbolic struggle. Health Institutions. Image. Nurse.

RESUMEN

VERALDO, Tainara Xavier. La publicidad de las instituciones de salud y la imagen pública de la enfermera brasileña en las páginas de Fon-Fon (1917-1930). Tesis (Maestría en Enfermería). Centro de Ciencias Biológicas y de la Salud, Universidad Federal del Estado de Rio de Janeiro. Río de Janeiro, 2013.

Esta investigación tiene como objeto el efecto de la lucha simbólica de las instituciones de salud, por medio de la imagen de la enfermera, vinculada en la prensa ilustrada, para atender a la población del Distrito Federal. Es un estudio en perspectiva histórica-semiótica, con los objetivos de describir la distinción de las propuestas para las instituciones de salud, en el atendimento a la población en el Distrito Federal; analizar las representaciones objetais de la imagen de la enfermera, veiculadas en la prensa ilustrada, en la publicidad de las instituciones de salud y discutir el efecto de la lucha simbólica por medio de las publicidades veiculadas, para el proceso de mecanismo de construcción imagetica de la enfermera. En El período estudiado (1917-1930) el *corpus* del estudio fue de 29 *fac-símiles* distribuidos entre 14 de las instituciones de salud, originarias de la revista Fon-Fon, que por comprensión de las nociones de sociólogo francés Pierre Bourdieu,fue posible identificar la dominación masculina, campo y lucha simbólica. La discusión del estudio se llevó a cabo por las secciones que tenían el propósito de juntar las instituciones de salud por cronología interna y discutir las representaciones objetais ostentados por las enfermeras, o inspirado por ellas, y los efectos simbólicos de la publicidad en la prensa ilustrada. Los ritos de institución sirvió para consagrar y legitimar la dominación masculina. La enfermera como una pieza promocional publicidad del Institucional dio credibilidad a las instituciones de salud en el servicio a la población. El habitus y representaciones de objetos divertidos por enfermeras vinculadas al capital simbólico Institucional traído visibilidad y reconocimiento al proceso de construcción de la imagen de la enfermera.

Descriptores: Lucha simbólica. Instituciones de Salud. Imagen. Enfermera.

SUMÁRIO DE *FAC-SÍMILES*

Fac-símile A - O prédio da Santa Casa da Misericórdia 66

Fac-símile B - O prédio principal do Hospício Nacional de Alienados 73

Fac-símile C - Fachada do prédio do Hospital Escola São Francisco de Assis 78

Fac-símile D - Fachada principal do prédio do Hospital Evangélico 83

Fac-símile E - A Maternidade Pró-Matre e suas subsequentes expansões 92

Fac-símile F - A fachada da Casa de Saúde Dr.Pedro Ernesto 98

Fac-símile G - A Casa de Saúde Icaraí 103

Fac-símile H - A fachada do acreditado estabelecimento 104

Fac-símile I - Anúncio sobre a Casa de Saúde Icaraí 107

Fac-símile J - O prédio do Posto de Assistencia do Meyer 109

Fac-símile K - Fachada do palacete onde funciona a Casa de Saúde instalada à rua Marquês de Abrantes, 192 115

Fac-símile L - Antiga residência do senador Pinheiro Machado – morto em 1915 – o Palacete do Morro da Graça, que mais tarde veio a se tornar o prédio do Sanatorio Guanabara 124

Fac-símile M - Interior do Santorio Guanabara 126

Fac-símile N - Fachada da Casa de Saúde Dr. Oliveira Motta 127

Fac-símile O – Fachada principal do Dispensário de Cascadura (1933-1934), antiga Maternidade Suburbana 131

SUMÁRIO DE *FAC-SÍMILES*

Fac-símile 1 – Inauguração da capela na Maternidade da Santa Casa 68

Fac-símile 2 – Homenagem por parte dos internos ao Dr. Vieira Souto 69

Fac-símile 3 – Descerramento do busto em homenagem ao Dr. Juliano Moreira 74

Fac-símile 4 – Funcionários do Hospício Nacional de Alienados 76

Fac-símile 5 – O diretor do H. São Francisco de Assis, Dr. Garfield de Almeida ao lado de médicos, internos e enfermeiras do estabelecimento 79

Fac-símile 6 – Inauguração da nova enfermaria infantil do Hospital São Francisco de Assis 81

Fac-símile 7 – A comemoração pelo aniversário da fundação do Hospital Evangélico 87

Fac-símile 8 – O posto de assistência da Pró-Matre 93

Fac-símile 9 – A benção da sede social da Pró-Matre 94

Fac-símile 10 – A benção da sede social da Pró-Matre 95

Fac-símile 11 – Secção de maternidade 98

Fac-símile 12 – Sala e mesa de operações 100

Fac-símile 13 – Sala de esterilização 101

Fac-símile 14 – Grupo na inauguração da Casa de Saúde Dr. Pedro Ernesto . 101

Fac-símile 15 – Diretora e enfermeiras 104

Fac-símile 16 – A diretora D. Marieta Pimentel rodeada pelas enfermeiras no 5º aniversário de fundação da Casa de Saúde Icaraí 105

Fac-símile 17 – Grupo tirado no Hospital Posto de Assistência no Meyer, atualmente fechado e cuja direção esteve a cargo do dedicado Dr. Castro Barreto; o 8º a partir da esquerda, sentado 111

Fac-símile 18 – O Posto de Assistencia no Meyer 113

Fac-símile 19 – O diretor Dr. Jayme Poggi, enfermeiras e demais auxiliares . 116

Fac-símile 20 – Parte de uma das enfermarias para homens 117

Fac-símile 21 – Inauguração do Hospital Internacional 118

Fac-símile 22 – Convidados que apareceram na inauguração do Hospital 119

Fac-símile 23 – O corredor do Hospital Internacional vendo-se as enfermeiras 119

Fac-símile 24 – Enfermaria geral do Hospital 120

Fac-símile 25 – Grupo de enfermeiras ladeando o Sr. Dr. Estellita Lins, distinto e reconhecido clínico e que dirige o importante estabelecimento que tem o seu nome 121

Fac-símile 26 – A inauguração da Casa de Saúde Dr. Estellita Lins 123

Fac-símile 27 – O corpo de enfermeiros, serventes e telefonistas do Sanatorio Guanabara 125

Fac-símile 28 – A inauguração da Casa de Saúde Dr.Oliveira Motta 128

Fac-símile 29 – A inauguração da Maternidade Suburbana 131

SUMÁRIO DE QUADROS DEMONSTRATIVOS

Quadro 1 - Assinaturas Imagéticas das Instituições de Ensino de Enfermagem no Distrito Federal 29

Quadro 2 - Frequência das representações objetais ostentadas pelas enfermeiras, ou nelas inspiradas, nas publicidades das Instituições de Saúde, de 1917 a 1930 139

SUMÁRIO DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência das imagens veiculadas na Revista Fon-Fon referentes à publicação de imagens de enfermeiras, ou nelas inspiradas de 1917 a 1930, na publicidade das Instituições de Saúde 54

Gráfico 2 – Luta simbólica por meio da publicidade das Instituições de Saúde nas páginas da Revista Fon-Fon (1917-1930) 57

Gráfico 3 – Movimento da frequência das representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras, ou nelas inspiradas, nas publicidades das Instituições de Saúde (1917-1930) 144

LISTA DE SIGLAS

LAPHE – Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem

LACENF – Laboratório de Abordagens Cientificas na História da Enfermagem

LACUIDEN – Laboratório de História do Cuidado e Imagem em Enfermagem

EPEE – Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras

EPEAP – Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto

EEAP – Escola de Enfermagem Alfredo Pinto

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

EEDNSP – Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública

EEAN – Escola de Enfermagem Anna Nery

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

EPECVB – Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira

CVB – Cruz Vermelha Brasileira

SUMÁRIO

Seção 1 – Considerações Iniciais

1.1 Motivação para o estudo 16

1.2 Problematização, objeto e objetivos do estudo 17

1.3 Justificativa e Relevância 37

Seção 2 – Aspectos Metodológicos e Teóricos

2.1 Tipo de estudo e os documentos para a pesquisa 40

2.2 Noções de base 48

Seção 3 – As Instituições de Saúde e a Luta Simbólica pelo Atendimento à População

3.1 Luta simbólica no campo da Revista Fon-Fon 53

3.2 As Instituições de Saúde no campo 56

Seção 4 – A Imagem da Enfermeira nas Publicidades das Instituições de Saúde até o final do Século XIX

4.1 Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro 65

4.2 Hospício Nacional de Alienados 72

4.3 Hospital São Francisco de Assis 77

4.4 Hospital Evangélico 82

Seção 5 – A Imagem da Enfermeira nas Publicidades das Instituições de Saúde: do começo do Século XX até o ano 1930

5.1 Hospital Pró-Matre 90

5.2 Casa de Saúde e Maternidade Dr. Pedro Ernesto..... 97

5.3 Casa de Saúde Icaraí 102

5.4 Posto de Assistencia do Meyer 107

5.5 Casa de Saúde Dr. Jayme Poggi 114

5.6 Internacional Hospital of Brazil 117

5.7 Casa de Saúde Dr. Estellita Lins 121

5.8 Sanatorio Guanabara 124

5.9 Casa de Saúde Dr. Oliveira Motta 127

5. 10 Maternidade Suburbana 130

Seção 6 – As Representações Objetais e os Efeitos Simbólicos da Imagem da Enfermeira

6.1 A construção imagética da Enfermeira..... 135

Seção 7 – Considerações Finais 149

Referências 157

Apêndice A – Album Photográfico 163

Anexo A – Matriz de Análise Fotográfica 178

Seção 1
Considerações Iniciais

1.1 Motivação para o estudo

A motivação para a confecção deste estudo deve-se à minha participação no Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem – LAPHE, Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem – LACENF, e do Laboratório de História do Cuidado e Imagem em Enfermagem – LACUIDEN, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – EEAP, durante a minha trajetória como graduanda desta Instituição, quando me inseri na linha de pesquisa Construção Imagética da Enfermagem, tendo como objetivo conhecer a trajetória da construção imagética da profissão, no campo da imprensa, no projeto matriz "Imagem pública da enfermeira brasileira (1916-1931)".

Durante a graduação, fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UNIRIO, em meu primeiro contato com a temática, que oportunizou estudar, por meio do subprojeto intitulado Aparelhagem da imagem pública da enfermeira na Revista Fon-Fon (1916-1931), a imagem da enfermeira veiculada na imprensa ilustrada sob diversas classificações temáticas, tais como: I Guerra Mundial, Gripe Espanhola, Propagandas de remédios, Miscelânia, Propagandas de Instituições de Saúde, Reforma Sanitária e Ritos Institucionais.

Dentre as classificações, identifiquei-me com a veiculação de imagens de Enfermeiras nas Propagandas de Instituições de Saúde no Distrito Federal, à época, a cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, observou-se que essas enfermeiras ostentavam alguns atributos pessoais, a saber: véu, gorro, touca e o símbolo da cruz.

Em estudos realizados pelo mesmo projeto matriz, foi possível identificar que esses atributos pessoais eram oriundos das Escolas/Cursos de Enfermeiras que se materializavam por meio de formaturas, como: Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central – Rio de Janeiro, Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública e o Curso de Enfermeiras-Parteiras da Pró-Matre, atual Maternidade Pró-Matre.

Os atributos pessoais, véu, gorro, touca e o símbolo da cruz, podem ser entendidos como assinaturas imagéticas das Instituições de Ensino, sendo elas Escolas ou Cursos de Enfermagem. Esta denominação foi construída no estudo de Porto (2007) que teve como objeto a luta simbólica entre as Escolas de Enfermagem pela institucionalização de uma imagem de Enfermeira brasileira através de ritos institucionais, de 1919 a 1925.

Neste sentido, cada Escola/Curso de Enfermagem enunciava uma determinada imagem de Enfermeira à sociedade brasileira, em linhas gerais como representação simbólica de bondosa, caridosa, auxiliar do médico ou intermediária entre o médico e a população, tornando-as Enfermeiras mensageiras institucionais.

1.2 Problematização, objeto e objetivos do estudo

Para a problematização do estudo, partiu-se do contexto histórico que envolveu a cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1917 a 1930, e as iniciativas de profissionalização de Enfermagem que existiam na cidade do Rio de Janeiro desde 1890, ano de implementação da primeira Escola de Enfermagem, até o final da década de 1920.

Os acontecimentos históricos abordados se remeteram a alguns marcos, dentre eles: Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e com o seu término, o início da epidemia da Gripe Espanhola, logo em seguida, os acontecimentos da Reforma Sanitária, que foi desencadeada mediante a crise sanitária oriunda da Gripe Espanhola, sendo liderada por Carlos Chagas; o movimento feminista, composto por um grupo de mulheres com interesse em firmar sua independência perante à sociedade e à política; o crescente investimento no ensino da profissionalização da Enfermagem, o interesse na abertura de espaços relacionados à saúde da população, a migração dos cuidados aos doentes para ambientes hospitalares, fossem eles: filantrópicos, mutualísticos ou assistenciais, e o conflito entre as classes médicas e religiosas.

Neste contexto, imagens de mulheres, trajando atributos de Enfermeira foram publicadas na imprensa ilustrada. Elas eram oriundas de Escolas/Cursos de Enfermeiras distintos e trouxeram consigo as representações objetais, possivelmente, características de suas Instituições de Ensino, materializando diferentes assinaturas imagéticas, correspondentes a cada Escola/Curso profissionalizante.

A Primeira Guerra Mundial ocorreu entre países da Tríplice Aliança (Itália, império Austro-Húngaro e Alemanha) e Tríplice Entente (França, Rússia e Inglaterra). Conflito este que teve início em 1914 e durou até 1918, com a participação do Brasil em 1917 (PORTO & VERALDO, 2012, p. 2777).

No período da Primeira Guerra Mundial, imagens de Enfermeiras ou nelas inspiradas, trajando atributos de Enfermeiras foram publicizadas na imprensa ilustrada, dando ênfase aos cuidados por elas prestados aos acometidos da guerra. Pesquisas com o objetivo de estudar o preparo das Enfermeiras brasileiras para participar nos serviços

da Cruz Vermelha Brasileira na Primeira Guerra Mundial, através de conteúdo fotográfico (PORTO e SANTOS, 2006) e; estudar a reprodução da crença simbólica da Cruz Vermelha Brasileira, por meio das representações objetais ostentadas pelas suas Enfermeiras, veiculada na imprensa ilustrada dentre outras, vêm para elucidar acerca da imagem da mulher ostentando atributos de Enfermeira no olhar da semiótica, e a participação dessas materializações de profissionalização da Enfermagem nas circunstâncias da Grande Guerra (NETO, 2011).

Com o fim da Primeira Guerra, o Brasil e o mundo, num cenário transtornado pelos resultados do grande conflito, atravessaram o período que acometeu milhões de pessoas com a Gripe Espanhola. Esta, considerada a maior e mais devastadora das epidemias, singularizou-se pela enormidade de suas cifras e a investida para o combate. Os dados epidemiológicos disponíveis fixam números impressionantes[1].

Em cenário de surto epidêmico, as mulheres que ostentavam atributos de Enfermeira ganharam destaque nas páginas de jornais e revistas veiculadas na imprensa. Estes meios de comunicação foram uma ferramenta utilizada pelas Instituições de Saúde para que pudessem divulgar os seus respectivos atendimentos à população no Distrito Federal, o Rio de Janeiro.

Para tanto, as estratégias governamentais foram implementadas a fim de atender as necessidades da população afetada, dentre elas: convocou-se o diretor do Instituto Oswaldo Cruz, Dr. Carlos Chagas para coordenar as ações de combates à gripe e; postos de socorros como a Escola Deodoro, Escola Benjamin Constant e Nilo Peçanha, que se

[1] Sobre as estatísticas de pessoas acometidas, veja: La Dansarina: A Gripe Espanhola e o Cotidiano da Cidade do Rio de Janeiro (Brito, 1997) e Fatos e fotos da Cruz Vermelha Brasileira na Gripe Espanhola: a imagem pública da Enfermeira (Coury, 2010).

tornaram iniciativas para tentar suprir a necessidade de espaços para o cuidado ao doente, além do envolvimento de Instituições de Saúde como o Hospício Nacional de Alienados, a Cruz Vermelha Brasileira, a Pró-Matre e a Policlínica de Botafogo (COURY, 2010, p. 41).

No início de 1919, o Presidente da República Rodrigues Alves (primeiro mandato de 1902 a 1906) foi vitimado pela Gripe Espanhola, e morreu antes de cumprir o seu segundo mandato, que deveria se estender de 1918 a 1922. Acontecimento este, que gerou uma reflexão sobre o cenário precário em que o país se encontrava, e a necessidade urgente de mudanças (COURY, 2010, p. 15).

Neste sentido, o contexto da Reforma Sanitária, liderada por Carlos Chagas, na gestão do Presidente Epitácio Pessoa (1919-1922), a Câmara dos Deputados e o Senado Federal aprovaram a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública e a inauguração do Hospital São Francisco de Assis, nas instalações do antigo Asilo São Francisco de Assis, em 1922. Tal feito foi interpretado como um dos primeiros passos em direção ao controle do Estado na gestão da assistência hospitalar no Distrito Federal (SANGLARD & SILVA, 2010, p. 70).

Cabe destacar, que o entendimento que se tinha à época sobre assistência pública era de que as ações deveriam ser voltadas para os cuidados com a infância e a maternidade, até a velhice e a loucura, envolvendo um conjunto de Instituições públicas e privadas, bem como asilos, orfanatos, postos médicos, hospícios, dispensários e policlínicas (SANGLARD & SILVA, 2010, p. 66).

A veiculação da publicidade das Instituições de Saúde nas páginas da Revista Fon-Fon, aponta para a concorrência, entre elas, sobre os seus fins: filantropia,

mutualismo e assistencial, como concorrentes no campo jornalístico da imprensa, tornando-se espaço de luta simbólica.

Para Bourdieu, os agentes estão envolvidos numa luta simbólica para imporem a definição do mundo social conforme os seus interesses, formando um campo de posições sociais (BOURDIEU, 2007, p. 11). A noção de campo social, segundo Bourdieu, representa um campo de forças imposto aos agentes que nele se encontram e um campo de lutas, no qual esses agentes lutam com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura desse campo. O campo consiste, portanto, numa estrutura de relações sociais, num espaço socialmente estruturado, cujos limites só podem ser determinados em cada situação (BOURDIEU, 1996 apud CAPPELLE et al., 2005, p. 359).

Neste cenário de turbulentos acontecimentos atrelados ao intenso crescimento urbano da cidade do Rio de Janeiro, trabalhadores e operários deram início às reinvidicações por melhorias nas condições de vida, influenciando e direcionando debates sobre a assistência hospitalar e levando para a Câmara dos Deputados discussões sobre o trabalho feminino, infantil, acidentes de trabalho e proteção social (SANGLARD & SILVA, 2010, p. 67).

Preocupados com a organização da assistência hospitalar, médicos e políticos articularam-se para a criação de propostas e alternativas para contornar a falta de organização e o número precário de leitos hospitalares (SANGLARD & SILVA, 2010, p. 69).

O ambiente dedicado à assistência aos doentes e pobres era nas dependências da Santa Casa da Misericórdia, Instituição filantrópica, mantida por meio de doações e de

administração religiosa. Com o esgotamento da capacidade de leitos, devido ao número de doentes e, atrelado ao cenário precário de higiene e atenção à saúde em que se encontrava a cidade do Rio de Janeiro, criaram-se estratégias de sobrevivência para superar essa carência, dentre elas, conhecida como um marco nos movimentos populares e ao mesmo tempo, entendida como um passo rumo à modernização: o mutualismo (VISCARDI, 2009, p. 294).

O mutualismo ficou conhecido como associação de pessoas com mesmo interesse ou necessidade. Nessas instituições mutualistas, eram estabelecidas redes de colaboração entre os associados, um tipo de ajuda mútua, onde as pessoas colaboravam para que pudessem usufruir dos serviços que cada Instituição oferecia, tais como atividades de lazer e assistência à saúde (VISCARDI, 2009, p. 294).

A modernização foi entendida como um conjunto de mudanças sociais e políticas que acompanharam a industrialização, coexistindo tendências tradicionais e modernas. No Brasil, as primeiras décadas do século XX foram marcadas por intensa modernização, período no qual coexistiram instituições tradicionais, como as filantrópicas e as primeiras instituições modernas como as mutuais (VISCARDI, 2009, p. 295).

O movimento de modernização das Instituições mutualistas pode ser explicado pelo fato de trabalhadores terem se unido para que pudessem sobreviver, fundando, assim, a característica de ajuda mútua entre os associados das Instituições mutualísticas. A modernização influenciou na redução das estratégias populares de recorrer-se à filantropia, fazendo com que mais pessoas recorressem às mutuais (VISCARDI, 2009, p. 295).

Dito de outra maneira, mediante a exposição sobre a carência de leitos e novos investimentos estratégicos referentes às Instituições de Saúde, se fazia necessário profissionalizar pessoas para o atendimento e cuidado constante aos necessitados. Neste contexto, direciona-se o olhar do leitor para, em síntese, sobre as Escolas/Cursos de Enfermagem existentes no Distrito Federal, no período de 1890-1930.

A Escola Profissional de Enfermeiras e Enfermeiros (EPEE), atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), foi criada em 27 de Setembro de 1890 pelo Decreto nº791, nas dependências do Hospício Nacional de Alienados, tendo como diretor à época, João Carlos Teixeira Brandão (MOREIRA, PORTO & OGUISSO, 2002 p. 403).

Em 1920, a EPEE desdobrou-se em Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, seção feminina, tendo como objetivo "concorrer para eliminação completa da empregada *analphabeta* e a valorização nacional para a prática da enfermagem". Os atributos ostentados pelas Enfermeiras da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto compreendiam em gorro com o símbolo da cruz centralizada na parte frontal da cabeça na cor azul, vestido longo, com pregas, gola alta, mangas compridas, bolso do lado direito todo em cor clara, insígnia na altura do tórax e calçados de cor clara (PORTO & SANTOS, 2007, p. 83).

Por ocasião da Primeira Guerra Mundial, algumas damas da sociedade se juntaram com o propósito de prestar auxílio voluntário, aos feridos e doentes devido à guerra, propiciando a criação do Curso de Enfermeiras Voluntárias da Cruz Vermelha Brasileira, em 1914, que funcionou até 1918 (PORTO, 2007, p. 41).

Com a necessidade de formar Enfermeiras para prestar socorro em tempos de guerra e calamidades, a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (EPECVB) foi criada em 1916, com o objetivo de "ministrar às pessoas do sexo feminino a instrução *theorica-prática* indispensável à profissão de enfermeiras", devido à necessidade no atendimento à população do Rio de Janeiro, capital federal (PORTO, 2007, p. 41).

A criação dessa escola foi proposta pelas Damas da Cruz Vermelha para que esse atendimento fosse prestado por Enfermeiras profissionais "dignas, idôneas, devotadas e instruídas, capazes de dar aos doentes *assistencia* carinhosa e *scientifica*", além de proporcionar às mulheres "mais um meio de pelo trabalho, angariar recursos para viver" (PORTO & SANTOS, 2007, p. 52).

Em um trecho da obra de Dr. Getúlio dos Santos, então diretor da EPECVB, indica que a criação desta Escola deu novo impulso à formação de Enfermeiras profissionais, onde, "até a aparição desta obra em 1916 [Escola Prática de Enfermeiras], a profissão de enfermeiro ainda não existia absolutamente entre nós; *official* ou particularmente pouco se havia feito então, em relação tão necessária classe". As enfermeiras desta Instituição ostentavam trajes na cor clara, com o símbolo da cruz no tórax, vestido de gola alta, comprimento na altura dos joelhos e mangas compridas, véu, gorro com símbolo da cruz, meias e sapatos claros (PORTO & SANTOS, 2007, p. 55).

A década de 1910 foi marcada por movimentos pela defesa da assistência à criança e à mulher. Dentre as iniciativas, a criação de uma Instituição filantrópica, o Hospital Maternidade Pró-Matre em 1918; e em suas instalações, o Curso de Enfermeiras-Parteiras da Pró-Matre, sendo o médico Fernando Magalhães (considerado

o pai da obstetrícia no Brasil) diretor do Hospital na época (FONSECA & PORTO, 2011, p. 433).

As Enfermeiras-parteiras, desta Instituição, ostentavam uniformes de cor clara, gola, cabelos presos, véu embutido, gorro com símbolo da cruz na fronte, mangas curtas e saia abaixo dos joelhos, meias e sapatos claros. Observa-se, portanto, que os uniformes das Enfermeiras-parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre e das Enfermeiras da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira causavam confusão por serem demasiadamente parecidos (FONSECA & PORTO, 2011, p. 434).

O Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo foi criado em 26 de Dezembro de 1917, por ocasião da Primeira Guerra Mundial, em resposta à situação de calamidade do país, a fim de atender à população vitimada pelo conflito, e mais tarde, aos acometidos pela Gripe Espanhola, que iria afetar o mundo no ano seguinte. A Instituição, à época, era destinada ao atendimento assistencial médico e cirúrgico gratuito aos pobres do bairro de Botafogo e arredores, dirigida pelo médico Dr. Luiz Barbosa (COURY, 2010, p. 49).

A primeira turma do curso foi composta somente por mulheres da própria Policlínica. No ano seguinte, findada à guerra, o curso se reestruturou, contemplando temas sobre economia doméstica, aspectos clínicos e administração hospitalar, tendo na segunda turma a inclusão de homens como estudantes (POLICLÍNICA DE BOTAFOGO, 1919).

As Enfermeiras do Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo, analisados no estudo intitulado “Discutindo os primórdios do ensino de enfermagem no Brasil: o Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo (1917-1920)” de Mott e Oguisso

(2002) evidenciaram o uniforme, sendo ele: vestido longo na cor clara, com uma pequena cruz, sem identificação da cor, no peito do lado esquerdo, de mangas compridas, véu longo com o símbolo da cruz centralizada na parte frontal, meias e sapatos claros.

Para Porto et al. (2012), a justificativa de criação do Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo, foi para preparar enfermeiras, quando fosse necessário, para atender às necessidades em tempos de guerra, e para atender a própria demanda da Policlínica, que formou duas turmas entre os anos de 1917 a 1920.

Estudos como o de Porto e Amorim (2010, p. 42), nesta linha de pensamento, incluíram outras iniciativas de materializações de Escolas e Cursos de Enfermagem existentes no eixo Rio – São Paulo, a partir de 1890 que antecederam a implantação da Enfermagem Moderna no Brasil, através da criação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (EEDNSP), em 1922. Os autores apontaram o total de 17 Instituições de Ensino de Enfermagem, algumas pouco estudadas.

Delimitam-se para a presente problematização, as iniciativas de Escolas e Cursos de Enfermagem do Rio de Janeiro, dentre as iniciativas, pode-se citar: Curso de Enfermeiros do Posto Central de Assistência, divulgada no periódico Revista Brazil-Medico em 1920, curso este organizado pelo Diretor de Higiene Dr. Luiz Pedro Barbosa – diretor geral do Departamento Municipal de Assistência Pública (1920) e diretor da Policlínica de Botafogo desde 1901.

O Curso de Enfermeiros do Posto Central de Assistência era composto por médicos como os Drs. Gastão Guimarães, Girondino Esteves e Marques Canário, que estabeleceram as disposições gerais do curso, anexo ao Posto Central de Assistência

destinado a ambos os sexos que trabalhavam nas repartições subordinadas à Diretoria de Assistência Municipal e; no mesmo ano é possível citar a criação da Escola de Enfermeiras Municipais, em 29 de setembro (PORTO & AMORIM, 2010, p. 43).

A pesquisa intitulada "Imagem pública da enfermeira brasileira: Curso de Enfermeiras da Assistência Particular Nossa Senhora da Gloria (1920 – 1928)", elucida acerca da construção do mecanismo da imagem pública da Enfermeira brasileira no olhar da semiótica. O estudo analisa um *fac-símile* divulgado na Revista Fon-Fon sobre as alunas matriculadas neste Curso em 22 de setembro de 1928. Esta Instituição foi fundada no dia 1º de maio de 1919, na rua Tucuman nº01, bairro do Flamengo, por Tereza Alves e Antonio Marzullo, com o propósito de "prestar socorro médico, dentário, de parteira e assistência em geral aos necessitados" (PORTO, et al., 2012, p. 53).

Em 10 de janeiro de 1920, o periódico Revista Brazil-Medico divulgou uma notícia sobre a criação de um Curso de Enfermeiras anexado aos serviços hospitalares da Assistência Particular Nossa Senhora da Gloria, pela falta dessas profissionais, para o atendimento dos cuidados aos necessitados (PORTO, et al., 2012, p. 54).

De acordo com o estudo, as alunas do Curso supracitado ostentavam uniformes que poderiam ser confundidos com as das enfermeiras da EPEE, como o gorro com o símbolo da cruz na cor azul, vestido na cor clara de golas no formato em "v" e arredondado, mangas compridas e de três quarto e sapatos na cor escura. Entende-se que, à época, investir na criação de Escolas e Cursos de Enfermagem era avançar no desenvolvimento do país (PORTO, et al, 2012, p. 54).

A criação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (EEDNSP), atual Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ocorreu no contexto da Reforma Sanitária (década de 1920) e foi dirigida pela enfermeira Claire Louise Kieninger. Para se candidatarem, as mulheres deveriam apresentar uma carta de referência, demonstrando a preocupação de atrair as candidatas detentoras de maior capital social, na tentativa de melhorar o panorama da saúde, como estratégia para suprir a necessidade de reorganização sanitária do país (PORTO & SANTOS, 2007, p. 119).

Em 1922, a EEDNSP foi criada nos moldes da Enfermagem norte-americana, com o apoio financeiro da Fundação Rockefeller na Reforma Carlos Chagas, liderada pela enfermeira Ethel Parsons, que atuou na organização de um serviço de Enfermeiras de saúde pública que faziam visitas domiciliares aos casos sob controle sanitário, no Rio de Janeiro. As Enfermeiras que atuaram em dispensários e promoviam entrevistas de cunho educativo, ostentavam em seus corpos, atributos pessoais como touca, vestido com gola e mangas curtas, avental em tom claro, o símbolo da cruz e meias e sapatos claros (PORTO & SANTOS, 2007, p. 118).

No período abordado por este estudo, pode-se observar a materialização de 10 iniciativas de profissionalização de Enfermagem conhecidas até então, no Distrito Federal, desde 1890 e os atributos pessoais de Enfermeira ostentadas pelas mulheres correspondentes ao seu Curso/Escola de Enfermagem, apresentadas no quadro de número 1 a seguir. Pode-se notar a similitude dos atributos pessoais no que diz respeito ao uso de uniforme na cor clara, o véu e o símbolo da cruz por algumas Instituições de Ensino.

Quadro 1 – Assinaturas Imagéticas das Instituições de Ensino de Enfermagem no Distrito Federal.

Ano de Criação	Instituições de Ensino da Enfermagem	Representações Objetais de Enfermeira
1890	Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras	Uniforme composto por vestido com gola alta e mangas compridas, gorro e símbolo da cruz na cor azul
1914	Curso de Enfermeira Voluntária Cruz Vermelha Brasileira	Uniforme composto por vestido e véu, ambos com o símbolo da cruz centralizado no tórax na cor vermelha
1916	Curso de Enfermeiras Profissionais e Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira	Uniforme composto por vestido e véu, ambos com o símbolo da cruz centralizado no tórax na cor vermelha
1917	Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo	Uniforme composto por vestido e véu, ambos com o símbolo da cruz (cor não identificada)
1918	Curso de Enfermeira-Parteira da Pró-Matre	Uniforme composto por vestido com mangas curtas, véu embutido, gorro com símbolo da cruz na cor verde
1920	Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, desdobramento da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras – secção feminina	Uniforme composto por vestido com mangas compridas e gorro com símbolo da cruz na cor azul
1920	Curso de Enfermeiros do Posto Central de Assistência	Não identificado
1920	Escola de Enfermeiras Municipais	Não identificado
1920	Curso de Enfermeiras da Assistência Particular Nossa Senhora da Glória	Uniforme composto por vestido e gorro com símbolo da cruz (cor não identificado)
1922	Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública	Uniforme composto por vestido, avental e touca com e sem friso escuro, braçal com o símbolo da cruz.

Fonte: Instrumento de pesquisa.

Para tanto, estudos e pesquisas acerca do entendimento dos atributos pessoais foram entendidos como uma das noções de Pierre Bourdieu, conhecidos como representações objetais, tais como: uniforme, véu, gorro, touca, e o símbolo da cruz. Elas foram entendidas como signos exteriores ao corpo, que eram associados aos signos

incorporados (poses e postura) e oriundas das representações mentais (BOURDIEU, 1998, p. 107).

Pode-se citar o estudo realizado por Porto (2007) durante sua tese de doutoramento, sobre sua contribuição para o entendimento do significado do símbolo da cruz ostentado nos uniformes de Enfermeiras. Esta representação objetal, foi identificada como a marca simbólica da Instituição da Cruz Vermelha, bem como o véu, construída ao longo dos anos de sua existência, sendo atribuída à esta Instituição, através dessas representações, a crença na imagem mental da Enfermeira da Cruz Vermelha como bondosa e caridosa.

O véu, em especial, trata-se de um dos elementos simbólicos que a princípio foi identificado como assinatura imagética da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, mas que, também, foi ostentado pelas Enfermeiras do Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo e do Curso de Enfermeiras-parteiras da Pró-Matre, evidenciado no estudo que teve como objetivo desmontar, analiticamente, as peças do uniforme veiculado na Revista da Semana, referente ao rito institucional de formatura em 1931, ostentado pelas Enfermeiras-parteiras do Hospital Maternidade Pró-Matre (FONSECA, 2011, p. 31).

A Cruz Vermelha adotou a cor vermelha para o símbolo da cruz em homenagem às cores da bandeira da Suíça, berço de seu idealizador, Henri Dunant, diferente da cor adotada pelas alunas da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, seção desdobrada da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (PORTO, 2007, p. 77).

As Enfermeiras da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto ostentavam o símbolo da cruz na cor azul em seus gorros, tornando-se assim, marcas simbólicas. O

gorro ao ser decodificado foi interpretado como atributo pessoal de transição para a Enfermagem moderna e a cruz na cor azul, como marca simbólica da psiquiatria, forte influência na implantação da assistência na Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, ao concretizar a imagem mental de auxiliar do médico (PORTO, 2007, p. 156).

As aspirantes às Enfermeiras da Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública foram disciplinadas no bojo da Reforma Sanitária, ostentando em seus uniformes a touca, que representava o marco da Enfermagem moderna e o avental, significando o cuidado de Enfermagem no sentido manual (PORTO, 2007, p. 156).

Neste sentido, cada Escola de Enfermagem, em especial, Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, a Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto e a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública enunciavam uma imagem de Enfermeira à sociedade brasileira, em linhas gerais, como: bondosa, caridosa, auxiliar do médico e intermediadora entre o médico e a população (PORTO, 2007, p. 69).

Conforme apontado anteriormente, até onde se sabe, existiam 10 materializações/iniciativas de profissionalização de Enfermagem (vide Quadro 1) mediante Cursos e Escolas de Enfermagem no Distrito Federal, desde a primeira Escola de Enfermagem do Brasil em 1890, até 1922.

Estas materializações/iniciativas de profissionalização foram reconhecidas mediante estudos de diversos pesquisadores, seja por meio de Regimentos Internos e documentos, como a publicidade dessas Escolas e Cursos na imprensa ilustrada à época. A partir da escolha da Revista Fon-Fon para o presente estudo, nela, foram veiculadas

imagens de Enfermeiras ou aspirantes às Enfermeiras que, em ambientes hospitalares, ostentavam as representações objetais em convergência com aquelas ostentadas pelas alunas das Instituições de Ensino.

Desta forma, as mulheres em ambientes hospitalares veiculadas por meio de publicidade na Revista Fon-Fon, provavelmente, são oriundas de Escolas/Cursos de Enfermagem, mediante ostentação de representações objetais advindas de sua Instituição de Ensino correspondente.

Destarte, existiam Escolas/Cursos de Enfermagem que foram criadas nas próprias dependências hospitalares ou em Casas de Saúde, provavelmente, a fim de se atender àquela clientela atendida pela Instituição de Saúde. Este fato pode ser observado como, por exemplo, o Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo, Curso de Enfermeiros do Posto Central de Assistência e o Curso de Enfermeiras da Assistência Particular Nossa Senhora da Glória, que mediante a veiculação em imprensa ilustrada ou em documento escrito pelo regimento interno da Instituição de Saúde, estas iniciativas se fizeram ver e se fizeram crer.

Na construção desta problematização, identificou-se na obra denominada Assistência Pública e Privada no Rio de Janeiro (1922) mais um Curso de Enfermeiras inaugurado em 1912, inclusive na dependência física do Hospital Evangélico, porém, sem maiores informações sobre esta outra materialização de profissionalização em Enfermagem.

Na mesma década (1910 e 1920) da veiculação dessas diversas iniciativas profissionalizantes em prol da Enfermagem, o Relatório Goldmark foi publicado, em 1923, nos Estados Unidos. Este relatório teve o objetivo de estabelecer os avanços da

educação em Enfermagem, particularmente através do estabelecimento de afiliações universitárias e procedimentos de acreditação nacional (FREIRE & AMORIM, 2008, p. 119).

Preocupado nas questões sanitárias em que a cidade do Rio de Janeiro se encontrava, o Dr. Carlos Chagas, por conhecer o sistema sanitário americano em uma de suas viagens estrangeiras e, a fim de implementar no Brasil o mesmo serviço de enfermeiras sanitárias, solicitou auxílio ao International Health Board, em 1921, que enviou ao Brasil no mesmo ano, uma Enfermeira norte-americana chamada Ethel Parsons (FREIRE & AMORIM, 2008, p. 120).

Esta Missão, como foi liderada pela enfermeira Ethel Parsons, ficou conhecida como Missão Parsons, quando foi criada a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública nos moldes do sistema norte americano para se atender às questões de saúde pública, por influência do Relatório Goldmark, confeccionado em 1923.

Neste período, a enfermeira Ethel Parsons confeccionou o relatório sobre as condições de ensino da Enfermagem, que em suas palavras foi registrado:

> Não existindo em todo o país, nem na América do Sul, uma escola capaz de preparar enfermeiras profissionais, o primeiro passo não podia deixar de ser o estabelecimento de uma escola-padrão, nos moldes das mais modernas existentes nos Estados Unidos (PARSONS, 1923).

Conforme pode-se observar, destaca-se uma divergência de informações entre os dados de Ethel Parsons acerca da falta de Escola para formar Enfermeiras profissionais e os documentos até agora apresentados. No ano de 1922, ano de criação da referida Escola de Enfermagem (EEDNSP), existiam no Distrito Federal, até onde se sabe, 10

Instituições de Ensino da Enfermagem e algumas delas, já atuando em Instituições de Saúde (Quadro 1).

Em outro trecho de seu relatório, Ethel Parsons aponta que para desempenhar as atividades de saúde pública, seria mais um motivo de criação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública e que para isso, seria necessário trazer dos Estados Unidos Enfermeiras qualificadas para desempenhar tal função e instruir as que aqui nasceriam (PARSONS, 1923).

Destaca-se, mais uma vez, o entendimento que se tinha à época, de assistência pública, apresentado anteriormente, onde as ações diversas englobariam àquelas voltadas, tanto para a saúde do adulto e idoso, quanto para a infância e a maternidade, englobando as Instituições de Saúde, fossem elas públicas, privadas, hospícios, dispensários ou policlínicas (SANGLARD & SILVA, 2010, p. 66).

Como argumento de justificativa para a criação da EEDNSP, pelo exposto, a intenção principal foi implementar no país, o sistema que existia nos Estados Unidos, e não pela ausência de Escolas/Cursos de Enfermagem conforme apontado no Relatório Goldmark, uma vez que já existiam Instituições de Ensino voltadas para a formação de Enfermeiras.

Estes marcos históricos foram destaques na imprensa ilustrada, mas para o presente momento destaca-se a publicidade das Instituições de Saúde que, à época, puderam divulgar os seus respectivos serviços de atendimento à população, no Distrito Federal. Esse atendimento poderia ser de cunho assistencial, filantrópico ou de mutualismo.

As Instituições de Saúde ao serem veiculadas na imprensa ilustrada, além de apresentarem as estruturas físicas no sentido de mostrarem os espaços internos – quartos, enfermarias, salas de cirurgias, ambulatórios, dentre outros espaços –, a tecnologia – foco cirúrgico, instrumentais cirúrgicos e macas – apresentavam também o corpo técnico, como médicos e enfermeiros, provavelmente, com o propósito de se fazerem ver, tendo por efeito simbólico a credibilidade institucional.

Destaca-se que os emblemas e os rituais, tiveram importância para a construção da identidade profissional da Enfermeira, uma vez que as tradições exercem um efeito simbólico, que, articulando as representações objetais ostentados pelas Enfermeiras ou nelas inspiradas, aos ritos institucionais das Instituições de Saúde, possivelmente, produziam alguns efeitos, dentre eles, a credibilidade institucional (SANTOS, 2004, p. 85).

Para Bourdieu (1998, p. 97 e 108), o rito institucional é um ato de comunicação que tende a consagrar ou legitimar um estado de coisas, uma ordem estabelecida. As Instituições de Saúde ao serem veiculadas peças promocionais, fossem pagas ou não, na modalidade de reportagens, faziam parte de um campo de luta simbólica, que por sua vez, foi entendida como uma relação de força entre os envolvidos como um modo de classificação, que invoca uma autoridade para impor suas ideias e propostas. Isto será aplicado no presente estudo no sentido de que as Instituições de Saúde, por meio do simbólico, lutavam para impor seus fins e condições para o atendimento do cuidado à população.

Nesta perspectiva, Bourdieu (2010) entende como campo de luta simbólica, o espaço concorrencial, onde os agentes sociais lutam, simbolicamente, por interesses e

aspirações. O campo possui suas próprias regras e hierarquias, além de proporcionar espaço para criação e acúmulo de capital, este, dito de outra forma, é a medida do prestígio, onde um determinado agente social ou Instituição possui em um determinado campo.

Para que a credibilidade institucional ocorresse, uma das estratégias empreendidas na luta simbólica entre as Instituições de Saúde foi veicular imagens em periódicos, onde mulheres ostentando representações objetais de Enfermeiras, apareciam em ritos institucionais no sentido de se fazerem ver e fazerem crer para atrair a população.

Desta forma, as Instituições de Saúde ao veicularem suas imagens nos periódicos ilustrados à época, as Enfermeiras faziam parte do texto imagético. Elas, como composição do texto imagético, baseado no estudo de Porto (2007), identificadas em Escolas de Enfermagem – Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (1890) desdobrada em Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (1920), Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (1922) e Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (1916) –, por meio da luta simbólica no campo jornalístico, lutaram pela enunciação da imagem da Enfermeira, no período de 1919 a 1925, que dentre as conclusões, essas mulheres foram denominadas de agentes mensageiras institucionais.

Na esteira dos acontecimentos, as Enfermeiras ao se formarem nas Escolas/Cursos de Enfermeiras ingressavam no campo profissional, ostentando os elementos simbólicos em seus corpos, possivelmente, oriundos das Instituições de Ensino, como: véu, gorro, touca e o símbolo da cruz em seus uniformes, o que acredita-

se na possibilidade de depósito de credibilidade nas Instituições pelos serviços prestados.

Neste sentido, o estudo se encontra circunscrito no Rio de Janeiro, à época capital do Distrito Federal, justificado por ser o centro cultural, social, econômico, político e de instalações de Instituições de Ensino e Saúde brasileira.

Para tanto, o presente estudo tem por **objeto** o efeito da luta simbólica das Instituições de Saúde, por meio da imagem da Enfermeira, veiculada na imprensa ilustrada, no atendimento à população do Distrito Federal.

Para tanto, se tem como **objetivos**:

- Descrever a distinção das propostas das Instituições de Saúde para o atendimento à população no Distrito Federal, de 1917 a 1930;
- Analisar as representações objetais da imagem da Enfermeira, veiculadas na Revista Fon-Fon, na publicidade das Instituições de Saúde;
- Discutir o efeito da luta simbólica, por meio das publicidades veiculadas das Instituições de Saúde, nas páginas da imprensa ilustrada, para o processo do mecanismo de construção imagética da Enfermeira.

1.3 Justificativa e Relevância

Esta pesquisa vem sendo construída ao longo das discussões pelos pesquisadores do LAPHE, LACENF e LACUIDEN, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

O LAPHE é o grupo de pesquisa criado desde 2000 e inscrito no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, que vem atuando no desenvolvimento da Pesquisa em História da Enfermagem, a partir da relação de graduandos, mestrandos e doutorandos junto a seus orientadores, para a construção de um conhecimento em História da Enfermagem cada vez mais sólido, com o objetivo de buscar, preservar e recuperar documentos de interesse para a historiografia na área da Enfermagem.

Seguindo esta linha de pensamento, o LACENF e LACUIDEN, criados a partir dos objetivos do LAPHE, são grupos divididos por linhas de pesquisa e respectivos responsáveis, com a mesma intenção de construir ambientes de discussão e novas abordagens na pesquisa em História da Enfermagem.

Para tanto, pesquisas paralelas vêm sendo realizadas e articuladas para o desenvolvimento do presente estudo, para a construção de um conhecimento científico em História da Enfermagem com a participação de integrantes dos grupos de pesquisa, tais como artigos científicos que se encontram publicados em periódicos como: Aparelhagem da imagem pública da enfermeira na Revista Fon-Fon (1916-1931), publicada na Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online, outubro/dezembro de 2012; Contribuições legais para a distinção da profissão enfermagem para os cuidadores, publicada na Revista de Enfermagem UFPE Online, janeiro de 2013; Canal Saúde: entrevista sobre a história da enfermagem, profissionalização e legislação, publicada na Revista de Enfermagem UFPE Online, fevereiro de 2013; e artigos científicos que encontram-se em fase de edição, aceito para publicação como: Museu Nacional de Enfermagem Anna Nery: Efeito esperado na exposição de longa duração, aceito para ser publicado pela Revista de Enfermagem UFPE Online, no segundo semestre de 2013.

Os referidos laboratórios continuam a investir nas pesquisas voltadas à História da Enfermagem, como publicações em sítios eletrônicos e produções em multimídia no formato de vídeos localizados no endereço eletrônico: http://lacenf.com.br, dentre eles o vídeo intitulado Cuidados com o Recém-Nascido no século XIX e Gripe Espanhola, este último sobre a dissertação de mestrado "Fatos e Fotos da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no enfrentamento da Gripe Espanhola (1918)", da Mestre Amanda Coury.

Espera-se com isso, que o presente estudo possa contribuir para a trajetória da profissionalização da Enfermagem e que, por meio da abordagem semiótica, possibilite mais um entendimento do mecanismo de construção imagética da Enfermeira brasileira.

Ademais, acredita-se que esta pesquisa possa contribuir para o entendimento do efeito da luta simbólica das Instituições de Saúde, por meio da publicidade da imagem da Enfermeira em seu campo de atuação e que sirva como ferramenta para futuros estudos acadêmicos.

Seção 2
Aspectos Metodológicos e Teóricos

2.1 Tipo de estudo e os documentos para a pesquisa

A proposta do presente estudo encontra-se pautada na perspectiva da abordagem histórico-semiótica, entendida como um meio de ampliar a capacidade crítica e explicativa do fenômeno social, através de uma matriz de análise que visa interpretar a mensagem imagética e as inter-relações entre os grupos sociais envolvidos contidos na fotografia. Ela possibilita revelar vestígios dos tempos idos, e para se chegar à sua mensagem, é necessário inseri-la num panorama cultural e histórico, técnica utilizada pela abordagem histórico-semiótica (MAUAD-ANDRADE, 1991, p. 12-21).

Nessa perspectiva, Mauad-Andrade (1996) entende a fotografia como o resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, assumindo funções sígnicas diferenciadas.

Dentro da perspectiva do método histórico-semiótica, a fotografia pode contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações das classes e atuar como eficiente meio de controle social, através da educação do olhar (MAUAD-ANDRADE, 1996, p. 84).

A mensagem, por sua vez, é entendida como uma combinação de signos enviados pelo emissor sob diversas funções, de caráter conotativo ou denotativo e interpretada pelo receptor através de códigos, podendo ser verbal ou não-verbal (PEREIRA, 2001, p. 101-102).

Ressalta-se que as imagens presentes nos textos escritos veiculados na imprensa ilustrada foram consideradas *fac-símiles*, uma vez que já foram reproduzidas por meio de cópias do documento impresso original (PORTO, 2009, p. 12).

A seleção dos *fac-símiles* justifica-se, primeiramente, pela sondagem realizada por Ana Maria Mauad-Andrade em sua tese de doutoramento (1991), que selecionou 04 revistas mais requisitadas que circulavam na cidade do Rio de Janeiro no século XX, dentre elas, a Revista Fon-Fon, e em virtude da revista possuir como característica um forte apelo nas propagandas veiculadas, além de publicações cômicas e críticas, tornando-se uma revista popular e de maior circulação à época (MAUAD-ANDRADE, 1991, p. 13).

A Revista Fon-Fon, "semanário alegre, politico, critico e esfusiante" circulou na primeira metade do século XX, entre os anos de 1907 a 1958 e apresentava flagrantes da sociedade do Rio de Janeiro, com muitas fotografias, ilustrações, literatura e charges políticas e críticas, com os objetivos de:

> Queremos fazer rir, alegrar a tua boa alma carinhosa, amado povo brasileiro, com a pilheria fina e a troça educada, com a gloza inoffensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes, com o commentario leve às cousas de actualidade. Para os graves problemas da vida, para a mascarada Politica, para a sisudez conselheiral das Finanças e da intrincada complicação dos Principios Sociaes, cá temos a resposta própria; apertar-se a sirêne e... *Fon-Fon! Fon-Fon!* (REVISTA FON-FON, 1907, Nº0001, p. 3).

Neste fragmento, é possível identificar as características predominantes deste periódico, sendo ele rico em ilustrações, charges, propagandas e publicidades, fossem elas políticas, críticas, irônicas, a respeito do cotidiano da sociedade do Rio de Janeiro e em outros estados brasileiros e internacionais.

A revista foi fundada por Gonzaga Duque, Lima Campos e Mário Pederneiras, diretores até 1914, quando Álvaro Moreyra e Hermes Fontes se encarregaram pela direção após os primeiros idealizadores (COURY, 2010, p. 66).

A Revista em questão lançava uma (01) edição por semana, aos sábados. Dentro do período estudado (1917 – 1930), a revista obteve um total de 717 edições. Dessas, 20 edições veicularam imagens de pessoas do sexo feminino, ostentando atributos de Enfermeira.

Ademais, Mauad-Andrade (1991) afirma que as fotografias publicadas na revista eram predominantemente posadas, e que, até a metade do século XX, a fotografia comporia um texto paralelo ao escrito, composto pela presença maciça de fotomontagens dos eventos políticos, esportivos, sociais e artísticos da cidade, juntamente com a vida cotidiana da elite carioca, caracterizando a grande maioria das imagens publicadas.

Destaca-se que a presente revista, vem sendo utilizada como documento de análise para diversos estudos nas áreas de conhecimento, como se pode citar, na área de educação, história e comunicação.

Como exemplo, o estudo intitulado “Representações sobre o feminino e os movimentos transitórios da modernidade: o caso da revista *Fon-Fon* (1907-1914)” apresentado no 25º Simpósio Nacional de História em 2009, pela mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB) à época, Fabiana Francisca Macena.

Estudos acerca da representação feminina na revista em questão também são alvos de pesquisa, como os estudos da mesma autora citada acima, em 2010, que defendeu sua dissertação de Mestrado em História intitulada "Madames, *mademoiselles*, melindrosas: "feminino" e modernidade na Revista *Fon-Fon* (1907-1914)". Para Macena (2010a), a década de 1920 foi considerada o marco da modernidade no Distrito Federal, à época, o Rio de Janeiro, e trouxe consigo fortes marcas dos movimentos feministas e as representações da mulher à época, por meio das páginas da imprensa ilustrada.

A revista era voltada, principalmente, para o público feminino, tratava de tendências da moda em Paris e abordava a vida social dos cariocas na *Belle Époque*. Com suas fortes características ilustrativas, veiculava em todas as edições propagandas e publicidades de diferentes tipos. Era muito comum encontrar, principalmente, ilustrações sobre moda, lojas fazendo marketing de suas roupas com tendências diretamente de Paris; imagens retratando o cotidiano da vida carioca, além de abordar questões políticas de um jeito humorista e crítico (MACENA, 2010a, p. 58).

Andréa Florentino Barletta (2011), pesquisadora no ramo do Jornalismo e da Comunicação, em sua pesquisa intitulada "O não dito nas imagens da campanha presidencial de 2010" apontou a Revista Fon-Fon como sendo uma das revistas ilustradas sofisticadas à época. Com o nome inspirado nas buzinas dos carros, ao mesmo tempo em que dava atenção às manifestações artísticas e de conteúdo textual leve, foi uma revista engajada em assuntos políticos e sociais, difundindo novas ideias através de suas páginas. A autora inclusive apresenta no texto, uma imagem de uma das capas da revista apoiando os movimentos feministas que ocorreram na época.

Além disto, outros estudos contribuíram para reforçar a escolha da imprensa ilustrada, como "Crianças de revistas (1930/1950)", realizado pela doutora em História Olga Brites (2000), foi pesquisado e analisado as imagens, caricaturas ou desenhos de crianças publicadas em duas revistas, uma delas a Revista Fon-Fon; dentre outros estudos tais como: *FON-FON!* – Um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da *Belle Époque*, de autoria de Maria Cecilia Zanon, publicada em 2005 na revista Patrimônio e Memória da Universidade Estadual Paulista – Unesp; "Sobre a complexa "arte de prender maridos": a construção da "verdadeira mulher" nas páginas da revista *FON-FON* (1907-1914)" de Fabiana Francisca Macena, publicado em 2010b, no Caderno Espaço Feminino.

O trabalho de Helaine Cristina Dantas apresentado no 6º Simpósio Nacional de História Cultural, em 2012, intitulado "A revista *Fon-Fon* reflete a beleza e a sensualidade das mulheres no início do século XX" e o trabalho de Diva do Couto Gontijo Muniz e Fabiana Francisca Macena (2010), com o título "Semanário alegre, político, crítico e esfuziante: A construção do gênero na *Fon-Fon*", publicado na Revista Tema de Mujeres, também contribuíram para o entendimento da revista e construção da presente pesquisa.

Neste sentido, acredita-se que a opção da documentação imagética veiculada nas páginas da Revista Fon-Fon, tenha sido uma seleção adequada, mesmo diante dos critérios estabelecidos, mas, pelo investimento e resultados das análises dos estudos citados anteriormente.

Os documentos utilizados no presente estudo, fazem parte do acervo particular do coordenador da linha de pesquisa Construção Imagética da Enfermagem, Prof. Dr.

Fernando Porto, oriundas de sua busca na Biblioteca Nacional, além de buscas na Biblioteca da FIOCRUZ, Biblioteca Setorial da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Biblioteca da Escola de Enfermagem Anna Nery e Acervo da Cruz Vermelha Brasileira.

Ressalta-se que foram necessárias outras visitas à Biblioteca Nacional e ao Arquivo Nacional da Cidade do Rio de Janeiro para pesquisar acerca do endereço de algumas Instituições de Saúde presentes neste estudo, tais como: Casas de Saúde Dr. Estellita Lins, Dr. Pedro Ernesto, Dr. Oliveira Motta. Dr. Jayme Poggi, Sanatorio Guanabara e a Maternidade Suburbana.

Esses endereços foram localizados na obra intitulada “Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro – Volume 01 – 1891 a 1940”, com o título Casas de Saude. Esta obra encontra-se no acervo da Biblioteca Nacional e digitalizada no endereço eletrônico da mesma.

O *corpus* do estudo totalizou 29 *fac-símiles*, identificados por números, distribuídos entre 14 Instituições de Saúde, dos quais todos apresentavam pessoas do sexo feminino, dentre elas, mulheres e crianças, ostentando representações objetais de Enfermeira, anteriormente citadas, tornando-se critério de inclusão destas imagens no presente estudo. Dito de outra maneira, imagens de Enfermeiras, ou nelas inspiradas, de 1917-1930, na publicidade das Instituições de Saúde.

As imagens do *corpus* do estudo foram analisadas com base em uma matriz de análise para iconografia, baseados nos conceitos de planos de expressão e conteúdo.

> [Plano de expressão é] a manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não-verbal ou sincrético [e o plano de conteúdo se refere] ao significado do texto, ou seja, como se costuma dizer em semiótica, ao que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz (PIETROFORTE, 2004, p.11).

A matriz de análise é composta por quatro itens. O primeiro diz respeito aos dados de identificação da imagem como nome do acervo em que foi encontrada, nome da revista onde foi publicada, ano, número e página do exemplar, data e o título que acompanha a fotografia. O segundo item se destina aos dados do plano de expressão como legenda, texto acompanhando a imagem, qual a relação texto-imagem, o tipo de foto (posada ou espontânea), formato (retangular, quadrada ou irregular) e a localização da imagem em relação à página (ANEXO A).

A terceira parte da matriz destina-se aos registros dos dados de plano de conteúdo, como o local em que ocorreu o *click* fotográfico, se o fundo é natural, interno ou externo, quantas pessoas são retratadas na imagem, quais seus atributos pessoais e se a imagem possui atributos de paisagem. O último item diz respeito aos dados complementares, obtidos de outras fontes (ANEXO A).

Cabe destacar que outros *fac-símiles* foram apresentados neste estudo, como imagens da arquitetura Institucional para que o leitor possa melhor identificar-se e localizar-se acerca da História Institucional. Essas imagens estão identificadas por letras e não serão analisadas com base na matriz de análise.

Para o entendimento do objeto do presente estudo, trabalhou-se com o termo publicidade, uma vez que este expressa a promoção comercial e o estímulo pelo consumo de bens e serviços; neste caso, o consumo por parte da população pelos diversos serviços prestados pelas Instituições de Saúde (MARSHALL, 2003, p. 102).

Epistemologicamente, o termo propaganda se destina a promoção de caráter político, religioso ou ideológico, tendo por finalidade ideias desta natureza. Justificando assim, a escolha do termo publicidade para o estudo, em virtude da possível intencionalidade da matéria publicada no sentido de estimular o consumo do serviço, ou seja, o atendimento à população (MARSHALL, 2003, p. 102).

Ressalta-se a dificuldade de visualização de detalhes em algumas imagens com pouca nitidez, devido ao desgaste do tempo e conservação, o que chama atenção para maior investimento com políticas públicas para a conservação de documentos da Revista Fon-Fon pelo conteúdo disponibilizado.

A validação dos dados obtidos se teve por estratégia serem apresentados nas reuniões dos pesquisadores do LAPHE e LACENF, este último, por meio de banca simulada na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Esta estratégia de ensino-aprendizado adotada pelo grupo (LACENF) possibilitou o ambiente de discussão do material apresentado, onde doutorandos do Programa de Pós-Graduação/Doutorado em Enfermagem e Biociências da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO, por meio da proposta do Prof.Dr.Fernando Porto, simularam bancas, objetivando testar os resultados das pesquisas dos mestrandos orientados por ele, e para treinamento intelectual e de postura para os doutorandos do PPGENFBIO.

A estratégia adotada pelo grupo possibilitou o ambiente propício para a discussão, entre os pesquisadores, dos objetos de estudo e contribuiu para agregar conhecimento e possibilidades para a construção desta pesquisa.

Ademais, o presente estudo respeitou os aspectos legais referentes aos documentos utilizados, respeitando o que se refere à Lei 9.610/1998 (BRASIL, 1998) quanto à autorização, atualização e consolidação da legislação sobre direitos autorais e outras providências. Isto, em especial ao capítulo IV, das limitações aos direitos autorais. Segundo o Artigo 46, não constitui ofensa aos direitos autorais no que diz respeito à reprodução, contato que mencione o nome do autor e a origem da obra (BRASIL, 1998).

2.2 Noções de base

Após a aplicação da matriz de análise, as imagens de foco analítico foram contextualizadas de acordo com a História à época e História da Enfermagem Brasileira, e outras de aderência à análise e discussão, por meio da triangulação dos dados e incorporadas às noções do sociólogo francês Pierre Bourdieu tais como: *habitus*, representações objetais, espaço social, dominação masculina e campo, dentre outras articuladas, quando necessários, em meio ao texto.

De acordo com Triviños (1994) a técnica de triangulação de dados possibilita abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão, considerando que sustenta a impossibilidade de conceder a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com macrorrealidade social.

Nessa perspectiva, a técnica de triangulação de dados foi entendida no sentido de visar à garantia da confiabilidade dos dados coletados, por meio de uma combinação de procedimentos ou metodologias no estudo do mesmo fenômeno, sendo usados vários pontos de referência para determinar característica do objeto de estudo para a

divergência/convergência de dados e ampliar a confiabilidade (TRIVIÑOS, 1994, p. 91).

No que diz respeito ao referencial teórico, Bourdieu (2004, p. 98) utiliza-se de noções como *habitus*, entendido como um sistema de disposições adquiridas na relação de um determinado campo. É um sistema gerador de práticas imediatamente ajustadas ao presente, sendo o produto da história individual, bem como de toda a história coletiva da família, através de experiências vividas ao longo de sua trajetória.

A estratégia adotada por Bourdieu foi fugir do estruturalismo objetivista e do subjetivismo através da noção de *habitus*, entendida por ser o modo como se percebe, senti-se, faze-se, pensa-se, que conduz a agir de determinada forma em uma determinada situação. Como efeito, vestígios vividos por experiências ao longo dos anos e de acontecimentos sucessivos, sendo o *habitus* reconfigurado a cada momento, por ser dinâmico (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2009, p. 27).

Isto pode ser entendido através da formação das enfermeiras, pelas Escolas/Cursos vigentes à época, formando mulheres em estruturas escolares distintas e que ao ingressarem na vida profissional, com o *habitus* configurado, se reconfigurava nas Instituições de Saúde.

Essas mulheres traziam consigo para o campo profissional representações objetais, que para Bourdieu (1998, p. 108) e adotado por Porto (2007, p. 14) é entendido como signos exteriores ao corpo como emblemas, bandeiras, uniformes e insígnias que são incorporadas à *hexis* corporal, ou seja, sua postura e posicionamento mediante sua posição perante à sociedade.

Para a construção do entendimento analítico, Bourdieu (1998) esclarece quanto à *hexis* corporal, entendida por ele como a postura corporal assumida pelo indivíduo, sendo essa capaz de exprimir as disposições do *habitus*. A *hexis* é ligada à motricidade e carrega consigo significações e valores sociais.

Portanto, através da análise imagética dos *fac-símiles* selecionados, foi possível estudar a *hexis* corporal das mulheres presentes nas publicações das Instituições de Saúde no campo da imprensa ilustrada e das figuras masculinas observadas predominantemente em número maior e destacados nos arranjos fotográficos.

A noção de campo foi entendida na perspectiva de Bourdieu (2010, p. 65) como uma delimitação do espaço social que, pressupõe ideia de confronto, luta entre os agentes sociais de um determinando campo por reconhecimento, posição social privilegiada e acúmulo de capital, sendo o campo possuidor de regras, hierarquias e princípios.

A noção de dominação masculina foi entendida como uma forma particular de violência simbólica, onde uma relação desigual de poder comporta uma aceitação dos grupos dominados, não sendo uma aceitação consciente e deliberada, mas, principalmente, de submissão pré-reflexiva, sendo esta noção abordada pela inter-relação entre as classes dominantes e as dominadas (BOURDIEU, 2010, p. 08).

Desta forma, por meio da noção de dominação masculina, foi possível observar a tendenciosidade de homens com poder aquisitivo maior estarem presentes em eventos comemorativos e em ritos institucionais, como militares, políticos e os próprios diretores institucionais e a característica dessas imagens serem compostas, majoritariamente, por pessoas do sexo masculino.

Isto posto, o campo foi entendido como um local de disputa e que determinados bens são produzidos e utilizados pelos seus agentes sociais, e que esses agentes fazem parte de uma trama interligada e que se distinguem entre posições de dominação ou de dominados (BOURDIEU, 2010, p. 11).

Para esta pesquisa, nas seções que seguem, será possível identificar a luta simbólica entre as Instituições de Saúde no campo da imprensa ilustrada, pela publicidade de seus serviços e atendimento à população, por meio da imagem da Enfermeira.

Nesta perspectiva, a dissertação foi estruturada em mais 04 seções, daqui para frente, a saber:

- Seção 3 – As Instituições de Saúde e a Luta Simbólica pelo Atendimento à População – Esta seção tem a finalidade de apresentar os dados numéricos obtidos na Revista Fon-Fon, de 1917 a 1930, referentes à publicidade das Instituições de Saúde, com base nos entendimentos do sociólogo Pierre Bourdieu, e a luta simbólica travada entre as Instituições de Saúde abordadas neste estudo.

- Seção 4 – A Imagem da Enfermeira nas Publicidades das Instituições de Saúde até o Final do Século XIX – Esta seção tem o propósito de apresentar a História das Instituições de Saúde existentes no Rio de Janeiro, até o final do século XIX, e a imagem das Enfermeiras, ou nelas inspiradas, veiculadas na Revista Fon-Fon.

- Seção 5 – A Imagem da Enfermeira nas Publicidades das Instituições de Saúde: do começo do Século XX até o ano 1930 – Esta seção tem o objetivo de apresentar a História das Instituições de Saúde existentes no Rio de Janeiro, no começo do século XX até o ano de 1930, e as imagens de Enfermeiras, ou nelas inspiradas, que foram publicizadas na Revista Fon-Fon.

- Seção 6 – As Representações Objetais e os Efeitos Simbólicos da Imagem da Enfermeira – Esta seção a finalidade de analisar e discutir as representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras, ou nelas inspiradas, e os efeitos simbólicos da publicidade na imprensa ilustrada.

Desta forma, foi adotada a divisão das Instituições de Saúde por cronologia, divididas entre as que foram inauguradas até o final do século XIX, apresentadas na seção 4, e àquelas Instituições de Saúde criadas no começo do século XX, até o ano de 1930, presentes na seção 5, com o propósito de atender ao período abordado por este estudo (1917 – 1930) e para melhor entendimento do leitor. Ao final, serão apresentadas as considerações finais desta pesquisa.

Seção 3
As Instituições de Saúde e a Luta Simbólica pelo Atendimento à População

A presente seção tem o objetivo de apresentar os dados obtidos referentes à frequência de publicidade das Instituições de Saúde nas páginas da Revista Fon-Fon, de 1917 a 1930, e a luta simbólica pelo atendimento à população.

Entre os anos abordados neste estudo, a revista veiculou imagens de Instituições de Saúde, em momentos como inaugurações e aniversários de fundação, para o atendimento à população, em tempos de calamidade, guerras ou para os cuidados aos doentes.

Com o objetivo de atender à população, as Instituições de Saúde travaram uma luta simbólica, um jogo de interesses, em que, o alvo era o reconhecimento por parte da sociedade, dos serviços prestados pelas Instituições, no campo da imprensa ilustrada, em particular, na Revista Fon-Fon.

No período abordado pelo presente estudo (1917-1930), a revista em questão veiculou inúmeras fotografias, abordando os costumes da sociedade do Distrito Federal e as notícias dos acontecimentos no período, com destaque aqui, em publicidades para as Instituições de Saúde no período proposto.

3.1 Luta simbólica no campo da Revista Fon-Fon

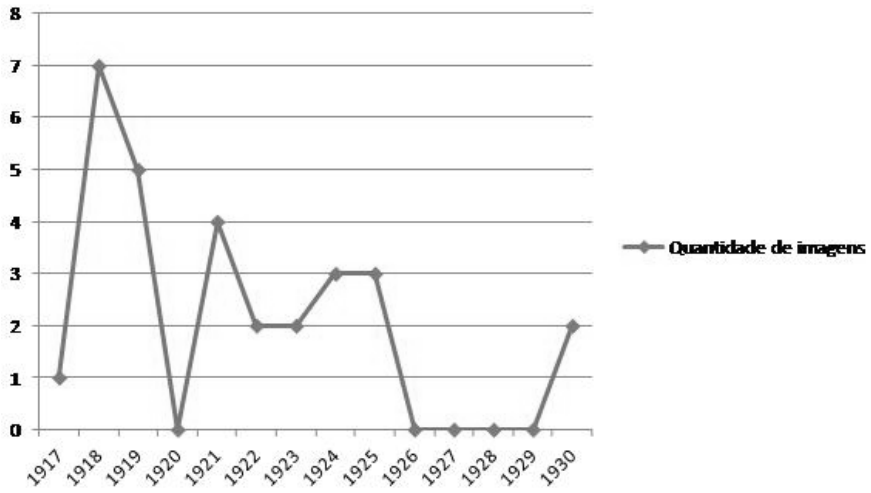
Na luta pelo atendimento à população, as fotografias de diversas Instituições de Saúde foram publicadas na Revista Fon-Fon, tida como a mais popular à época, a fim de publicizar, tanto o ambiente interno das instituições, como enfermarias, quartos, salas de

operação e berçários, como os funcionários que trabalhavam, enfermeiros, médicos, estudantes, faxineiros, telefonistas e motoristas de ambulâncias.

Os achados na Revista Fon-Fon deram origem ao gráfico de número 1 com a finalidade de organizar a frequência das imagens das publicidades das Instituições de Saúde, entre os anos de 1917 e 1930.

O gráfico 1 demonstra a frequência das imagens veiculadas na Revista Fon-Fon, de 1917 a 1930, com base no critério estabelecido, contendo mulheres (Enfermeiras ou nelas inspiradas) ostentando representações objetais de Enfermeiras. Nota-se que o ano de 1918 obteve a maior frequência de imagens publicadas com 24,14%, possivelmente devido ao ano de término da Primeira Guerra Mundial e início da epidemia de Gripe Espanhola. Acontecimentos estes de impacto nas questões sociais, econômicas e políticas, tanto no cenário mundial, como na cidade do Rio de Janeiro, à época Distrito Federal.

Gráfico 1 – Frequência das imagens veiculadas na Revista Fon-Fon referentes à publicação de imagens de enfermeiras, ou nelas inspiradas de 1917 a 1930, na publicidade das Instituições de Saúde.



Fonte: Instrumento de pesquisa.

A Revista Fon-Fon deu ênfase à epidemia da gripe nas páginas de suas edições, veiculando imagens sobre a situação de calamidade que se encontrava a cidade do Rio de Janeiro e outros estados, publicando imagens dos doentes acometidos pelo flagelo, sendo acomodados nas dependências de diversas Instituições de Saúde, Postos de Pronto Socorro, Escolas que viraram Postos de Atendimento e, no atendimento aos cuidados prestados por médicos e enfermeiras, devido à monta de doentes.

A partir de 1919, nota-se um decréscimo até 1920. Primeiro ano com ausência da publicidade de imagens veiculadas, referentes à Gripe Espanhola. No ano seguinte, em 1921, a Revista Fon-Fon publicou 04 *fac-símiles* sobre a inauguração da nova Instituição de Saúde, Internacional Hospital of Brazil.

É possível identificar também, que entre os anos de 1926 a 1929 não houve publicação de imagens de Enfermeiras ou nelas inspiradas, no ambiente das Instituições de Saúde. A partir de 1923, a Revista Fon-Fon obteve um crescente quantitativo de diversas propagandas, envolvendo mulheres com atributos de Enfermeira como, propagandas de remédios e de ritos institucionais voltados para a formatura das alunas de Escolas existentes à época que, devido aos critérios estabelecidos, não entram para a análise deste estudo.

Bourdieu (2007) versa sobre o sistema de relações objetivas entre posições ocupadas pelos agentes no campo como espaço de luta. Em outras palavras, um jogo por interesses ocorridos no campo da imprensa ilustrada, com a finalidade de distinção. Isto se deve em virtude da característica da Revista Fon-Fon em veicular publicidades, sendo a mais popular e, neste caso, os agentes que compõem esse campo, as Instituições de Saúde, lutaram simbolicamente, pelos seus interesses, podendo ser: no atendimento à

população em meio ao ambiente de guerras; epidemias; conflitos políticos e sociais; para se fazerem ver nas páginas de uma imprensa e para que os leitores pudessem crer no que viam nas palavras e imagens publicizadas.

3.2 As Instituições de Saúde no campo

O campo foi entendido por Bourdieu (2007) como um espaço multidimensional de objetivação dos jogos de forças e de lutas. Nele, estão inseridos os agentes e as Instituições que ocupam posições nessa estrutura, orientando suas tomadas de decisão de acordo com os recursos de que compõem.

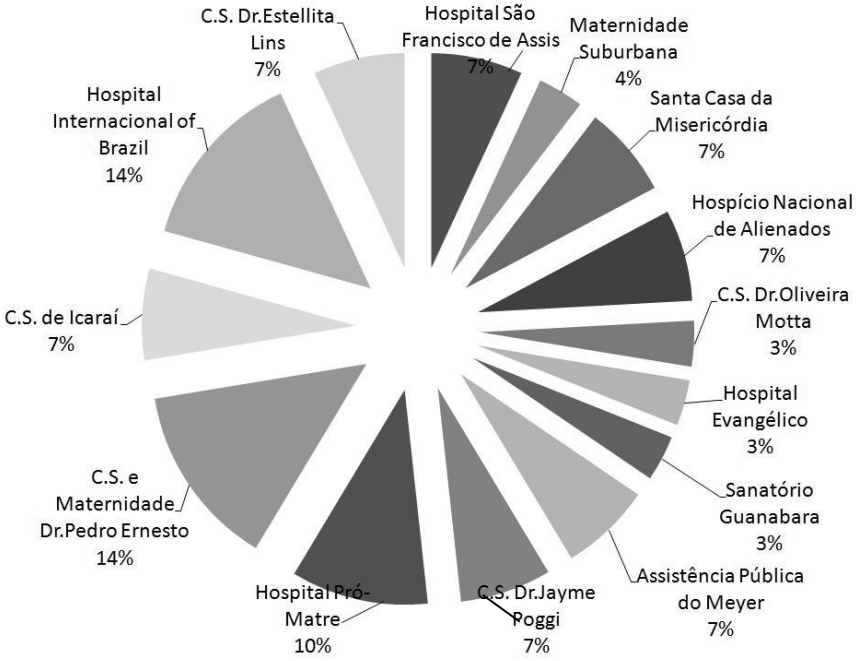
Neste estudo, considerou-se o campo da imprensa ilustrada, mais precisamente a Revista Fon-Fon. Dos agentes sociais que compunham este campo, foram consideradas as Instituições de Saúde existentes à época, de 1917 a 1930, que foram publicizadas nas páginas da referida revista.

Para Bourdieu (2004), a luta entre os agentes sociais de um determinando campo tem por objetivo o reconhecimento, posição social privilegiada e acúmulo de capital. O campo possui regras, hierarquias e princípios. A estrutura do campo ou a posição em que os agentes estão distribuídos nesse espaço é definida pelo capital cultural que cada um dos agentes possuem.

As Instituições de Saúde envolveram-se em uma luta simbólica, com o objetivo de captar e atender à população, ao passo que ao se tornar público e visível, estariam assim se apresentando perante a sociedade, e o capital que cada uma das Instituições possuíssem, ditariam os resultados desse jogo de forças.

O gráfico de número 2 trata-se de uma representação simbólica da luta concorrencial entre as 14 Instituições de Saúde, por meio das peças publicitárias na Revista Fon-Fon (1917-1930) como campo de luta.

Gráfico 2 – Luta simbólica por meio da publicidade das Instituições de Saúde nas páginas da Revista Fon-Fon (1917-1930).



Fonte: Instrumento de pesquisa.

Ainda segundo Bourdieu (2007), o princípio do campo reside no movimento perpétuo de lutas produzidas, e suas hierarquias residem nas ações e reações dos agentes. É no campo, em um jogo de forças, que o capital é incrementado. Desse modo, para que as Instituições se fizessem ver e crer, uma das estratégias adotadas por elas foi justamente tornarem-se públicas mediante sua aparição em uma imprensa ilustrada, a fim de atingir seu objetivo principal: o atendimento à população.

No atendimento à população, à época, as Instituições de Saúde se apresentaram conforme sua característica institucional, podendo ser mutualistas, filantrópicas ou assistenciais. Para o entendimento de Instituições Mutualistas, o estudo de Cláudia

Maria Ribeiro Viscardi (2004) versa sobre as associações mutualistas e filantrópicas existentes na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, que proliferou no Brasil no final do século XIX até meados da década de 1930. Neste estudo, a autora analisa o

crescimento do associativismo atrelado aos movimentos operários dos trabalhadores dando origem aos sindicatos.

Entendeu-se que essas associações mutualistas desempenharam papel fundamental na sociedade. Esses locais foram reconhecidos como ambientes de lazer e solidariedade entre os associados; garantiam a aposentadoria dos trabalhadores, mesmo que parcialmente; exerciam funções como o de reforço de identidade coletiva e amparo aos desvalidos (VISCARDI, 2004, p. 103).

Nas Instituições de mutualismo, eram estabelecidas redes de colaboração entre seus membros, onde os trabalhadores poderiam garantir sua sobrevivência e a de seus familiares, por meio de uma renda complementar. Para filiar-se à mutual era necessário que a pessoa fosse portadora de uma renda regular mínima para pagar as mensalidades, mesmo que baixas (VISCARDI, 2009, p. 294).

No período em que abordou este estudo (1917-1930), foi publicizado na imprensa ilustrada 01 *fac-símile* sobre o aniversário de fundação do Hospital Evangélico, à época, considerado uma Instituição mutualista. Esta assertiva, deve-se aos dados achados na história de criação deste estabelecimento, pois, para que tivessem direito aos cuidados quando necessitados, as pessoas precisavam contribuir com uma renda financeira.

Segundo Viscardi (2004), dentre as funções que desempenhavam as instituições mutualistas, uma delas era a de reforço de identidade coletiva e funcionavam também

como instrumentos facilitadores do processo de construção da cidadania. Além das associações destinadas a prestar ajuda na assistência à saúde, existiam àquelas destinadas a acolher estrangeiros, advindos de outros continentes, em busca de emprego e moradia. Existiam também associações de interesse religioso, e ainda os que abrigavam pessoas de baixa classe, desvalidos, pobres e prostitutas.

Pode-se observar então, que as associações de ajuda mútua não se destinavam somente ao auxílio quando doente, mas também ficaram conhecidas como importantes movimentos populares para a sobrevivência na capital. Esta característica pode ser identificada na história do Hospital Evangélico, criado principalmente para atender às necessidades de pessoas da mesma religião.

De acordo com Pitacas (2009), as Instituições mutualistas tinham a capacidade em integrar a "função econômica e a função social". Dito de outra forma, elas possuíam tanto a função econômica, que produzia bens e serviços, e neste caso, produção de serviços por meio do atendimento à população; e tanto a função social, no qual agregava questões culturais e cívicas, com o objetivo de satisfazer as necessidades em comum e de seus beneficiários.

Estudos como o de Ronaldo Pereira de Jesus (2007) iluminam acerca das diferenças entre o mutualismo e a filantropia. As Instituições filantrópicas ofereciam socorro aos necessitados sem que houvesse por parte destes, colaboração financeira em troca dos serviços e mantinham uma relação vertical de dependência e/ou de subordinação para com os necessitados e possuíam caráter religioso. Em contrapartida, as Instituições mutualistas mantinham uma relação horizontal com os seus

colaboradores, funcionavam como organizações cooperativas, para que pudessem atender às necessidades em comum, mediante ajuda e via de mão dupla.

Destaca-se, que, Jesus (2007) aponta para algumas Instituições mutualistas que desempenharam atividades filantrópicas, porém, elas o faziam não para com os seus associados, mas sim para os necessitados que não faziam parte desta associação mútua.

As Instituições de fins filantrópicos eram àquelas destinadas a prestar serviço à sociedade, principalmente aos pobres, e que não possuíam a finalidade de obter lucros. Eram entidades muitas das vezes mantidas através de doações e trabalhos voluntários (VISCARDI, 2009, p. 292).

Ressalta-se que o mutualismo e a filantropia faziam parte da assistência pública inclusive, englobando as Instituições públicas e privadas, conforme o entendimento de assistência pública apresentado anteriormente. Por outro lado, essa assistência se encontrava dissociada das ações de saúde pública, que deveriam atuar no combate e profilaxia das doenças infectocontagiosas, nas epidemias e saúde dos portos porta de entrada dessas doenças (SANGLARD & SILVA, 2010, p. 66).

Conforme dito, o capital que cada uma das Instituições possuíssem, evidenciariam assim, algumas Instituições mais visíveis ou mais conhecidas, e outras não. Esta observação foi possível pelo quantitativo de *fac-símiles* que cada Instituição obteve na veiculação da revista.

De acordo com o gráfico 2, pode-se destacar algumas Instituições que obtiveram uma frequência maior de *fac-símiles* publicados, como a Casa de Saúde e Maternidade

Dr. Pedro Ernesto e o Internacional Hospital of Brazil, onde foram publicados 04 *fac-símiles* para cada Instituição, na Revista Fon-Fon.

Em 24 de fevereiro de 1918, inaugurou-se a Casa de Saúde e Maternidade Dr.Pedro Ernesto, e para materializar este acontecimento, a Revista Fon-Fon veiculou, sobre esta inauguração, 06 *fac-símiles.* Dentre eles, além de publicar a fachada do prédio, e um grupo de pessoas que participaram deste rito institucional, ao menos 03 *fac-símiles* possuíam em seu arranjo fotográfico, mulheres ostentando representações objetais de Enfermeira, apresentando ao leitor da revista, suas dependências hospitalares, tais como: berçário, sala de operação e de esterilização.

Observa-se, portanto, a apresentação, por parte dos membros institucionais, e, neste caso, das Enfermeiras, ou nelas inspiradas, dos espaços da Casa de Saúde e os serviços prestados à população, principal alvo consumidor dos serviços hospitalares.

A Casa de Saúde Dr. Pedro Ernesto, possivelmente, preocupou-se em tornar visível seus equipamentos de esterilização, modernos à época, referentes à questão da importância dos equipamentos utilizados pelos membros institucionais, estarem devidamente estéreis para a realização de procedimentos, tais como cirurgias obstétricas, por exemplo, uma vez que a Casa de Saúde apresentou-se como Maternidade.

A pesquisa de Claudia Regina Rodrigues Ribeiro Teixeira (2004, p. 23) pretendeu analisar as consequências que a reforma implantada pelo Dr. Pedro Ernesto, em 1933, trouxe para a classe médica, no Distrito Federal. Neste estudo, a pesquisadora faz um breve regaste histórico bibliográfico deste médico, e, revela as articulações construídas pelo médico ao longo de sua trajetória acadêmica e profissional, não só

pelas relações do ramo da medicina, como também políticas, que possivelmente possibilitou que realizasse empréstimos bancários para a construção de sua Instituição de Saúde.

A Casa de Saúde Dr. Pedro Ernesto preocupou-se, em tornar público, seus espaços para a realização de curativos e exames, ao passo que um dos membros da equipe de médicos, sem identificação, apresenta este espaço à população. Neste *fac-símile,* que não foi utilizado para análise do estudo, devido aos critérios estabelecidos, é possível observar as camas para a realização dos procedimentos, bem como cadeiras, lixeiras, balança de peso, bacias e um armário.

Pode-se observar a dinâmica dos arranjos fotográficos, ao passo que, as mulheres aparecem apresentando ambientes de berçário, como a principal agente pertencente deste ambiente de cuidado às crianças, e o homem, o detentor dos procedimentos técnicos, como os curativos.

Anos depois, em 1921, a revista veiculou o rito institucional de inauguração do Internacional Hospital of Brazil ou Hospital Internacional of Brazil (a Revista Fon-Fon se utilizava dessas denominações para identificar a Instituição), localizado no bairro de Laranjeiras. Nesta veiculação, em sua primeira aparição na imprensa ilustrada, foi publicado 01 *fac-símile* no mês de agosto, onde um grupo de pessoas participava da inauguração do novo estabelecimento hospitalar, com a presença, dentre outras, do Dr. Eduardo Pereira, diretor do Hospital, ao lado do Embaixador da Inglaterra.

À luz das noções de Pierre Bourdieu, ter uma figura de relevância política e reconhecimento internacional, trouxe para a Instituição de Saúde, reconhecimento

perante a sociedade e aos leitores da revista, agregando capital simbólico conferindo poder e prestígio para o Hospital (BOURDIEU, 1996 apud PORTO, 2007, p. 56).

No mesmo ano (1921), em outra edição no mês de setembro, a revista veiculou mais *fac-símiles* acerca do Hospital Internacional of Brazil, totalizando 12 *fac-símiles*, dentre eles, uma fotografia do diretor, os espaços externos do Hospital, e ambientes internos, como salas de cirurgias, curativos, exames, enfermarias e quartos particulares individuais.

Pode-se inferir, que, devido aos conhecimentos e articulações empreendidas pelo diretor Dr. Eduardo Pereira, a Instituição de Saúde obteve visibilidade na imprensa ilustrada; possuía capital simbólico, prestígio e poder, conferindo uma melhor articulação com os consumidores da revista. Isto conduziu as Instituições em se apresentar à população, cada vez mais acumulando capital simbólico.

Destacam-se, as alianças formadas pelos agentes como uma estratégia de luta, para se fortalecerem enquanto Instituição e atingirem seus interesses, como pode-se observar na história de criação da Casa de Saúde Icaraí, que foi fundada por médicos reconhecidos da época, como o Dr. Antônio Pedro, que mantinha alianças com o Dr. Oliveira Motta, médico responsável pela maternidade da Casa de Saúde Icaraí, e que por sua vez, possuía uma Instituição em seu nome, a Casa de Saúde Dr. Oliveira Motta.

Desta forma, assim como as relações formadas pelo Dr. Pedro Ernesto, para articular a construção do seu estabelecimento, e entre os Drs. Antônio Pedro e Oliveira Motta, foram entendidas como alianças simbólicas, que funcionavam como estratégias para obter melhor posicionamento e visibilidade no campo, fortalecendo os laços

empreendidos pelos interesses em comum. Para Bourdieu (2010), as estratégias simbólicas tanto poderiam favorecer ou desfavorecer o acesso ao reconhecimento.

Esta assertiva pôde ser evidenciada na frequência de *fac-símiles* veiculadas na imprensa ilustrada, para a publicidade das Instituições de Saúde, onde aqueles que possuíssem articulações, tanto entre as classes médicas, como as políticas, tinham suas Instituições de Saúde mais visíveis e presentes nas páginas da Revista Fon-Fon, no período estudado, e, portanto, obtiveram posição privilegiada no campo da luta simbólica.

Desta forma, constatou-se a ocorrência de uma luta simbólica, entre as Instituições de Saúde, no campo da imprensa ilustrada, para o atendimento à população. Como estratégia de jogo, essas Instituições se aproveitaram da publicidade para tornarem-se visíveis aos olhos da sociedade.

As páginas da Revista Fon-Fon deram visibilidade às publicidades das Instituições de Saúde, oferecendo maior visibilidade e prestígio para aquela com maior acúmulo de capital simbólico.

A seguir, serão apresentadas, nas seções posteriores, as Instituições de Saúde abordadas por este estudo, a História institucional e os *fac-símiles* veiculados na imprensa, com a presença da Enfermeira, ou nela inspirada, por meio das representações objetais por ela ostentada.

Seção 4
A Imagem da Enfermeira nas publicidades das Instituições de Saúde Até o final do Século XIX

As Instituições foram abordadas com base em uma cronologia de criação institucional, para melhor entendimento do leitor. A presente seção aborda as Instituições de Saúde que foram inauguradas até o final do século XIX e que foram veiculadas nas páginas da imprensa ilustrada, no Distrito Federal, o Rio de Janeiro.

Neste sentido, para o momento, se identificou o total de 04 Instituições de Saúde, que articulada à literatura de aproximação foi descrito a criação, ou as circunstâncias que se deu o processo de criação, seguida da imagem da Enfermeira, entendida por meio de sua assinatura imagética.

4.1 Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro

A prática da caridade pelos religiosos na assistência ao debilitado é antiga, não devendo ser esquecida a contribuição dos mesmos no que diz respeito à construção da prática assistencial hospitalar. Durante muito tempo, as dependências da Santa Casa da Misericórdia era a única alternativa para o povo carente, foi o primeiro hospital da cidade do Rio de Janeiro e o terceiro do Brasil.

Esta Instituição foi criada por volta de 1582, porém, sem conseguir acompanhar o intenso crescimento populacional na década de XX, começou a dar sinais de esgotamento de sua estrutura e insuficiente número de leitos para a quantidade de necessitados que crescia cada vez mais. Anos depois, por volta de 1838, após a eleição do novo Provedor da Santa Casa, o advogado e político José Clemente Pereira angariou fundos para uma reforma completa da Instituição, com planos para expandir e resolver

problemas em que o estabelecimento estava passando, como a carência de um sistema de esgoto, má circulação e outras questões insalubres (PÔRTO et al, 2008, p. 33).

O Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia está localizado, atualmente, em um extenso terreno na Rua Santa Luzia nº206 no centro da cidade do Rio de Janeiro. A imagem abaixo ilustra a fachada principal do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia, anos após sua inauguração, composta por uma arquitetura pavilhonar que se mantém até os dias atuais.

***Fac-símile* A –** O prédio da Santa Casa da Misericórdia.



Fonte: Pesquisa na internet.

Na imagem, é possível observar árvores, postes de luz e a área física ocupada pela Santa Casa da Misericórdia, considerada ser de espaço significativo, possuía uma fachada que remete às características greco-romanas, como uma estrutura triangular sustentado por colunas ao longo de sua estrutura.

A Santa Casa da Misericórdia tinha por finalidade atender a população doente, principalmente os desvalidos por se tratar de uma Instituição filantrópica, sobrevivia através de donativos feitos pela população. Atualmente, o seu atendimento é feito pelo Sistema Único de Saúde e também particular.

Na referida Instituição, além de enfermarias, salas cirúrgicas, consultórios, quartos dos internos, salas de aula, em 1917, foi inaugurada uma capela de cunho religioso católico, tendo em vista sua proposta no atendimento articulada à ideologia filantrópica. O *fac-símile* de número 1 a seguir, ilustra o rito institucional de inauguração de um novo espaço da Santa Casa.

O plano fotográfico do *fac-símile* 1, totalizou 19 retratados e é dividido em 02 planos. O primeiro plano, é composto majoritariamente por 07 homens sentados, 04 encontram-se de braços cruzados e os 02 que se encontram no meio do grupo, estão com os braços estendidos sobre as pernas.

Nota-se que o sexto homem sentado da esquerda para a direita está com o olhar direcionado para o lado oposto ao que se encontra o grupo. O segundo plano fotográfico é composto por 11 mulheres de pé, 01 pessoa ao fundo com pouca visualização somente da cabeça e ao seu lado, é possível identificar 01 homem no segundo plano fotográfico de gorro.

O *fac-símile* 1, publicado na revista no dia 18 de agosto de 1917, é do tipo fotorreportagem, o texto iluminava a ocasião da imagem capturada pela inauguração de uma capela na maternidade da Santa Casa, iniciativa do Dr. Vieira Souto (o quarto homem sentado da esquerda para a direita), à época, chefe da 27ª enfermaria da Santa Casa de Misericórdia.

***Fac-símile* 1** – Inauguração da capela na Maternidade da Santa Casa.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1917, Nº0033, p.35.

A presente imagem não possui legenda, é posada e está no formato geométrico retangular, encontra-se no plano fotográfico central e no sentido horizontal à página, pode-se inferir que o local retratado seja o ambiente das dependências da Santa Casa em ambiente externo.

O tema da imagem retratada é de rito institucional, onde as Enfermeiras ostentam representações objetais, tais como: vestido longo na cor clara, com mangas compridas, algumas ressaltam-se o uso do véu e do símbolo da cruz, na cor escura na parte frontal. Os homens sentados se encontram em trajes claros com mangas compridas e gorro. Dentre eles, em 03 homens é possível identificar a gravata na cor escura, sendo que todos usam meias na cor escura com sapatos claros.

Os atributos de paisagem são janelas/portas e cadeiras, onde os homens se encontram sentados, pouco se descreve desse ambiente no sentido do enquadramento fotográfico.

Embora o quantitativo de mulheres tenha sido maior ao de homens, nota-se a dominação masculina no arranjo fotográfico do *fac-símile* 1, onde os homens encontram-se sentados e as mulheres de pé.

Esta noção foi entendida por Bourdieu (2010) como uma construção social que foi naturalizada ao longo dos tempos na sociedade. Para o autor, os ritos institucionais, em virtude de seu caráter solene e extra-ordinário, são os meios ideias para a reprodução desta dominação, tornando-se ainda mais insidiosa e eficaz.

A próxima imagem trata-se, também, de um rito institucional referente à homenagem dos internos ao Dr. Vieira Souto. Neste *fac-símile* de número 2, o arranjo fotográfico se apresenta em três planos, totalizando 28 retratados.

***Fac-símile* 2 –** Homenagem por parte dos internos ao Dr. Vieira Souto.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1919, Nº0003, p.23.

O primeiro plano fotográfico é composto por 07 homens. Destes, 06 encontram-se de trajes claros com mangas compridas, gorro, calça escura, meias e sapatos na cor escura e os braços cruzados. Infere-se que o homem sentado com traje social escuro e gravata do tipo "borboleta" seja o Dr. Vieira Souto, homenageado pelos retratados,

segundo o fragmento que acompanha a imagem “Dr. Vieira Souto, chefe de clinica da 27ª enfermaria da Santa Casa da Misericordia, foi alvo de uma carinhosa manifestação por parte dos internos da mesma enfermaria”.

No segundo plano fotográfico, são retratados 12 homens de pé em trajes claros, mangas compridas e gorro, alguns de braços cruzados, seus olhares se encontram direcionados, provavelmente, para a lente da máquina fotográfica, sendo eles possivelmente os estudantes de medicina.

O último plano fotográfico pode-se identificar 09 mulheres de pé, das quais 06 – da esquerda para a direita, a segunda até a sétima – ostentam em seus uniformes de cor clara, composto de véu com o símbolo da cruz na cor escura, na parte frontal e no centro do tórax. A oitava retratada ostenta uniforme na cor clara com o véu, sem a marca de distinção da cruz na cor escura – frontal e torácica – e a primeira e a nona mulheres se diferenciam das demais na representação objetal de cabeça, o gorro.

No *fac-símile* 2, cabe destacar, que ele se apresenta em 03 planos, sendo 02 majoritariamente compostos por homens, tendo por atributo de paisagem janelas, cadeiras e, talvez, alguma estrutura diferenciada para se sustentar o terceiro plano fotográfico, não sendo possível de se identificar o material ou objeto.

Para Bourdieu (2010) a dominação encontra um ambiente para exercer suas atividades. O poder concedido aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho e de reprodução biológica e social, conferindo aos homens a melhor parte.

Dito de outra forma, a dominação masculina, por ser “naturalizada”, torna-se um tipo de violência simbólica, sem efeitos reais, onde os dominados fazem com que esta relação seja vista como natural (BOURDIEU, 2010, p. 47).

No arranjo fotográfico, nota-se o efeito de claridade onde as pessoas que estão de uniforme na cor clara, fazem com que a pessoa em trajes na cor escura, no caso o diretor da enfermaria, que encontra-se no centro da imagem, seja ainda mais destacado.

Essa assertiva de luminosidade, entendida pelo efeito de claridade, foi construída em virtude das mulheres retratadas trajando uniformes na cor clara e de pé, somado aos outros homens também em trajes na cor clara, oferecerem luminosidade à imagem e destacam assim, o homenageado do rito institucional, Dr.Vieira Souto, em contraste com seu traje na cor escura, que encontra-se sentado e centralizado no texto imagético (PORTO & SANTOS, 2007, p. 66).

Em síntese, o *fac-símile* 2 foi veiculado na imprensa ilustrada sob título “Notas medicas” acompanhando 01 imagem do tipo fotorreportagem, referente à temática de homenagem ao Dr. Vieira Souto, por parte dos internos da enfermaria da Santa Casa da Misericórdia. A imagem é do tipo posada, no formato retangular, em plano central e no sentido horizontal à páginda da revista.

Cabe resaltar que o local retratado foi em um espaço das dependências da 27ª enfermaria da Santa Casa da Misericórdia, pertencente à maternidade, considerando a informação do texto que acompanhou a imagem, se tratando de um rito institucional. O fundo imagético foi natural e interno, contém um grupo de 28 pessoas (09 mulheres e 19 homens), onde 09 mulheres se encontram de pé, ostentando seus uniformes na cor clara de mangas compridas.

Observa-se que, no período estudado, foram veiculados 02 *fac-símiles* acerca da Santa Casa da Misericórdia na Revista Fon-Fon, referentes à publicidade das Instituições de Saúde, retratando mulheres ostentando representações objetais de Enfermeira, como parte do texto imagético.

4.2 Hospício Nacional de Alienados

A partir de 1830, ocorreram protestos contra o abandono desumano dos alienados onde os médicos viam a necessidade de se criar um estabelecimento a fim de atender às necessidades dos insanos. José Clemente Pereira, provedor da Santa Casa da Misericórdia à época, assinalava a urgência da melhoria da situação, propondo que fosse erguido um estabelecimento para o referido fim, sendo ele instalado no terreno que pertencia à Santa Casa Misericórdia, localizada na Praia da Saudade, atual bairro da Urca, no Rio de Janeiro (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 536).

Neste sentido, o Decreto nº82/1841 deu início a uma série de iniciativas para sanar àquelas deficiências citadas, sendo proveitoso o momento durante a coroação de D. Pedro II, para ratificar a necessidade, que em suas palavras:

> [...]desejando assignalar o faustoso dia da minha sagração com a creação de um estabelecimento de publica beneficência, hei por bem fundar um hospital destinado privativamente para tratamento de alienados, com a denominação de Hospicio de D. Pedro II, o qual ficará annexo ao hospital da Santa Casa da Misericordia. (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 536).

Ademais, outro dispositivo legal que contribuiu para o andamento das obras foi o Decreto nº1.077 de 04 de dezembro de 1852 no que se refere ao Estatuto do Hospício

como serviço médico dirigido pelo Dr. Manoel Barbosa, entre os anos de 1853 e 1856 (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 537).

Mediante o acima exposto, no contexto monárquico, pôde dar início à construção do edifício, no dia 05 de setembro de 1842, e em dezembro de 1852, quando foram transferidos os primeiros alienados – 74 homens e 70 mulheres –, vindos das dependências hospitalares da Santa Casa da Misericórdia (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 536).

O *fac-símile* B exemplifica outro modelo pavilhonar hospitalar, comum à época, ocupando uma extensa área da antiga Praia da Saudade, atual Praia Vermelha no bairro da Urca, no Rio de Janeiro. Em toda sua extensão, grades e portões estão ao seu redor para que se pudessem conter os alienados.

***Fac-símile* B –** O prédio principal do Hospício Nacional de Alienados.



Fonte: Pesquisa na Internet.

O Hospício de Dom Pedro II passou a ser denominado de Hospício Nacional de Alienados, por meio do Decreto nº142 A/1890, quando também houve a desanexação da Instituição da Santa Casa da Misericórdia, o que pode ser entendido como possível suposição de revitalização administrativa, considerando que desde sua fundação até 1889, a Instituição teria recebido o total de 6.040 alienados, dos quais 2.454 faleceram e

3.269 obtiveram alta hospitalar (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 537).

Neste sentido, para a comemoração de aniversário da fundação do Hospício Nacional de Alienados, a partir da autorização para o início da construção do estabelecimento (1841), em 1925, a Instituição completou 84 anos e a Revista Fon-Fon veiculou imagens sobre o rito institucional.

No rito institucional realizado no salão nobre da Instituição, identifica-se no *fac-símile* de número 3 principalmente, no primeiro plano fotográfico, um grupo de 09 homens, dentre eles: da esquerda para direita – o segundo trata-se do representante do chefe da nação (não identificado) em traje militar, em seguida o Prefeito Alaor Prata, Professor Dr. Juliano Moreira, e ao seu lado, Professor Antonio Austregésilo e o oitavo nesta sequência, infere-se que o retratado seja Professor Dr. Gustavo Ridiel, à época, diretor da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto – seção feminina da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiros, anexa à Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, pelos fortes laços acadêmicos com Juliano Moreira (PORTO & SANTOS, 2007).

***Fac-símile* 3 –** Descerramento do busto em homenagem ao Dr. Juliano Moreira.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1925, Nº0030, p.48.

Nesta cena de rito institucional, ocorrida no dia 25 de julho de 1925, o texto que acompanha a imagem trata-se do descerramento do busto em homenagem ao Professor Dr. Juliano Moreira – à época diretor do Hospício Nacional de Alienados – os retratados do primeiro plano fotográfico encontram-se em *hexis* corporal para foto posada.

O primeiro plano fotográfico é composto por 08 homens em trajes sociais na cor escura, e o segundo da esquerda para a direita, em trajes militares, todos em *hexis* corporal de pé e braços estendidos à frente do corpo. Ao lado do oitavo homem, infere-se que seja o busto do Dr. Juliano Moreira, referente ao tema do momento do *click* fotográfico.

Atrás dos retratados do primeiro plano identifica-se pelo alto, destaca-se, no que se refere às representações objetias na cor clara e o gorro, possivelmente as Enfermeiras ou aspirantes da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, que ao mesmo tempo pode ser ratificado pela confirmação de sua presença no *fac-símile* de número 4, a seguir.

Como atributos de paisagem do *fac-símile* 3, é possível identificar uma mesa ao centro, uma estátua ao fundo e à esquerda da imagem, o busto em homenagem ao Dr. Juliano Moreira e possivelmente portas e colunas.

O *fac-símile* 4 apresenta um grupo de 20 mulheres uniformizadas, em trajes claros, com vestidos de mangas compridas, gola em “v”, botões e gorros, que ao articulá-lo com o *fac-símile* de número 3 confirma a inferência destas mulheres presentes no salão nobre no momento do *click* fotográfico das autoridades retratadas.

***Fac-símile* 4 –** Funcionários do Hospício Nacional de Alienados.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1925, Nº0030, p.48.

O rito institucional ocorrido no dia 25 de julho, faz remeter que as retratadas sejam as alunas da Escola Profissional de Enfermeiras e Enfermeiros que pelos trajes, infere-se a possibilidade de serem da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto – seção feminina –, além das representações objetais ostentadas, e a presença de seu diretor no rito institucional – Prof. Dr. Gustavo Riedel no *fac-símile* 3.

As retratadas encontram-se na parte externa do espaço físico da Instituição, em organização imagética de formato de um triângulo, ladeadas por duas colunas tipo gregas. As mulheres encontram-se com a *hexis* corporal ereta e com os braços estendidos ao longo do corpo, sendo que a primeira e a quarta mulher, da esquerda para a direita, no primeiro plano, encontram-se com as mãos sobrepostas para a frente do corpo. Para Bourdieu (1998), a *hexis* corporal "é capaz de exprimir melhor em sua lógica as disposições profundas do *habitus"*.

Nota-se a presença de um homem que se encontra no terceiro plano fotográfico, em trajes sociais na cor escura e gravata ao lado de uma das colunas gregas. Pelos trajes ostentados por ele, convergindo com sua presença no *fac-símile* 3, e pela ocasião do rito

institucional que ocorreu nas dependências do Hospício Nacional de Alienados, possivelmente trata-se do Dr. Juliano Moreira, homenageado pelo rito.

Como atributos de paisagem, identificam-se 02 colunas do tipo gregas, possivelmente janelas e a entrada principal do Hospício Nacional de Alienados.

A imagem é do tipo fotorreportagem, posada, retangular e está no plano central no sentido horizontal. Infere-se que o local retratado seja na parte externa da entrada principal do antigo Hospício Nacional de Alienados, atual prédio da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no bairro da Urca.

Ademais, destaca-se que no dia, em virtude da presença do sol árvores fizeram sombras, possibilitando alternância da escala de cinza entre clara e escura, pelos tons presentes.

4.3 Hospital São Francisco de Assis

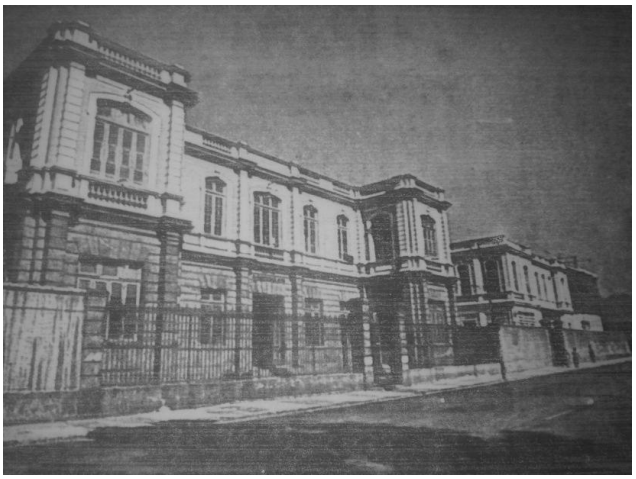
A trajetória de criação desta Instituição iniciou-se em 1879, ano de inauguração do Asilo São Francisco de Assis. Anos depois, o Presidente da República Epitácio Pessoa reinaugurou o estabelecimento hospitalar realizado no dia 07 de Novembro de 1922, passando o nome da Instituição para Hospital São Francisco de Assis, na Rua Visconde de Itaúna, nº375.

O hospital surgiu das adaptações do Asilo de São Francisco de Assis e dispunha de 13 enfermarias distribuídas entre: 06 enfermarias de clínica médica (03 para cada sexo) com 24 leitos cada uma, 02 enfermarias de cirurgia geral (01 para cada sexo) com 24 leitos cada uma, 02 enfermarias de cirurgias do trato urinário (01 para cada sexo) com 20 leitos cada uma, 01 enfermaria de ginecologia com 22 leitos, 02 enfermarias de

clínica otorrinolaringologia com 30 leitos (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 736).

Tratava-se de um novo estabelecimento hospitalar com a visão moderna e sanitária de Carlos Chagas. Acredita-se, até então, que tenha sido o primeiro hospital com um serviço de Anatomia Patológica no Brasil e o local onde ocorreu a primeira transfusão de sangue do país. A instituição era de natureza privada, com o atendimento assistencial à população e atualmente, suas dependências pertencem ao Hospital Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro e sua entrada principal localiza-se na Avenida Presidente Vargas nº2863, seus fundos localizam-se à Rua Afonso Cavalcanti, em frente à atual Escola de Enfermagem Anna Nery (AGUINAGA, 1977, p. 18).

***Fac-símile* C –** Fachada do prédio do Hospital Escola São Francisco de Assis.



Fonte: Assistência Pública e Privada no Rio de Janeiro, 1922.

O estabelecimento possuía ainda, serviços de ambulatórios com suas respectivas enfermarias, farmácia, pavilhão de cirurgia e radiologia, laboratório central de pesquisas clínicas e lavanderia a vapor. O pessoal técnico e administrativo do hospital, à época, era composto pelo diretor, o Dr. Garfield de Almeida, além de médicos chefes de

enfermarias, assistentes e Enfermeiras (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 737).

Para divulgar seus serviços, 02 *fac-símiles* foram publicados na imprensa ilustrada em 1923 e 1930. O *fac-símile* de número 5 é composto por 18 retratados, dos quais 13 são predominantemente do sexo masculino, 04 do sexo feminino e 01 pessoa ao fundo da imagem, que até o momento não foi possível identificá-la.

O *fac-símile* 5, foi publicado na Revista Fon-Fon no dia 26 de junho de 1923, é do tipo fotorreportagem e retrata o então diretor do Hospital São Francisco de Assis, Dr. Garfiled de Almeida ao lado do seu colega e assistente Dr. Artidonio Pampiona, internos e Enfermeiras da mesma Instituição.

***Fac-símile* 5 –** O diretor do H. São Francisco de Assis, Dr. Garfield de Almeida ao lado de médicos, internos e enfermeiras do estabelecimento.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1923, Nº0025, p.52.

A imagem é do tipo posada, irregular, está no plano central e no sentido horizontal em relação à página, o fundo é natural e externo, é composta por um grupo de 18 pessoas, sendo 04 mulheres, 13 homens e 01 pessoa, possivelmente próxima à porta do Hospital, não sendo possível identificar o sexo.

No primeiro plano fotográfico, a mulher ostenta uniforme com vestido na cor clara, mangas curtas, gola em “v”, touca, meias e sapatos claros. Devido à baixa qualidade de nitidez da imagem, é possível apenas identificar gola na cor clara e a parte de cima do uniforme em tons de cinza, nas 03 mulheres pertencentes ao terceiro plano fotográfico. Os homens encontram-se de uniforme na cor clara, mangas compridas, gorro, gravata, meias e sapatos escuros.

Dentre a *hexis* corporal dos retratados, que se apresentaram de forma ereta, de pé, e com os braços estendidos ao longo do corpo, detaca-se a segunda pessoa do sexo masculino, da esquerda para a direita, no primeiro plano fotográfico, que se posiciona com as mãos sobrepostas na frente do corpo, segundo Guglielmi (2013, p. 137) possivelmente traduzem indiferença.

O próximo *fac-símile* foi publicado na Revista Fon-Fon, em 1930, devido à inauguração de uma enfermaria infantil nos estabelecimentos do Hospital São Francisco de Assis. O arranjo fotográfico da imagem é composto por um grupo de 14 retratados, dos quais 02 encontram-se sentados – Dr. Luiz Barbosa de terno na cor escura – e possivelmente um de seus assistentes que se encontra de uniforme na cor clara, mangas compridas e sapatos escuros. As 12 pessoas do segundo plano fotográfico dividem-se entre 08 homens e 04 mulheres de pé. Ressalta-se a distinção por parte das mulheres, onde 02 mulheres ostentam a touca com listras na sua base, como parte de seu uniforme.

***Fac-símile* 6 –** Inauguração da nova enfermaria infantil do Hospital São Francisco de Assis.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1930, Nº0025, p.33.

Esta imagem foi publicada na imprensa ilustrada, é do tipo fotorreportagem e diz respeito à inauguração da enfermaria infantil da mesma Instituição. Esta iniciativa encontrava-se sob direção do Dr. Luiz Barbosa e teve a participação além de funcionários do estabelecimento, dos professores e autoridades públicas. Segundo a legenda, neste *fac-símile* identifica-se o Dr. Luiz Barbosa[2] ao lado de assistentes e enfermeiras, possivelmente o homem sentado em traje de terno escuro.

O *fac-símile* 6 é posado, irregular, está no plano central e no sentido horizontal em relação à página. O fundo é natural e externo, composto por um grupo de 14 pessoas, onde as 04 mulheres presentes ostentam uniforme de vestido na cor clara e gola, dessas, 03 ostentam a touca, mangas compridas, meias e sapatos claros.

Os homens encontram-se de uniforme também na cor clara e mangas compridas, gravata, meias e sapatos escuros. Por conta da ostentação de uniforme em tons claros pelas pessoas retratadas, o homem sentado, possivelmente o Dr. Luiz Barbosa, que se

[2] Considerado um profissional conceituado no campo da saúde, com vasta experiência clínica e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dirigiu a Policlínica de Botafogo, instituição esta destinada ao atendimento assistencial médico e cirúrgico gratuito aos pobres.

encontra de traje social escuro, meias e sapatos escuros, destaca-se no arranjo fotográfico, conferindo-lhe o efeito de claridade.

Este efeito de claridade foi entendido por Porto e Santos (2007) quando àqueles que se encontram em trajes claros e se dispõe ao redor daquele de trajes escuros, proporcionam destaque e maior visibilidade.

Destarte, as pessoas do sexo masculino encontram-se em maior número do que as pessoas do sexo feminino. Bourdieu (2010) entende que essa valorização do sexo masculino encontrava-se inveterada em suas mentes, e funcionava como um esquema de percepção, pensamento e ação.

Como atributos de paisagem, destacam-se portas, janelas e possivelmente cadeiras ou bancos, para que as pessoas sentadas pudessem se sustentar.

4.4 Hospital Evangélico

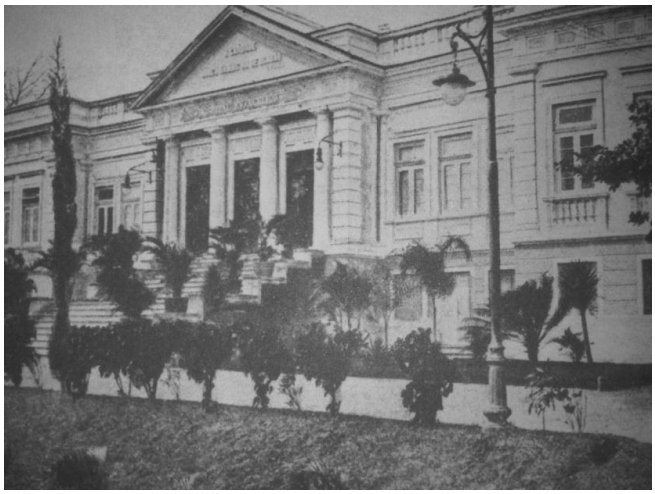
Em 1887, um grupo de protestantes se reuniu a fim de se criar uma Instituição na cidade do Rio de Janeiro, composta por uma sociedade destinada a construir e manter um hospital, onde pudessem ser recolhidos não só os irmãos de crença, como também os pobres desvalidos em geral. No dia 11 de outubro do mesmo ano, foram discutidos e aprovados os estatutos, sendo dada à Instituição a denominação de Associação Fundadora e Mantenedora do Hospital Evangélico (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 126).

Após uma reunião em outubro de 1891, o nome mudou para Associação do Hospital Evangélico Fluminense. Esta associação era composta de sócios dos dois sexos, de qualquer nacionalidade e estado, membros das diversas igrejas evangélicas do

Brasil, porém facultava-se a admissão de qualquer pessoa, mesmo não pertencendo à religião predominante (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 126).

Em 07 de novembro de 1892 foi disponibilizada a compra do terreno pela Associação do Hospital Evangélico na Rua Bom Pastor nº83, no bairro da Tijuca, e dia 14 de julho de 1896 foi lançada a pedra fundamental do edifício, sendo presidente da associação o Comendador Antônio Januzzi[3]. Desta data em diante, seguiram-se as obras de construção do prédio com irregularidades devido às dificuldades financeiras. No dia 12 de outubro de 1912 as obras foram enfim concluídas (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 528).

***Fac-símile* D –** Fachada principal do prédio do Hospital Evangélico.



Fonte: História da Saúde no Rio de Janeiro – Instituições e Patrimônios arquitetônicos, 2008, p.82.

[3] Antônio Januzzi era imigrante italiano, especialista em acabamentos refinados e dono da maior construtora da cidade do Rio de Janeiro na época. Residia no Morro da Viúva e ficou conhecido por ser responsável pela construção de 20 palacetes na Avenida Rio Branco, dentre outros espalhados pela cidade. No dia 02 de junho de 2012 foi descerrado o busco em sua homenagem na Rua Sete de Setembro, esquina com a Av. Rio Branco (INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO, 2012).

O *fac-simile* D ilustra a fachada principal do Hospital Evangélico, que atualmente localiza-se no mesmo endereço de origem, próximo ao morro do Sumaré. Observam-se arbustos, árvores e grama. É possível observar um poste de luz e o chão cimentado levando às escadas que dão acesso às entradas da Instituição, que possuía amplas janelas ao longo do estabelecimento.

Para atender quem procurava a Instituição, esta, disponibilizava de duas enfermarias gerais, além de amplos quartos particulares, confortáveis e higienicamente instalados, gabinetes de operações cirúrgicas, seção de maternidade, gabinete de cirurgia dentária, consultório para o público e associados, pavilhão de isolamento, necrotério e demais dependências necessárias (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 529).

Por se tratar de uma Instituição mutualista, os associados distinguiam-se entre contribuintes, que se inscreviam com o compromisso de pagamento da contribuição mensal; remidos eram pessoas que pagavam de uma só vez ou por prestações as mensalidades; os associados ativos eram membros em plena comunhão de qualquer igreja evangélica reconhecida pela Aliança Evangélica do Brasil; e os associados honorários, pessoas que não eram membro de qualquer igreja, além de mulheres e crianças. (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 126).

O hospital começou a receber enfermos em novembro de 1912, onde dos 23 doentes, entre associados e não associados, 08 eram de nacionalidade brasileira e 15 estrangeiros; 17 do sexo masculino e 06 feminino, todos de maior idade (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 528).

A mensalidade que deveria ser cumprida pelos associados era de 10$000 (Dez mil-réis) e 5$000 (Cinco mil-réis) mensais, pagos adiantados, e mais 5$000 mil-réis[4] pelo diploma – infere-se ser um tipo de certificado de associado (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 126).

Aos que se encontravam em dia com os pagamentos, estes tinham o direito de recorrer à farmácia e ao consultório quando enfermos, construídos e mantidos pela Instituição. Para as pessoas não associadas, desvalidas e pobres, a Instituição disponibilizava dois leitos. A Instituição pretendia aumentar o número de leitos assim que seus recursos permitissem, porém admitia-se também a internação de qualquer pessoa que pagasse a diária para o devido fim (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 126).

Destaca-se que em fevereiro do mesmo ano (1912), foi inaugurado no estabelecimento uma nova iniciativa de Curso de Enfermeiras pela Sra. D. Maria Pereira da Costa, então administradora geral do Hospital. Cabe destacar que mais dados sobre o Curso não foram localizados (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 529).

Para materializar essa iniciativa, infere-se a possibilidade que o *fac-símile* de número 7 publicado na Revista Fon-Fon, trata-se do grupo de Enfermeiras do Hospital Evangélico, oriundas do Curso de Enfermeiras da mesma Instituição de Saúde.

[4] Para converter a moeda vigente à época (réis) na moeda utilizada atualmente, veja o livro: 1808: como uma rainha, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil (GOMES, 2007); e o site calculos.com, disponível em: <www.calculos.com/moedas.php>.

O *fac-símile* 7 é composto por um plano fotográfico onde observam-se 10 mulheres de pé, em possível ambiente externo, das quais 09 mulheres ostentam uniformes com vestido na cor clara, véu, meias e sapatos claros; a quarta mulher da esquerda para direita de braços cruzados é possível identificar como atributo pessoal, o relógio de pulso; e a sexta mulher da esquerda para a direita ostenta na parte frontal de seu corpo a bandeira do Brasil.

Fonseca (2011), durante a construção de seu objeto de estudo, aponta o uso do relógio de pulso como um produto pessoal de destaque. Por ser um objeto que não era acessível entre as diversas classes da sociedade na época, a pessoa que o ostentava, possivelmente possuía poder aquisitivo maior que as demais. Em sua análise, a autora decodifica o relógio de pulso como uma das representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras-parteiras do Hospital Pró-Matre, tendo como marco inicial sua utilização entre os soldados da Primeira Guerra Mundial, que necessitavam de praticidade para ver as horas, e à luz dos olhos da moda, os relógios de pulso representavam prosperidade.

O *fac-símile* 7, foi publicado no dia 19 de julho de 1924 e é do tipo fotoreportagem, diz respeito sobre a comemoração do 28º aniversário de sua fundação. É posado, irregular, está no plano central e no sentido horizontal em relação à página da revista. O fundo retratado é natural e externo, pelas características possíveis de visualização.

O *fac-símile* referente à publicidade do Hospital Evangélico, é composto por um grupo de 10 mulheres de pé, das quais 09 ostentam uniformes na cor clara, vestidos com mangas curtas e até os cotovelos, gola em “v”, véu, meias e sapatos de cor clara. Apenas 01 mulher, no centro da imagem, ostenta trajes na cor escura e a bandeira do Brasil na

parte frontal do corpo. É possível identificar plantas e um possível gramado como parte dos atributos de paisagem, reforçando a idéia de ambiente externo.

***Fac-símile* 7 –** A comemoração pelo aniversário da fundação do Hospital Evangélico.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1924, Nº0029, p.49.

Neste *fac-símile* de número 7, destaca-se a mulher ao centro que chama atenção por ostentar em seu corpo a bandeira do Brasil. Esta ostentação é entendida por Monica (2007) como patriotismo constitucional, onde procura-se firmar uma cultura política nos cidadãos, para que possam fortalecer os vínculos e interesses em comum.

A bandeira, entendida como uma representação objetal, é um signo exterior ao corpo, que consagra e sansiona os ideais da Instituição, ao ostentar a bandeira e jurar defesa à pátria, consagra e sansiona a afirmação de uma identidade institucional (BOURDIEU, 1998, p. 108).

Pôde-se observar, que no período apresentado, existiam 04 Instituições de Saúde, a saber: Santa Casa da Misericórdia, Hospício Nacional de Alienados, Hospital São Francisco de Assis e o Hospital Evangélico, que tiveram seu nascedouro no século XIX, e foram veiculados na Revista Fon-Fon, para o atendimento à população, e

apresentaram suas características marcantes, dentre elas: filantropia, assistencial e mutualismo.

Não exclui-se, entretanto, a possibilidade de uma Instituição de Saúde apresentar características híbrias, ou seja, apresentar-se tanto como uma Instituição filantrópica, como assistencial, pois conforme apontado anteriormente, a assistência pública deveria abranger ações voltadas à saúde da mulher, criança, adulto, velhice e loucura.

Com base neste entendimento, a Instituição da Santa Casa da Misericórdia, por exemplo, de cunho filantrópico, principalmente, oferecia aos necessitados espaços do cuidar, como enfermarias masculinas e femininas, maternidade, berçário, dentre outros, abrangendo àquelas ações características de uma Instituição assistencial.

No que se refere às imagens apresentadas na presente seção, pôde-se concluir algumas características institucionais, como por exemplo, nos *fac-símiles* publicados sobre a Santa Casa da Misericórdia. O quantitativo do número de pessoas do sexo masculino, maior do que as pessoas do sexo feminino, caracterizou-se pela dominação masculina, onde, mesmo que de forma sutil ou "naturalizada", entendeu-se, que entre as relações sociais dos envolvidos, mantinha-se uma hierarquia de divisão social do trabalho, atribuído às mulheres a tarefa de auxiliar e estar subordinada ao homem.

A mesma característica pôde ser observada no *fac-símile* referente ao Hospício Nacional de Alienados. Por mais que a frequência de pessoas do sexo feminino tenha sido maior à frequência de pessoas do sexo masculino, no último plano fotográfico, ao lado de uma das colunas gregas, no *fac-símile* 4, foi possível visualizar a presença de um homem. Esta presença de figura dominante, demarca seu lugar como o

“responsável” ou o “idealizador” do rito institucional no momento do *click* fotográfico, uma vez que pode se tratar de um dos diretores da Instituição à època.

Em suma, as representações objetais ostentadas pelas mulheres dos *fac-símiles* apresentados, até o final do século XIX, demarcaram uma característica da época, a ostentação do véu e do símbolo da cruz, presentes em 03 *fac-símiles*, referentes à Santa Casa da Misericórdia e Hospital Evangélico.

Em relação ao Hospício Nacional de Alienados e Hospital São Francisco de Assis, as Enfermeiras ou aspirantes, caracterizaram-se, principalmente, pela ostentação do gorro e da touca, respectivamente, totalizando 02 *fac-símiles* para cada Instituição de Saúde.

A seguir, serão apresentadas 10 Instituições de Saúde, que existiram no Distrito Federal, desde o início do século XX, até o ano 1930, diferenciando-se principalmente, ao que se sabe, entre Instituições de cunho assistenciais e filantrópicas.

Seção 5
A Imagem da Enfermeira nas publicidades das Instituições de Saúde: Do começo do Século XX até o ano 1930

As Instituições de Saúde abordadas neste estudo, tiveram suas imagens publicadas na Revista Fon-Fon, como publicidade para se fazerem ver e se fazerem crer nos serviços prestados por elas.

Nesta seção, estão presentes 10 Instituições de Saúde com a respectiva História de criação ou as circunstâncias que se deu a criação e as imagens de Enfermeiras, ou nelas inspiradas, veiculadas junto às publicidades, ostentando representações objetais de Enfermeira.

5.1 Hospital Pró-Matre

O Hospital Maternidade Pró-Matre foi fundado no dia 1º de julho de 1918 e encontra-se atualmente no mesmo endereço de origem, na Avenida Venezuela nº153, na cidade do Rio de Janeiro. Esta Instituição foi fundada pela enfermeira Stella de Carvalho Guerra Duval[5] e por Fernando Magalhães, considerado o pai da obstetrícia no Brasil, era uma associação de caridade e proteção à mulher desvalida e à criança, sem distinção de credos religiosos ou posição social (FONSECA & PORTO, 2011, p. 433).

O hospital era composto também pelas Damas da Cruz Verde[6], associação que lutava contra a fome, a febre amarela e a varíola no início do século XX que, junto a

[5] Stella de Carvalho Guerra Duval (1879-1971), feminista e assistencialista, uma das fundadoras da maternidade Pró-Matre e participante do grupo das Damas da Cruz Verde. Stella Duval tinha o apoio da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) com o objetivo de lutar pelo direito de voto da mulher (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000, p. 502).

[6] O grupo de mulheres pertencentes às Damas da Cruz Verde desenvolviam atividades de assistência social, e essas atividades ganharam maior amplitude política com o surgimento, em 1922, da Federação

outras mulheres e na presença dos seus fundadores, realizaram uma reunião para a implantação de programas referentes à proteção da mulher e da criança carente (FONSECA, 2011, p. 433).

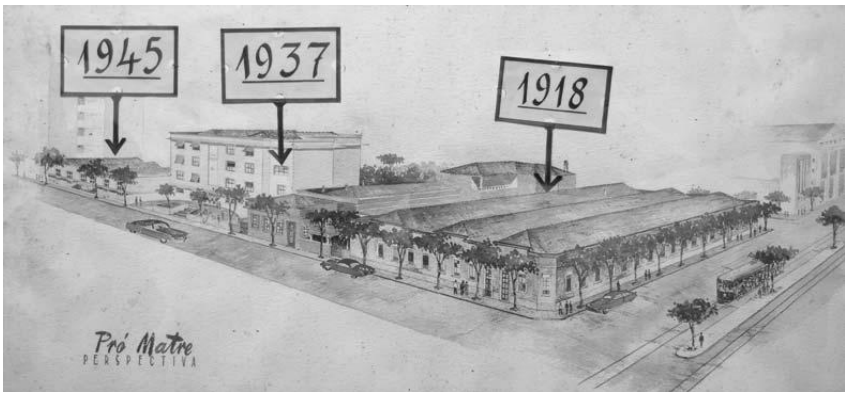
O *fac-símile* E ilustra a fachada principal da Instituição, em 1918, e suas consequentes expansões no decorrer dos anos. Localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, no dia 09 de fevereiro de 1919 foi inaugurado o edifício doado pelo governo federal, com 40 leitos distribuídos em duas enfermarias, uma de obstetrícia e a outra de ginecologia. A Instituição possuía um consultório gratuito, sendo atendidas semanalmente 160 mulheres. Mantinha espalhados pela cidade 17 postos de socorros gratuitos e uma creche para 20 crianças (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 736).

A inauguração deste estabelecimento hospitalar foi muito oportuna à situação em que o país se encontrava. No mesmo ano de sua inauguração, a Gripe Espanhola chegara ao Brasil aumentando significativamente a taxa de mortalidade das cidades, em especial, no então Distrito Federal, totalizando 1.500 mortos assolados pela gripe (COURY, 2010, p. 20).

No atendimento aos doentes, diversas Instituições colaboraram, abrindo suas portas e criando dispensários e postos de socorros para atender às necessidades da população. Uma dessas Instituições, foi a Pró-Matre, tendo seu corpo clínico alvo da publicidade dos jornalistas a fim de tornar públicos e oferecer seus serviços à população.

Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), ao qual a maioria destas mulheres pertenciam (FONSECA, 2011, p.42).

***Fac-símile* E –** A Maternidade Pró-Matre e suas subsequentes expansões.



Fonte: Pôrto et al., 2008, p.155.

Neste *fac-símile E,* é possível observar a extensa área ocupada pelo primeiro estabelecimento hospitalar da Pró-Matre, em 1918, no centro da cidade. Mais adiante, a Instituição se expandiu, propiciando assim, novos ambientes do cuidar voltados à saúde da mulher-mãe e da criança. Esta imagem, nos atenta quanto à área estrutural, ocupando possivelmente um quarteirão, entre ruas ou avenidas, cimentadas e arborizadas.

O *fac-símile* de número 8 foi publicado na imprensa ilustrada apresentando à população o Posto de Assistência da Pró-Matre, sendo composta esta imagem de 09 pessoas, sendo 08 de pé e 01 homem sentado no meio fio da calçada. Dentre os 06 homens que encontram-se de pé em trajes de cor clara e sapatos escuros, identificam-se 02 mulheres ao centro, com a *hexis* corporal de braços cruzados, sendo a primeira mulher da esquerda para a direita a Sra. Guerra Duval fundadora da Instituição.

Este *fac-símile* foi publicado no dia 02 de novembro de 1918, na época da Gripe Espanhola. A imagem diz respeito ao posto de assistência da Pró-Matre e os seus Enfermeiros, prestando serviços aos acometidos da gripe e traz a presença da então diretora da instituição, à época, a Sra. Guerra Duval.

***Fac-símile* 8 –** O posto de assistência da Pró-Matre.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1918, Nº0044, p.26.

A imagem é do tipo fotorreportagem, posada, retangular, está no plano central e no sentido horizontal em relação à página. O fundo retratado é natural e externo; o grupo é composto por 09 pessoas, sendo 02 mulheres e 07 homens.

As mulheres ostentam uniformes de vestido longo na cor clara e mangas compridas, véu com o símbolo da cruz na parte frontal e na parte esquerda do tórax, possivelmente na cor verde, com sapatos claros e com a *hexis* corporal de braços cruzados, possivelmente indicando proteção pessoal (GUGLIELMI, 2013, p. 132).

Os homens encontram-se de uniforme também na cor clara e mangas compridas, 04 estão de gravata na cor escura e todos com sapatos escuros. É possível inferir janelas ou portas como atributos de paisagem.

A Pró-Matre seguiu com sua publicidade no ano de 1919, outros 02 *fac-símiles* foram veiculados na imprensa ilustrada, sobre a benção da sede da referida Instituição, em agradecimento aos seus serviços prestados à população durante a epidemia de Gripe Espanhola.

***Fac-símile* 9 –** A benção da sede social da Pró-Matre.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1919, Nº0007, p.23.

O *fac-símile* 9 foi veiculada na Revista Fon-Fon e diz respeito à benção da sede social da Pró-Matre, pelos serviços que prestou aos acometidos da Gripe Espanhola. Esta Instituição foi referida como o primeiro "refúgio" para as mulheres grávidas, que dispunha de uma creche, sala de operações e consultórios gratuitos.

A referida imagem é do tipo fotorreportagem, posada, retangular e está no plano conjunto, no sentido horizontal em relação à página. Infere-se que o local retratado seja nas dependências da instituição Pró-Matre, uma vez que o tema da imagem seja a inauguração de setores do mesmo estabelecimento.

O fundo é natural e interno, retrata um grupo de 08 pessoas, sendo 04 mulheres ostentando atributos como o uniforme de vestido longo de cor clara, mangas compridas e o símbolo da cruz possivelmente na cor verde, do lado esquerdo do tórax, véu com o símbolo da cruz na parte frontal e sapatos claros.

Ao apresentar as circunstâncias de criação desta Instituição, estudos apontam para a cor verde do símbolo da cruz ostentada pelas Enfermeiras-parteiras, possivelmente sob influência das Damas da Cruz Verde, reconhecidas por suas atividades sociais.

A *hexis* corporal das 03 mulheres, na posição de ereta e de pé, ao lado dos berços, infere-se estarem apresentando o novo espaço da Instituição de Saúde, possivelmente, o ambiente em que elas trabalhavam.

Os homens se encontram de uniforme na cor clara, mangas compridas e gravatas escuras, 01 homem encontra-se de gorro na cor clara. Como atributos de paisagem é possível identificar 02 portas, uma mesa com arranjos florais em cima e 05 berços. Infere-se que o momento do *click* fotográfico tenha sido realizado na creche, por ocasião da inauguração da mesma e por conta dos berços como atributos de paisagem.

O *fac-símile* de número 10 encontra-se na mesma temática veiculada na Revista Fon-Fon no dia 15 de fevereiro de 1919. Identifica-se o Dr. Fernando Magalhães, sentado e de braços cruzados, entre as senhoras Stella Duval, à direita de Fernando Magalhães, e Jenny Amaral à sua esquerda.

***Fac-símile* 10 –** A benção da sede social da Pró-Matre.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1919, Nº0007, p.23.

A imagem é do tipo fotorreportagem, posada, retangular, está no plano central e no sentido horizontal em relação à página, o fundo retratado é natural e interno. O texto fotográfico é composto por um grupo de 32 pessoas, das quais 15 são mulheres, 16

homens e 01 pessoa que devido à qualidade da imagem, não foi possível identificar o sexo.

As mulheres ostentam atributos de Enfermeiras, tais como uniforme com vestido longo e mangas compridas na cor clara, véu com o símbolo da cruz na parte frontal e do lado esquerdo do tórax, meias e sapatos claros. É possível observar a *hexis* corporal das 02 mulheres, da esquerda para a direita, que se encontram sentadas, de pernas e braços cruzados.

Segundo a pesquisadora Anna Guglielmi, o gesto de cruzar as pernas indica um ato de bloqueio ou defesa, pois uma pessoa à vontade, mantém as pernas mais soltas. Os braços cruzados confirmam a postura adotada pelas pernas (GUGLIELMI, 2013, p. 111).

As pernas nesta posição podem, além disso, excluir ou incluir outras pessoas e se tornar um gesto de concordância, dito de outra forma, de imitação da pessoa com a qual se encontra de acordo (GUGLIELMI, 2013, p. 111).

Os homens encontram-se de uniforme na cor clara, mangas compridas, alguns ostentam gorro e gravata, sapatos e meias escuras. Como atributos de paisagem, é possível identificar portas/janelas, uma mesa com arranjo floral em cima e cadeiras.

Mediante o exposto, foi possível identificar no período estudado, a veiculação de 03 *fac-símiles* acerca da Pró-Matre na Revista Fon-Fon, onde retratam mulheres ostentando representações objetais de Enfermeira.

5.2 Casa de Saúde e Maternidade Dr. Pedro Ernesto

Esta Instituição localizava-se na Avenida Henrique Valadares, nº101 à 107. Pouco se sabe das circunstâncias de sua criação, porém a Sociedade Beneficente do Servidor Municipal adquiriu o edifício da antiga Casa de Saúde Dr. Pedro Ernesto para prestar assistência médica aos servidores municipais entre os anos de 1938 e 1939. Transformou-se em uma policlínica e aceitava doações e contribuições voluntárias até 1944 (DUARTE & GOMES, 2008, p. 121).

Devido a um Decreto assinado pelo Prefeito Henrique Dodsworth (1937-1945), a Sociedade transformou-se em Departamento de Assistência ao Servidor da Prefeitura, dando-lhe o nome de Hospital do Servidor. Neste local, atualmente, encontra-se o Hospital Central do Instituto de Assistência dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro (IASERJ) (DUARTE & GOMES, 2008, p. 121).

O nome IASEG, Instituto de Assistência aos Servidores do Estado da Guanabara, surgiu em 1960 com a criação do Estado da Guanabara e passou para IASERJ (com a fusão dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara), pelo Decreto-Lei nº99 de 13 de maio de 1975 (DUARTE & GOMES, 2008, p. 121).

Pedro Ernesto (Prefeito da cidade do Rio de Janeiro 1931-1936) nasceu em Recife no ano de 1884, iniciou os estudos de Medicina na Bahia e os concluiu no Rio de Janeiro em 1908. Alcançou sua boa reputação como cirurgião na cidade carioca, tornou-se mais tarde o médico particular de Getúlio Vargas, e como grande interessado nas questões políticas do Brasil e da cidade, chegou a ser preso por participar de articulações contra o Governo Federal. Pedro Ernesto fazia de sua Casa de Saúde

refúgio e ponto de encontro daqueles interessados pela política (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2001).

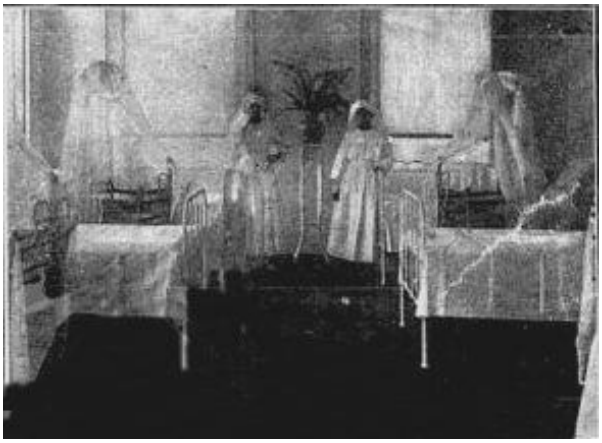
***Fac-símile* F –** A fachada da Casa de Saúde Dr.Pedro Ernesto.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1918, Nº0009, p.13.

Pode-se observar portanto, que por ser reconhecido e por ter prestígio, tanto na área médica, como por ter se interessado pela política, a veiculação da publicidade de sua Casa de Saúde foi facilitada por possuir articulações políticas, e principalmente, por ter sido médico particular de Getúlio Vargas, a Revista Fon-Fon veiculou em suas páginas 05 *fac-símiles* sobre a Instituição de Saúde no período estudado.

***Fac-símile* 11 –** Secção de maternidade.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1918, Nº0009, p.13.

No *fac-símile* de número 11, pode-se observar 02 mulheres ostentando uniformes de cor clara, mangas compridas e o véu. Possivelmente as Enfermeiras desta Instituição estejam apresentando os espaços do novo estabelecimento.

Infere-se que a *hexis* corporal das retratadas tenham sido apresentadas de modo que passasse ao leitor que, aquele espaço era o ambiente de trabalho e pertencente à elas, de modo que as mulheres posicionam-se ao lado das camas e berços, instrumentos utilizados pelas mulheres gestantes ou em período pós-parto, ao lado de suas crianças.

O *fac-símile* 11 é do tipo posado, está no formato retangular e no sentido horizontal à página do periódico. Pode-se destacar as camas com lençóis em tons claros, berços, mobílias, janelas e um arranjo floral como atributos de paisagem.

Nesta mesma data, outros 03 *fac-símiles* a seguir, foram publicados a respeito da inauguração da Instituição de Saúde, ocorrida no dia 24 de fevereiro de 1918. Nestes *fac-símiles*, foi possível observar a apresentação, por parte das Enfermeiras, ou nelas inspiradas, dos espaços da Casa de Saúde Dr. Pedro Ernesto.

Em sua maioria, as mulheres encontram-se em *hexis* corporal de pé, em ambientes como salas de cirurgias e enfermarias, possivelmente ao lado de seus instrumentos de trabalho, como as camas para os cuidados das pacientes da sala de maternidade, berços e macas para a realização de exames.

Foi possível observar a preocupação que se teve ao apresentar aos leitores as máquinas para a realização de cirurgias e esterilização dos instrumentos, tidos como modernos à época. Denota-se que, ao veicular os instrumentos, preocupou-se em tornar público os serviços prestados por esta Instituição de Saúde.

No *fac-símile* de números 12 e 13, é possível a melhor visualização da representação objetal da cruz ostentada no véu das Enfermeiras retratadas. Infere-se, portanto, que na imagem anterior (*fac-símile* 11) a presença da cruz não foi possível por conta da má visualização e qualidade fotográfica.

No *fac-símile* 12, a seguir, infere-se ser no ambiente do setor cirúrgico, uma vez que as mulheres estão apresentando o ambiente de trabalho, sendo possível observar os aparelhos cirúrgicos.

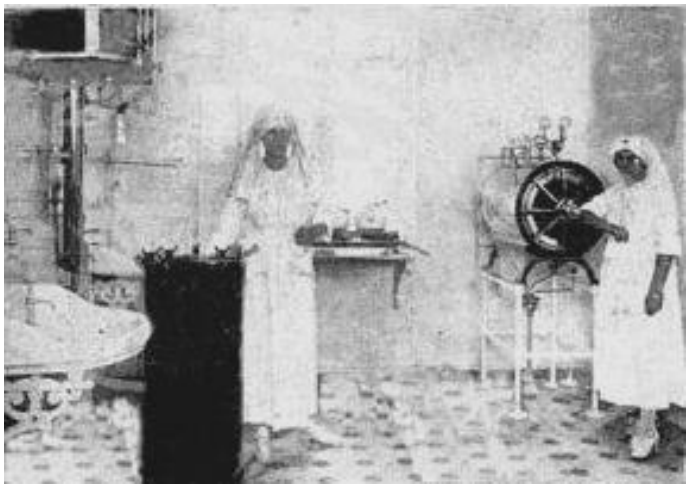
***Fac-símile* 12 –** Sala e mesa de operações.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1918,
Nº0009, p.13.

No *fac-símile* 13, a seguir, é possível observar a presença das mulheres com a *hexis* corporal de pé, ostentando as representações objetais anteriormente citadas, com o acréscimo das meias e sapatos em tons claros. Esta imagem que se apresenta como retangular no sentido horizontal à página, trata-se da apresentação da sala de esterilização com a presença dos aparelhos de esterilização como atributos de paisagem.

***Fac-símile* 13 –** Sala de esterilização.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1918, Nº0009, p.13.

***Fac-símile* 14 –** Grupo na inauguração da Casa de Saúde Dr. Pedro Ernesto.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1918, Nº0009, p.13.

Na imagem do tipo retangular acima, no *fac-símile* de número 14, observa-se um grupo de pessoas prestigiando o rito institucional de inauguração do novo estabelecimento. Dentre as pessoas retratadas, homens, mulheres e criança, destaca-se a presença das Enfermeiras da nova Casa de Saúde Dr. Pedro Ernesto, localizadas no centro do arranjo fotográfico.

Em relação à publicidade da Casa de Saúde Dr. Pedro Ernesto, totalizou 05 *fac-símiles* à respeito da referida Instituição de Saúde, veiculados nas páginas da Revista Fon-Fon.

5.3 Casa de Saúde de Icaraí

A Casa de Saúde Icaraí localizava-se na Praia de Icaraí, nº419, atualmente encontra-se um prédio residencial. Esta Instituição foi fundada em 1920 e dirigida por três médicos: os Drs. Antônio Pedro[7], Ernani de Faria Alves e Leonidio Ribeiro Filho; os três médicos que mais tarde vieram fundar a Faculdade Fluminense de Medicina.

A capital fluminense, álbum de fotografias sobre a cidade de Niterói publicado em 1925, divulgou em suas páginas a respeito da Casa de Saúde Icaraí, com imagens dos três médicos fundadores e da Instituição de Saúde, com breves comentários como o que segue:

> única existente no Estado do Rio, installação completa, com aparelhos dos mais modernos, modelar estabelecimento; com secção de Maternidade, sob a direção do Dr. Oliveira Motta. (ALBUQUERQUE, 1925, p.136).

Destaca-se a presença do médico Oliveira Motta, responsável pelo setor de Maternidade desta instituição. Este, por sua vez, também foi fundador da Casa de Saúde Dr. Oliveira Motta, que será abordada mais adiante. Pode-se observar portanto, as alianças existentes entre a elite médica, uma vez que se unem para fundar Instituições de Saúde para atender à população.

---

[7] Antônio Pedro Pimentel (1877-1930), diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi médico do Serviço Nacional de Saúde Pública (sob direção de Oswaldo Cruz), clínico do Hospital Paula Cândido e diretor do Hospital São João Baptista e da Casa de Saúde Icaraí. Além de primeiro diretor da Faculdade Fluminense de Medicina, foi professor de Propedêutica Médica (DIRETÓRIO ACADÊMICO BARROS TERRA, Disponível em: http://www.dabt.com.br/huap.html).

***Fac-símile* G –** A Casa de Saúde Icaraí.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1923, Nº0039, p.66.

A Revista Fon-Fon veiculou em suas páginas a publicidade a respeito do 3º aniversário de fundação da Casa de Saúde Icaraí. Podemos observar a estrutura arquitetônica da instituição, possuindo 02 pavimentos, com a presença de janelas, portas, portões externos, colunas, calçada e árvore como atributos de paisagem externo.

Esta mesma imagem foi encontrada no livro "A capital fluminense", de 1925. Infere-se, portanto, que para compor o álbum de fotografias a respeito da história da cidade de Niterói, o idealizador do álbum utilizou-se da mesma imagem publicada 02 anos antes pela Revista Fon-Fon, conforme apresentada na imagem que segue, intitulada de *fac-símile* H, é possível obter melhor visualização devido à qualidade fotográfica e nos possibilita detalhar a fachada do prédio da instituição e observar a presença de um poste como atributo de paisagem.

***Fac-símile* H –** A fachada do acreditado estabelecimento.



Fonte: A capital fluminense, 1925, p.136.

Conforme publicizado nas páginas da imprensa ilustrada, a ocasião do *click* fotográfico do *fac-símile* de número 15, refere-se ao 3º ano de fundação da Instituição, em 1923. Segundo noticiado pela revista, a Instituição obteve uma boa aceitação por parte dos moradores da cidade de Niterói.

***Fac-símile* 15 –** Diretora e enfermeiras.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1923, Nº0039, p.66.

Nas publicações a respeito da Casa de Saúde Icaraí nota-se a presença de mulheres ostentando atributos de Enfermeira como no *fac-símile* 15. A imagem acima, é composta por 01 plano fotográfico totalizando 05 mulheres de braços cruzados, onde 04 Enfermeiras, ou nelas inspiradas, ostentam uniformes na cor clara, gola em "v", mangas até os cotovelos, o símbolo da cruz na representação objetal do véu. Ainda é possível observar o atributo pessoal do relógio de pulso ostentado pelas 02 mulheres, da esquerda para a direita. A Enfermeira que encontra-se ao centro da imagem de braços

cruzados sem ostentar o véu, é identificada como a diretora da instituição, D. Marieta Pimentel.

As mulheres encontram-se na *hexis* corporal de braços cruzados, considerado como uma barreira social, indicando proteção. Alguns estudos apontam esse posicionamento como um descaso ao que está sendo ouvido, porém, destaca-se que não se deve tratar como uma verdade entre a literatura e a imagem (GUGLIELMI, 2013, p. 132).

Na mesma publicação, a revista veiculou ambientes da Instituição de Saúde, tais como: salas de operações e os aparelhos de esterilização, modernos à época, como uma estratégia de apresentar os espaços hospitalares à população.

O *fac-símile* a seguir, é composto por um grupo de 08 mulheres, divididos em 02 planos fotográficos, das quais 01 encontra-se sentada, e as demais de pé.

***Fac-símile* 16 –** A diretora D. Marieta Pimentel rodeada pelas enfermeiras no 5º aniversário de fundação da Casa de Saúde Icaraí.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1925, Nº0041, p.53.

O *fac-símile* 16 foi publicado na mesma revista em questão, em seu 5º aniversário de fundação. É irregular, do tipo posado, encontra-se no sentido horizontal à página e é composta por 02 planos fotográficos.

No primeiro plano fotográfico, observa-se a diretora da Instituição, D. Marieta Pimentel, com a *hexis* corporal sentada, de braços repousados sobre as pernas, e com os calcanhares cruzados. Para Guglielmi (2013), os calcanhares cruzados podem indicar um comportamento negativo, ou defensivo, sendo possível também controlar a reação emocional.

A diretora da Instituição, D. Marieta Pimentel, ostenta representações objetais de Enfermeira, como o véu com o símbolo da cruz na parte frontal, vestido na cor clara, gola em "v", mangas até os cotovelos, meias e sapatos claros.

No segundo plano fotográfico, encontram-se as mulheres de pé ostentando as mesmas representações objetais citadas anteriormente, sendo que apenas 02 das mulheres de pé ostentam a o símbolo da cruz no véu, observando portanto uma distinção nos uniformes e possivelmente, a distinção de cargos preenchidos por essas mulheres na Instituição.

Infere-se que o momento do *click* tenha sido realizado no ambiente externo à instituição, podendo observar uma porta que dá entrada à Casa de Saúde, janelas, porta, cadeira ou banco, escadas e possivelmente grama.

O endereço da Casa de Saúde Icaraí foi localizado no álbum de fotografias sobre a cidade de Niterói intitulado "A capital fluminense", publicado em 1925 e encontra-se disponível para consulta na Biblioteca Pública de Niterói.

Foi encontrado nesta mesma obra de 1925, um anúncio sobre a Casa de Saúde Icaraí, que se segue.

***Fac-símile* I –** Anúncio sobre a Casa de Saúde Icaraí.



Fonte: A capital fluminense, 1925, p.170.

Nesta publicidade sobre a Instituição de Saúde, é possível observar a preocupação que se teve em mostrar aos leitores as diversas atividades que a Instituição desenvolvia, como por exemplo, possuía uma seção de maternidade, tratava-se da diabetes, desenvolvia atividades para repouso e banhos de mar, além de possuir "magníficas installações" para atender aos procedimentos cirúrgicos dos que necessitavam.

Nota-se, de acordo com o anúncio, que a Casa de Saúde recebia qualquer doente, com exceção daqueles com doenças contagiosas. Observa-se, portanto, mais uma preocupação em anunciar o critério de exclusão aos doentes, estabelecidos pela Casa de Saúde, possivelmente na intenção de não atender algum doente com doença contagiosa para que não pudesse afetar os outros presentes.

5.4 Posto de Assistencia do Meyer

O Posto de Assistencia do Meyer, antiga Diretoria Geral de Higiene e Assistência Pública, mudou o nome através do Decreto nº1.543 de 20 de abril de 1921

para Departamento Municipal de Assistência Pública e teve como diretor o Professor Luiz Barbosa, que mais tarde veio a fundar a Policlínica de Botafogo.

O Posto de Assistencia do Meyer é um conjunto de serviços de assistência que o Município do Rio de Janeiro organizou para o atendimento à população, mais especificamente para os pobres e desvalidos da então capital, em sua maioria de caráter emergencial (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 646).

As iniciativas para o atendimento à população distribuíram-se entre o Asylo São Francisco de Assis, postos centrais de assistência (Prompto soccorro, Posto de assistencia do Meyer e Posto de assistencia de Copacabana) e dispensário clínico em Copacabana (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 646).

Mesmo com dificuldades financeiras, o Dr. Luiz Barbosa organizou um determinado número de serviços e a organização desses serviços de socorros tinham como sede o Posto Central na Rua Camerino. Logo após, ocorreu a instalação do Posto de Assistencia no Meyer, onde uma placa comemorativa desse fato, com referências elogiosas aos Drs. Carlos Sampaio e Luiz Barbosa, encontra-se logo na entrada do edifício em que foi instalado o referido Posto na Rua Archias Cordeiro nº370. (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 661).

A construção do edifício data do ano de 1911, durante a gestão do Prefeito Marechal Bento Ribeiro (1910-1914) e sua conclusão na gestão do Prefeito Dr. Rivadávia Corrêa (1914-1916). A Instituição começou a funcionar em 12 de Outubro de 1920, com a tríplice função de pronto socorro médico-cirúrgico, dispensário municipal e

de centro de uma clínica dentária escolar suburbana, seu atendimento à população era de natureza pública e do tipo assistencial. Criou-se também um consultório especializado de puericultura médica, cirúrgica e obstétrica. Na gestão do Prefeito Pedro Ernesto (1931-1934) foi renomeado para Dispensário do Méier e atualmente é o Hospital Municipal Salgado Filho (PÔRTO et al, 2008, p. 113).

***Fac-símile* J –** O prédio do Posto de Assistencia do Meyer.



Fonte: Pôrto et al, 2008, p.113.

O edifício do Posto de Assistencia do Meyer era dividido em quatro seções: a primeira era composta pela sala de espera dos doentes do dispensário, sala dos médicos, gabinete de chefe de serviços, portaria, dormitório dos médicos e acadêmicos de guarda, consultórios para exames clínicos dos enfermos, banheiros, serviço sanitários; a segunda compunha de dois salões de curativos e socorro médico-cirúrgico, sala de esterilização, operações de emergência, duas salas uma para cada sexo, onde era feita a triagem e banheiros (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 663).

A terceira seção era o gabinete de clínica dentária infantil, dividida em duas partes, uma para a espera das crianças e a outra para a realização dos procedimentos, secretaria e arquivo, refeitório dos médicos e duas salas para enfermarias de pequena

demora, uma para cada sexo; a quarta e última seção nos fundos do terreno, era o depósito dos "auto-ambulancias", dormitório dos Enfermeiros e pessoal subalterno, depósito de material, enfermaria de ébrios, raio X, necrotério e depósito de gasolina (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 663).

No dia 30 de setembro de 1920 começou a funcionar a Escola de Enfermeiros anexa ao Posto Central. Os médicos formaram uma comissão a fim de promover a inauguração com urgência de um Curso de ensino permanente dos Enfermeiros de ambos os sexos que trabalhavam nas diversas repartições subordinadas à diretoria (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 665):

> Estabelecemos o curso desviando-nos um tanto das organisações congêneres, com a preoccupação máxima de adaptal-o ao nosso meio e attender às nossas necessidades, de modo a obter a maior efficiencia e, prevenidos, em condições de soffrer as mais vastas ampliações, se acaso a pratica aconselhar instituição mais completa. (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 665).

A intenção era de projetar um curso de aperfeiçoamento, regulamentado e organizado de acordo com os trabalhos, tendo em vista que as Escolas de Enfermeiras oficiais existentes à época não poderiam fornecer essa classe de profissionais diplomados do sexo masculino. Foi organizada então a Escola de Enfermeiros, embora também aceitasse mulheres, para o aperfeiçoamento dos profissionais atuantes dos postos e dispensários (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 665).

A comissão organizadora (os médicos) dispôs sobre as aulas (número de duração), de acordo com os trabalhos dos docentes e discentes, instituíram provas para a sua maior eficiência, dividiram o curso em três períodos letivos abordando noções

elementares de anatomia, fisiologia e higiene no primeiro período, no segundo cuidados aos doentes de clínica médica e no último, cuidados aos doentes de clínica cirúrgica (ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO, 1922, p. 666).

O *fac-símile* de número 17 foi publicado na imprensa ilustrada no dia 28 de dezembro de 1918, na página 49 tendo como título *"*A assistencia publica*"*. É do tipo fotorreportagem, acompanhada da legenda *"*Grupo tirado no Hospital Posto de Assistencia no Meyer, actualmente fechado e cuja direcção esteve a cargo do dedicado Dr. Castro Barreto; o 8º a partir da esquerda, sentado*"*.

***Fac-símile* 17 –** Grupo tirado no Hospital Posto de Assistência no Meyer, atualmente fechado e cuja direção esteve a cargo do dedicado Dr. Castro Barreto; o 8º a partir da esquerda, sentado.



Fonte: Revista Fon-Fon, Nº0052, 28/12/1918, p.51.

A imagem veiculada na imprensa ilustrada, *fac-símile* de número 17, é composta por 03 planos fotográficos. No primeiro plano, identificam-se 14 homens sentados, desses, 05 de braços cruzados e 09 com os braços repousados sobre as pernas. Dentre eles, 09 distinguem-se por ostentarem nos uniformes o gorro com o símbolo da cruz em cor escura.

O segundo plano fotográfico é composto por 15 homens de pé; sendo 11 de uniforme na cor clara com o símbolo da cruz no gorro, 02 em trajes de cor escura – terno – e 02 com traje militar. No terceiro e último plano é possível identificar 03

mulheres ostentando uniformes com vestido na cor clara, véu com o símbolo da cruz na parte frontal e também na área esquerda do tórax e 02 homens em trajes na cor escura, sendo que 01 ostenta o gorro com o símbolo da cruz e o outro o braçal com o símbolo da cruz na cor escura.

A imagem é do tipo posada, retangular, está no plano central e no sentido horizontal. Acredita-se que o momento de captura tenha sido no estabelecimento da Instituição, de acordo com a passagem do texto que acompanha a imagem *"*(...)grupo tirado no Hospital e Posto de Assistencia no Meyer*"*. O fundo é natural e externo, o grupo retratado é composto por 35 pessoas, sendo 04 mulheres e 31 homens.

As Enfermeiras encontram-se no terceiro plano fotográfico, ostentando uniformes na cor clara, véu com o símbolo da cruz e também do lado esquerdo do tórax. Esta posição feminina, à luz dos estudos da *hexis* corporal, pôde ser entendida como uma espécie de hierarquia no espaço social do cuidar (COURY, 2010, p. 87). Ainda no terceiro plano, observam-se 02 homens com traje social escuro, sendo um deles ostentando o gorro com o símbolo da cruz e 01 que ostenta o braçal do lado esquerdo com o símbolo da cruz.

No primeiro e segundo planos fotográficos, homens encontram-se de trajes na cor clara, mangas compridas, gorro, alguns com o símbolo da cruz, gravata, meias e sapatos escuros.

Desta forma, de acordo com a disposição, é possível observar a dominação masculina na imagem descrita acima, pela frequência de pessoas do sexo masculino, em relação ao sexo feminino. A divisão dos sexos parece estar "na ordem das coisas", conforme foi explicado por Bourdieu (2010). Para o autor, essa divisão entre masculino

e feminino muitas das vezes, parece ser algo normal, natural, em todo o mundo social, e que foi incorporado nos corpos e nos *habitus* dos agentes (BOURDIEU, 2010, p. 17).

O *fac-símile* 17 foi analisado nos estudos de Coury (2010), onde a pesquisadora identificou o Dr. Castro Barreto – o oitavo da esquerda para direita, sentado –, como sendo um médico sanitarista e estudioso das condições de vida nas favelas no Rio de Janeiro, e que foi responsável pela direção do espaço destinado ao acometido pela gripe espanhola, trajando "jaleco" na cor clara e gorro com o símbolo da cruz (COURY, 2010, p. 86).

No mesmo ano, outro *fac-símile* foi veiculado na imprensa ilustrada sobre a Assistencia do Meyer no seu atendimento à população vítima da Gripe Espanhola. O *fac-símile* de número 18 foi publicado na imprensa ilustrada no dia 09 de novembro de 1918, época da gripe espanhola. Foi publicizada na edição intitulada*"*A Epidemia Reinante*"* que ocupou as páginas das edições da revista a partir de outubro do mesmo ano. É do tipo fotorreportagem, e veio acompanhada apenas da legenda: *"*Assistencia do Meyer*"*.

***Fac-símile* 18 –** O Posto de Assistencia no Meyer.



Fonte: Revista Fon-Fon, Nº0045, 09/11/1918, p.24.

A imagem é do tipo posada, retangular, está no plano conjunto e no sentido horizontal. O fundo é natural e interno e retrata um grupo de 12 pessoas, sendo 01 mulher, 08 homens e 03 pessoas acamadas, possíveis acometidos pela gripe. A mulher ostenta vestido na cor clara com mangas compridas, véu com o símbolo da cruz na parte frontal e do lado esquerdo do tórax. Os homens encontram-se com uniforme na cor clara, mangas compridas, 02 homens ostentam gorro e 02 com trajes escuros. Como atributos de paisagem é possível identificar camas e cobertores para os pacientes.

Coury (2010) destaca a *hexis* corporal adotada pelos acamados. Estes, parecem estar protegidos, por meio da linguagem corporal, pelos profissionais da cena da imagem, em especial, pela Enfermeira, trajando véu e o símbolo da cruz, ao apoiar suas mãos na cabeça do enfermo, e com os olhos voltados para baixo, como se estivesse conferindo-lhe proteção, pelo gesto com as mãos.

Segundo Coury (2010), a pessoa que se encontra com a *hexi*s corporal voltada para baixo, na altura dos pés do acamado, possivelmente trata-se de uma pessoa do sexo feminino, porém, devida à baixa qualidade da imagem, esta assertiva não foi levada em conta no presente estudo.

5.5 Casa de Saúde Dr. Jayme Poggi

Esta Instituição de Saúde localizava-se na rua Marquês de Abrantes, nº192, no bairro do Flamengo. Atualmente encontra-se um prédio residencial.

O Dr. Jayme Poggi era diretor da Casa de Saúde que levou seu nome e foi inaugurada no dia 23 de fevereiro de 1919, e conforme publicado, também era cirurgião do Hospital da Gamboa.

Segundo Freitas (2008, p. 162) o Dr. Jayme Poggi também apresentou sua Casa de Saúde nas páginas da Revista de Ginecologia e d'Obstetrícia em 1919. Segundo o anúncio, sua casa de saúde oferecia "duas excelentes salas de operações protegidas da poeira e do ruído, aparelhadas para qualquer intervenção cirúrgica ou obstétrica, e montada com os preceitos de uma higiene moderna".

***Fac-símile* K –** Fachada do palacete onde funciona a Casa de Saúde instalada à rua Marquês de Abrantes, 192.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1919, Nº0010, p.33.

Podemos observar, portanto, que a precária assistência à área ginecológica e obstétrica no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, levou à criação de estabelecimentos hospitalares para atender este fim. Nesta imagem, é possível observar a extensa área e o caminho cimentado que leva à Instituição, possivelmente com 03 pavimentos, janelas, portas e área arborizada.

O *fac-símile* de número 19 é composto por um grupo de 09 pessoas divididas em 02 planos fotográficos. No primeiro plano, identifica-se um grupo de 05 pessoas, 04 mulheres e 01 homem, todos sentados. As Enfermeiras ostentam uniforme de vestido na cor clara, mangas até os cotovelos, o véu com o símbolo da cruz, meias e sapatos claros. O homem, que encontra-se ao centro das mulheres, também está sentado, ostenta gorro

e avental de cor clara, gravata e calça escuras, possivelmente identificado como o Dr. Jayme Poggi, diretor e médico da referida Instituição de Saúde.

***Fac-símile* 19 –** O diretor Dr. Jayme Poggi, enfermeiras e demais auxiliares.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1919, Nº0010, p.33.

O segundo plano fotográfico é composto por 04 pessoas, dentre elas, 01 homem da direita para a esquerda de braços cruzados, trajes claros e gravata escura, 03 mulheres ostentando uniformes na cor clara e gorro, diferente daquelas mulheres que compõem o primeiro plano.

A imagem é do tipo posada, irregular, e encontra-se no sentido horizontal à página da revista. Infere-se que o momento do *click* fotográfico tenha sido realizado em ambiente externo da Instituição, podendo observar janelas/portas e supostas cadeiras como atributos de paisagem.

Nota-se a *hexis* corporal adotada pelas 04 mulheres que encontram-se sentadas no *fac-símile* 19. Estas, possuem as mãos sobrepostas repousadas sobre as pernas, coluna ereta e pernas paralelas. Para Bourdieu (2010), esta posição expressa uma forma de confinamento simbólico, uma espécie de moral da conduta feminina, de como as mulheres deveriam se apresentar.

***Fac-símile* 20 –** Parte de uma das enfermarias para homens.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1919, Nº0010, p.33.

O *fac-símile* 20 acima, apresenta uma mulher, à esquerda, com a *hexis* corporal lateralizada, de pé e possivelmente com os braços por trás das costas. Esta posição indica que a pessoa encontra-se em estado de repouso, com o desejo de não fazer nada no momento, ou que está a refletir (GUGLIELMI, 2013, p. 139).

A Enfermeira presente na imagem ostenta representações objetais de vestido longo em tons claros, com mangas possivelmente até os cotovelos, véu e o símbolo da cruz, em uma enfermaria masculina, de acordo com a legenda. É do tipo posada, retangular e encontra-se no sentido horizontal à página. Como atributos de paisagem, obsevam-se 03 camas com lençóis e travesseiros em tons claros, 03 móveis ao lado das camas, uma cadeira, porta e janelas.

5.6 Internacional Hospital of Brazil

Durante o processo de Mestrado não foram encontradas mais informações sobre a História de criação desta Instituição, apesar de buscas no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e Biblioteca Nacional, porém suas imagens foram veiculadas na imprensa ilustrada, e localizava-se à Rua Pereira da Silva, nº64 no bairro de Laranjeiras, atualmente encontra-se um prédio residencial no local.

***Fac-símile* 21 –** Inauguração do Hospital Internacional.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1921, Nº0034, p.26.

A imagem identificada como *fac-símile* 21, foi veiculada nas páginas da imprensa ilustrada, com uma pequena legenda referindo o Dr. Eduardo Pereira como diretor desta Instituição, e que a solenidade havia sido presidida pelo Embaixador da Inglaterra Sir John Tilley, ao centro e do lado do diretor do estabelecimento, provavelmente os 02 homens que encontram-se no primeiro plano fotográfico em trajes socias na cor escura.

Este *fac-símile* é do tipo posada, no formato retangular e no sentido horizontal à página. Infere-se que o momento do registro tenha ocorrido em ambiente externo, com a presença de janelas com atributos de paisagem.

Dentre as pessoas retratadas, podemos observar no último plano fotográfico a presença de 04 mulheres ostentando trajes claros e a representação objetal do véu, próximo a uma porta da Instituição. A imagem dessas mulheres foram novamente veiculadas, desta vez com uma aproximação e visualização maior, em outra edição da revista, apresentada como *fac-símile* 22.

***Fac-símile* 22 –** Convidados que apareceram na inauguração do Hospital.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1921,
Nº0036, p.41.

***Fac-símile* 23 –** O corredor do Hospital Internacional vendo-se as enfermeiras.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1921,
Nº0036, p.40.

O *fac-símile* 23 é do tipo posada, em formato retangular e no sentido vertical à página da revista. Foi veiculada por ocasião da inauguração da Instituição e retrata possivelmente 04 Enfermeiras ostentando representações objetais, tais como, o

uniforme de vestido longo na cor clara, mangas até os cotovelos, véu e sapatos e meias claras, no corredor do Hospital.

As mulheres presentes no *fac-símile* 23 apresentam-se com a *hexis* corporal semelhante, na posição ereta e com os braços estendidos ao longo do corpo, como se estivessem apresentando o espaço hospitalar ao leitor.

Ainda no tema de inauguração, o *fac-símile* de número 24, abaixo, também foi veiculado, onde, possivelmente 03 mulheres que adotaram a *hexis* corporal de pé, ostentam àquelas mesmas representações objetais de Enfermeira citadas anteriormente.

***Fac-símile* 24 –** Enfermaria geral do Hospital.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1921, Nº0036, p.41.

De acordo com o texto imagético, infere-se que uma das mulheres encontra-se posicionada à esquerda da imagem, entre uma mesa com arranjo floral e uma cadeira de cor clara. A segunda mulher encontra-se ao fundo da imagem, próxima ao canto esquerdo da parede, e a última, encontra-se à direita da imagem, ao fundo, entre as camas utilizadas para o atendimento.

As Enfermeiras, ou nelas inspiradas, aparecem no ambiente de uma das enfermarias do Hospital Internacional of Brazil. Podemos observar como atributos de

paisagem as camas para assistir aos enfermos, móveis, quadros de parede, uma cadeira e arranjos florais.

5.7 Casa de Saúde Dr. Estellita Lins

Pouco se sabe das circunstâncias de criação desta Instituição de Saúde até o momento, porém sabe-se que seu idealizador e fundador foi o Dr. Estellita Lins, médico reconhecido pelos seus trabalhos na Cruz Vermelha Brasileira. Esta Instituição localizava-se na Avenida 28 de setembro, nº324 e atualmente encontra-se um prédio residencial junto às lojas comerciais.

Por ser reconhecido, um anúncio de gratidão sobre seus feitos foi publicado no jornal Correio da Manhã, no dia 08 de novembro de 1922, página 06, na coluna intitulada "Secção Livre". Neste anúncio, um senhor agradece ao Dr. Estellita Lins e as "humanitaristas enfermeiras" da Casa de Saúde Dr. Estellita Lins pelo procedimento cirúrgico e pela boa recuperação pós-cirúrgica de sua esposa.

***Fac-símile* 25 –** Grupo de enfermeiras ladeando o Sr. Dr. Estellita Lins, distinto e reconhecido clínico e que dirige o importante estabelecimento que tem o seu nome.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1922, Nº0039, p.59.

No *fac-símile* 25, observa-se um grupo de 09 pessoas, das quais 08 são do sexo feminino e 01 do sexo masculino. De acordo com a legenda da imagem publicada, o Dr. Estellita Lins encontra-se no meio das mulheres, de braços cruzados, trajes sociais em

tons escuros e parece estar com os olhos voltados para o lado oposto, no momento do *click* fotográfico.

O *fac-símile* em questão, de número 25, é do tipo posado, encontra-se no formato retangular no sentido horizontal em relação à pagina. Infere-se que o local retratado seja em ambiente externo, uma vez que é possível observar a presença de folhas de árvores ao fundo da imagem. Infere-se também, que o tema seja referente à inauguração desta Instituição de Saúde, uma vez que estas imagens foram publicadas na Revista Fon-Fon com o título "A inauguração da Casa de Saúde Dr. Estellita Lins".

Destaca-se a presença de 08 mulheres trajando atributos de Enfermeiras, tais como o uniforme na cor clara, de mangas compridas, o véu com o símbolo da cruz, este último presente no tórax. Estas mulheres ostentam as representações objetais que remetem àquelas Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

Fernandes da Silva e Porto (2008) inferiram de que essas mulheres provavelmente são oriundas da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, devido às representações objetais ostentadas por elas, apresentadas anteriormente.

Destaca-se, a *hexis* corporal adotada pelas mulheres que ostentam representações objetais de Enfermeiras. Estas mulheres se apresentam de cabeça ereta e possivelmente com os olhos voltados para as lentes da câmera fotográfica. Para Guglielmi (2013) em sua obra "A linguagem secreta do corpo: a linguagem não verbal", a pessoa que adota a postura com a cabeça ereta, participava ativamente do evento que acontecia naquele momento, enquanto, àquela pessoa que adotava uma posição lateralizada, oposta às

lentes fotográficas, como se encontra o Dr. Estellita Lins, demonstrava ser uma pessoa frágil e indefesa.

A próxima imagem, composta por um grupo de pessoas do sexo masculino e feminino, dentre eles, adultos e crianças, foi publicada referente ao rito institucional de inauguração da nova Instituição de Saúde.

***Fac-símile* 26 –** A inauguração da Casa de Saúde Dr. Estellita Lins.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1922, Nº0039, p.59.

Neste outro *fac-símile*, de número 26, veiculado na mesma edição e página da imagem anterior, observam-se um número maior de pessoas prestigiando a inauguração da Casa de Saúde, com a presença do Dr. Estellita Lins, mais uma vez adotando a *hexis* corporal ereta e lateralizada entre as pessoas, no meio do arranjo fotográfico em trajes sociais escuros e braços cruzados.

Observa-se também, a presença mais uma vez das Enfermeiras, provavelmente oriundas da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira. Este deslocamento de pessoal é provavelmente em virtude da inauguração ter como diretor um dos professores da Cruz Vermelha Brasileira, trazendo consigo as Enfermeiras da EPECVB para fazerem parte do quadro de funcionários, firmando assim mais uma vez a crença simbólica na Cruz Vermelha Brasileira.

5.8 Sanatorio Guanabara

O Sanatorio Guanabara localizava-se na rua Pinheiro Machado nº22, no bairro de Laranjeiras. Esta Instituição foi inaugurada em 1924 no antigo Palacete do Morro da Graça, local onde residiu o senador Pinheiro Machado.

Fac-símile **L –** Antiga residência do senador Pinheiro Machado – morto em 1915 – o Palacete do Morro da Graça, que mais tarde veio a se tornar o prédio do Sanatorio Guanabara.



Fonte: Pesquisa na Internet.

Para materializar a inauguração do Sanatorio Guanabara, outrora conhecido como uma importante iniciativa de jovens cientistas brasileiros, a Revista Fon-Fon publicou em suas páginas uma matéria sobre a Instituição do Sanatorio Guanabara. Esta, dispunha de um amplo espaço externo arborizado, jardins, e ainda, modernas instalações hospitalares, aparelhos e salas de operações (FON-FON, Nº0020, 1924, p. 54).

O *fac-símile* 27 a seguir, é composto por um grupo de 13 pessoas, das quais somente 01 homem está presente. O arranjo fotográfico divide-se em duas partes, no primeiro plano, é possível identificar 03 mulheres sentadas na mesma posição, e no segundo plano, 10 pessoas encontram-se de pé.

***Fac-símile* 27 –** O corpo de enfermeiros, serventes e telefonistas do Sanatorio Guanabara.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1924, Nº0020, p.51.

Este *fac-símile* 27 é do tipo posado, em formato irregular, no sentido horizontal e apresenta um grupo de 13 pessoas. Entre as mulheres, destacam-se 06, onde, as representações objetais ostentadas incluem uniforme na cor clara, véu com o símbolo da cruz na parte frontal, vestido em gola "v", botões, mangas até os cotovelos, avental, meias e sapatos claros.

Destaca-se a *hexis* corporal adotada pelas 03 mulheres sentadas, em uma posição rígida. Estas, encontram-se com as pernas fechadas e os pés próximos, apoiados no chão e as mãos contraídas sobre o colo. Nesta posição, as mulheres podem passar a imagem de serem inseguras, perfeccionistas ou rigorosas (GUGLIELMI, 2013, p. 118).

Nesta postura, a pessoa possivelmente seja incapaz de expor seus sentimentos, em um comportamento frio e controlado, é possível guiar os olhos do leitor para a presença de um homem no último plano fotográfico. Embora o texto imagético aponte para as 03 mulheres sentadas, com a *hexis* corporal semelhante, destaca-se a figura de uma pessoa do sexo masculino de pé localizado no centro da imagem. Diante da posição adotada pelo homem no arranjo fotográfico, depreende-se que este esteja em posição de

dominante, uma vez que encontra-se em minoria, principalmente em um ambiente majoritariamente ocupado por pessoas do sexo feminino, destacando assim sua presença no ambiente institucional.

A noção de dominação masculina foi entendida por Bourdieu (2010) como uma forma de violência simbólica incosciente, onde o dominado assume a posição de subordinação incoscientemente. Desta forma, por meio da presença dominante de um homem, pode-se entender a postura rígida e uniforme das mulheres sentadas, como se estivessem sendo obrigadas a adotar aquela posição, inconscientemente, sendo dominadas.

Devido ao momento da realização inaugural da nova Instituição, infere-se que o momento do *click* fotográfico tenha sido realizado em ambiente interno, no *hall* do prédio do Sanatorio Guanabara. É possível identificar como atributos de paisagem, as janelas ao fundo do tipo vitro e cadeiras do tipo colonial onde encontram-se as mulheres sentadas.

***Fac-símile* M –** Interior do Santorio Guanabara.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1924, Nº0020, p.50.

A imagem nomeada *fac-símile* M, também foi publicada nas páginas da Revista Fon-Fon para publicizar a ocasião de inauguração da nova Instituição nas dependências

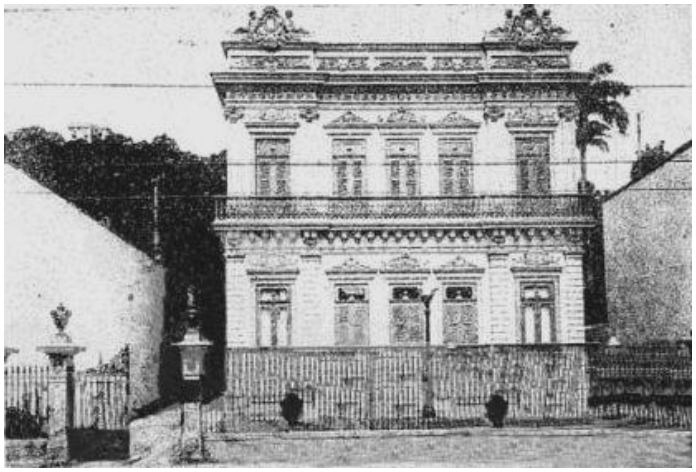
do antigo Palacete do Morro da Graça. Podemos observar as mesmas janelas vitro presentes no *fac-símile* 27, cadeiras, e ainda, porta, mobília de madeira com espelho e um arranjo floral.

5.9 Casa de Saúde Dr. Oliveira Motta

Esta Instituição localizava-se na rua Riachuelo, nº161, onde atualmente encontram-se um prédio residencial e lojas comerciais no bairro do Centro do Rio de Janeiro. Na imagem abaixo, é possível observar a estrutura da Casa de Saúde que foi inaugurada no mês de setembro de 1924.

Conforme publicizado na imprensa ilustrada, este prédio foi remodelado para tornar-se uma Casa de Saúde e possuía aparelhos modernos à época. Abaixo, segue imagem da fachada da Casa de Saúde Dr. Oliveira Motta, observando-se janelas, uma possível varanda, portão, grades e ao fundo árvores.

***Fac-símile* N –** Fachada da Casa de Saúde Dr. Oliveira Motta.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1924, Nº0036, p.50.

Freitas (2008) em sua pesquisa "A propaganda junto aos médicos: os anúncios nas primeiras décadas de publicação da revista de Ginecologia e d'Obstetrícia" cita o Dr. Oliveira Motta como o diretor e fundador da Revista de Ginecologia e d'Obstetrícia

apresentando sua Casa de Saúde, que leva seu nome, nas páginas de sua revista, esta por sua vez, possuía instalações modernas, com corpo de Enfermeiras de "primeira ordem", contando com espaço apropriado para a realização de cirurgias ginecológicas, partos e ainda, uma sala de radiologia.

O *fac-símile* de número 28, é composto por 02 planos fotográficos e um grupo de 11 pessoas. No primeiro plano, observam-se 06 pessoas sentadas, destas, 05 são do sexo masculino, em trajes sociais de tons escuros e gravata do tipo "borboleta".

***Fac-símile* 28 –** A inauguração da Casa de Saúde Dr.Oliveira Motta.



Fonte: Revista Fon-Fon, 1924, Nº0036, p.50.

Destaca-se a *hexis* corporal do primeiro homem, da esquerda para a direita, que encontra-se sentado com as mãos e as pernas sobrepostas. Esta posição, segundo Guglielmi (2013), refere-se à uma pessoa que encontra-se relaxada, está à vontade, e sabe ou acredita saber mais que os outros a respeito do momento registrado. Esta *hexis* corporal assemelha-se ao terceiro homem, da esquerda para a direita, que encontra-se sentado com as pernas sobrepostas e a coluna, possivelmente, apoiada na cadeira, adotando uma posição relaxada perante os outros.

O quarto e quinto homens sentados, da esquerda para a direita, adotaram uma *hexis* corporal semelhante, com as costas ereta, apoiadas nas cadeiras, braços sobre as

pernas, e estas, apoiadas no chão, sem estarem sobrepostas. Esta posição possivelmente indica que a pessoa está atenta e interessada no que está acontecendo ao seu redor (GUGLIELMI, 2013, p. 108).

No primeiro plano fotográfico, destaca-se a presença de 01 mulher ostentando representações objetais de Enfermeira, como o uniforme de vestido claro, mangas curtas, gola em "v", véu, meias e sapatos em tons claros. Esta mulher encontra-se com a *hexis* corporal sentada, com os braços possivelmente de lado, e os calcanhares cruzados, apoiadas no chão. Os calcanhares cruzados parecem acorrentá-la e mantê-la numa posição de desconfiança; esta pessoa possivelmente desconsidera ou considera excessivo o que se passa ao seu redor, porém não tem coragem de manifestar sua opinião ou desaprovação (GUGLIELMI, 2013, p. 119).

No segundo plano fotográfico, observam-se 05 mulheres, sendo que a primeira da esquerda para a direita, ostenta as mesmas representações objetais daquela mulher no primeiro plano, e as outras 04 mulheres distinguem-se por não ostentarem o véu, mas sim o gorro.

Esta imagem é do tipo posada, encontra-se no formato retangular e no sentido horizontal à página de publicação. Notam-se cadeiras como atributos de paisagem devido à *hexis* corporal das 06 pessoas sentadas no primeiro plano fotográfico.

Ainda segundo a publicidade, nesta mesma imagem, identificam-se os Drs. Oliveira Motta, Ernani Alves e Leonídio Ribeiro, os mesmos médicos que compunham o quadro de funcionários da Casa de Saúde Icaraí.

5.10 Maternidade Suburbana

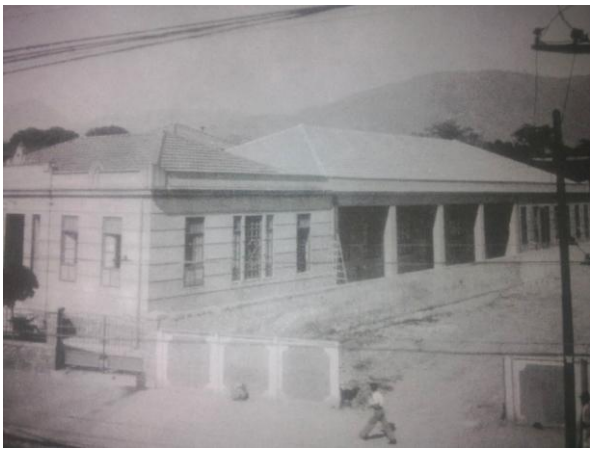
A Maternidade Suburbana, desde a sua criação, de cunho filantrópico, caracterizou-se em especial, para o cuidado à mulher-mãe e criança carente por volta de 1926. Esta Instituição sofreu modificações em seu nome, começando como Maternidade Suburbana, localizada na rua Dr. Pedreira nº06. Após reformas passou a ser conhecida como Dispensário de Cascadura (1933-1934) e, em 1945, passou a se chamar Maternidade Fernando Magalhães, atualmente denomina-se Hospital-Maternidade Herculano Pinheiro, localizada na Avenida Ministro Edgard Romero nº276 (PÔRTO et al, 2008, p. 84).

Pouco se sabe sobre as circunstâncias em que foi criada a Maternidade Suburbana, porém uma fonte do *Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana*, datado de 1929 cita a Instituição como sendo a primeira maternidade da capital brasileira, idealizada pelo Dr. Herculano Pinheiro.

Estudos de Jane Márcia Progianti (2004), apontam um grupo de senhoras que inaugurou em 1930 um serviço de ambulatório de parto domiciliar. Médicos e "curiosas" participavam e atuavam no parto, que poderiam ser realizados nos estabelecimentos da Maternidade ou em domicílio. Entretanto, três anos depois esta Instituição foi extinta.

O acontecimento de sua extinção foi registrado na obra "Assistência Pública – 80 anos de história" organizada pela Superintendência de Serviços Médicos – SUSEME, relatando a data de doação do terreno onde localizava-se a Instituição no dia 17 de julho de 1933 pelo Dr. Herculano Pinheiro, enfatizando a sua extinção três anos após sua inauguração.

***Fac-símile* O –** Fachada principal do Dispensário de Cascadura (1933-1934), antiga Maternidade Suburbana.



Fonte: História da Saúde no Rio de Janeiro –
Instituições e Patrimônios arquitetônicos, 2008, p.84.

O *fac-símile* de número 29, publicado na Revista Fon-Fon no dia 21 de junho de 1930, referenciou a data de inauguração da Instituição em 15 de junho do mesmo ano. A imagem, retrata a inauguração de uma Instituição de Saúde num bairro de carência em Instituições voltadas para o atendimento da mulher gestante com poucos recursos. Sua inauguração foi acompanhada de autoridades públicas federais e municipais, frisando a necessidade de uma assistência hospitalar na região.

***Fac-símile* 29 –** A inauguração da Maternidade Suburbana.



Fonte: Revista Fon-Fon, Nº0025, 1930, p.51.

O *fac-símile* 29 referente à Maternidade Suburbana é do tipo fotorreportagem, posada, retangular e encontra-se no sentido horizontal em relação à página da revista. Infere-se que o local retratado seja nas dependências da Maternidade, uma vez que o rito institucional referencia a inauguração da mesma, e o fundo retratado é em ambiente interno.

É possível identificar 20 crianças trajando atributos de Enfermeira, das quais encontram-se uniformizadas de vestido longo na cor clara, mangas compridas, gorro com o símbolo da cruz na parte frontal em tom escuro, meias e sapatos claros. No centro da imagem observa-se a presença de homens em trajes sociais de terno na cor escura, reforçando a presença de autoridades públicas e de reconhecimento para com o momento do rito institucional.

É possível identificar o efeito de claridade proporcionado pelas crianças aos retratados no centro do texto imagético. As crianças em trajes claros, dão maior visibilidade e evidência àqueles que ostentam trajes sociais na cor escura, do sexo masculino.

Em suma, os *fac-símiles* aqui apresentados, foram em sua maioria sobre os ritos institucionais de inauguração, aniversários de fundação ou inaugurações de novos ambientes hospitalares, como enfermarias e maternidades.

As Instituições de Saúde se apresentaram conforme suas características marcantes, de cunho filantrópico e assistencial, para o atendimento à população, tornando público, seus espaços do cuidar, como enfermarias, salas de cirurgia, salas para a realização de exames, e ainda seus equipamentos tecnológicos, como máquinas de esterilização.

Percebeu-se, portanto, uma estratégia de jogo para chamar a atenção dos leitores. Ao se fazerem existir aos olhos da sociedade, mediante publicação em uma imprensa ilustrada, faziam-se crer pela existência de equipamentos, modernos à época, e pelos serviços prestados pelas Instituições. Em relação à esta estratégia, destaca-se a presença das Enfermeiras desempenhando o papel de tornar visível e apresentar à população a Instituição da qual faziam parte.

As Enfermeiras, ou nelas inspiradas, apresentavam-se ao lado dos equipamentos, ou nos espaços hospitalares, levando a inferir que elas, por estarem presentes no texto imagético, também faziam parte de uma das estratégias da luta simbólica, ao transmitirem credibilidade e crença institucional, não somente por estarem presentes nas imagens, mas por estarem ostentando em seus corpos, representações objetais que atreladas às representações mentais, eram mensageiras da crença simbólica institucional.

Esta assertiva foi entendida por Bourdieu (1998), como uma forma particular de luta entre classificações, uma espécie de luta pela definição de uma identidade. Essas propriedades simbólicas podem ser utilizadas como estratégia do seu portador, tanto como função de interesses materiais, como por interesses simbólicos.

Dito de outra forma, as aspirantes à Enfermeira, provenientes de Instituições de Ensino, ao reconfigurarem seu *habitus* e se apresentarem nas publicidades das Instituições de Saúde, possivelmente como Enfermeiras profissionais e diplomadas, se apropriavam das representações objetais para se auto promoverem, e lutavam entre si, por uma imagem de Enfermeira do tipo ideal e por uma identidade profissional.

A seguir, na seção 6, intitulada As Representações Objetais e os Efeitos Simbólicos da Imagem da Enfermeira, tem a finalidade de apresentar ao leitor as representações objetais decodificadas e seu efeito simbólico para a construção imagética da Enfermeira.

Seção 6
As Representações Objetais e os Efeitos Simbólicos da Imagem da Enfermeira

As representações objetais aqui apresentadas, tais como: véu, gorro, touca e o símbolo da cruz, já foram entendidas com base nas noções de Pierre Bourdieu, como signos exteriores ao corpo, que se somam às representações mentais.

Cada Escola/Curso de Enfermagem possuía uma assinatura imagética característica, e assim, conforme ocorria a formação de Enfermeiras, essas mulheres possivelmente traziam consigo, para o campo profissional, as representações objetais oriundas de suas Instituições de Ensino (PORTO, 2007, p. 154).

Desta forma, esta seção possui o propósito de discutir, com base em outros estudos já realizados sobre as representações objetais de enfermeira, ostentadas pelas mulheres presentes nas publicidades das Instituições de Saúde, e, discutir os possíveis efeitos simbólicos que essas mulheres deixaram como vestígios.

6.1 A construção imagética da Enfermeira

Maria Angélica de Almeida Peres e Ieda de Alencar Barreira (2003) em sua pesquisa intitulada "Significado dos uniformes de enfermeira nos primórdios da enfermagem moderna" veio para elucidar acerca dos significados dos uniformes, tanto das alunas, como das Enfermeiras profissionais da Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública no âmbito da década de 1920.

Segundo a pesquisa, o uniforme é um tipo de estratégia disciplinar, onde os agentes sociais são reconhecidos primeiramente pelos seus uniformes, ditando assim, os costumes, as atitudes e a postura que aquela pessoa representa perante outros grupos

sociais, ou ainda, identificando no uniforme ostentado a qual Instituição pertence, seja militar, político, religioso, ou neste caso, profissional da área da saúde. Usar um uniforme significa estar apto a exercer determinadas funções a que este uniforme representa, dependendo ainda, do *status* social ao qual pertence (PERES e BARREIRA, 2003, p. 27).

Para Fonseca e Porto (2011), depreende-se que o uniforme é utilizado como uma das estratégias de distinção, que pode ser denominado de distinção hierarquizada. Esta denominação foi construída nos estudos de Neto (2011, p. 93), onde se observou essa distinção entre os uniformes das alunas dos Cursos de Enfermeira Voluntária e Profissional, ditando a posição social que as Enfermeiras ou aspirantes ocupavam na Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

A história dos uniformes esteve atrelada às organizações militares, pois se tratava de uma maneira de distinção social para aqueles que os vestem e para o reconhecimento pela sociedade. Para Fischer-Mirkin (2001), no campo da saúde o uniforme precisa transmitir que o próximo, não será julgado e nem intimidado, mas sim, transmitir confiança e credibilidade.

Por muitos anos, usar uniforme de cor branca, como na área da saúde, significava pureza espiritual; hoje em dia, adotaram-se outras concepções, como estar limpo e em boas condições de higiene, passando então a se tornar um símbolo poderoso de cura e autoridade, bem como uma regra para àqueles que desejam fazer parte desta classe (MARTINS & MARTINS, 2011, p. 102).

Nas imagens abordadas na seções anteriores, pôde-se observar a distinção entre os diversos uniformes ostentados pelas mulheres, fazendo-nos remeter à uniformes

oriundos de Instituições de Ensino mediante vestígios deixados pelas pessoas que outrora representavam uma Instituição, com diferentes posturas, ideais e *habitus*.

Desta forma, sobre a distinção entre os uniformes, na imagem publicizada do Hospital Evangélico, pôde-se observar uma mulher ao centro que chama atenção por ostentar em seu corpo a bandeira do Brasil. Estudos como o de Eder Fernandes Monica (2007, p. 06) iluminam quanto à definição de patriotismo constitucional, onde procura-se criar e firmar uma cultura política nos cidadãos, para que possam fortalecer os vínculos e interesses em comum, ao passo que se preocupa também com a diversidade.

A bandeira, também entendida como uma representação objetal, faz remeter ao *habitus* militar, ao jurar lealdade à pátria perante a ostentação da bandeira, e articulado à noção de Bourdieu por ser um signo externo ao corpo, consagra e sansiona os ideais da Instituição, perante sua posição em relação ao patriotismo e na afirmação de uma identidade institucional.

Em meio ao crescente número de mutuais que erguiam-se pela cidade em fase de modernização, é possível identificar a intenção de firmar a identidade de cada uma e o interesse no reconhecimento social, para isso, uma das formas encontrada pelo Hospital Evangélico foi publicar o rito institucional – aniversário de fundação – atrelado ao interesse em demonstrar patriotismo na intenção de firmar sua identidade institucional, por meio da veiculação da imagem da mulher com representações objetais de Enfermeira, remetendo-se ao *habitus* militar, publicando seus serviços ao atendimento da população, para dar credibilidade à instituição.

Observa-se, ainda, alguns uniformes que poderiam causar confusão ao leitor, por se parecerem, ou, pelas mulheres ostentarem representações objetais parecidas, que foram abordadas anteriormente.

Para tanto, os dados originaram o quadro de número 2, que tem como objetivo apresentar o quantitativo de represetanções objetais identificadas nos *fac-símiles* veiculados na Revista Fon-Fon no período estudado (1917-1930), referentes à publicidade das Instituições de Saúde.

O quadro 2, evidencia além da preocupação em uniformizar, a presença de uma marca simbólica como o véu, dentre as mulheres presentes nos *fac-símiles*, 100 ostentaram o véu; representação objetal que foi adotada por outras Instituições de Ensino e de Saúde abordadas neste estudo, como exemplo, a Cruz Vermelha Brasileira, Policlínica de Botafogo, algumas Casas de Saúde como a Casa de Saúde Dr. Jayme Poggi e o Hospital Internacional, dentre outras, como forma de reconhecimento social e possivelmente como imposição de uma imagem de Enfermeira caridosa e bondosa, com base na crença simbólica na CVB.

Bourdieu (2010) em sua pesquisa sobre a incorporação da dominação masculina, constrói a assertiva de que esta incorporação é reproduzida socialmente e que, todo o trabalho de socialização tende a referenciar limites ao corpo. Como no caso da mulher, que aprendeu a se vestir referenciando seus diferentes estágios, como menina, virgem, esposa e mãe.

Quadro 2 – Frequência das representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras, ou nelas inspiradas, nas publicidades das Instituições de Saúde, de 1917 a 1930.

Instituição de Saúde	*Fac-símile* nº	Uniforme	Véu	Gorro	Touca	Símbolo da Cruz
Santa Casa da Misericórdia	01	11	04	07	0	05
	02	09	08	01	0	06
Hospício Nacional de Alienados	03	08	0	08	0	0
	04	20	0	20	0	0
Hospital São Francisco de Assis	05	04	0	0	01	0
	06	04	0	0	03	0
Hospital Evangélico	07	09	06	03	0	0
Hospital Pró-Matre	08	02	02	0	0	02
	09	04	04	0	0	04
	10	14	13	01	0	13
Casa de Saúde Dr.Pedro Ernesto	11	02	02	0	0	02
	12	02	02	0	0	02
	13	02	02	0	0	02
	14	03	03	0	0	03
Casa de Saúde Icaraí	15	05	04	0	0	04
	16	08	03	0	0	03
Posto de Assistência do Meyer	17	04	04	0	0	04
	18	01	01	0	0	01
Casa de Saúde Dr.Jayme Poggi	19	07	04	0	0	04
	20	01	01	0	0	01
Internacional Hospital of Brazil	21	04	04	0	0	04
	22	04	04	0	0	04
	23	04	04	0	0	04
	24	03	03	0	0	03
Casa de Saúde Dr.Estellita Lins	25	08	08	0	0	08
	26	06	06	0	0	06
Sanatorio Guanabara	27	12	06	0	0	06
Casa de Saúde Dr.Oliveira Motta	28	06	02	0	0	0
Maternidade Suburbana	29	20	0	20	0	20
Total das representações objetais		187	100	60	04	111

Fonte: *Fac-símiles* na Revista Fon-Fon.

A mulher incorporou, mesmo que inconscientemente, a maneira de cobrir seu corpo, entendido como sagrado, nos pequenos detalhes como amarrar ou "esconder" os cabelos, na utilização do véu, como uma ferramenta do religioso e do sagrado. É no corpo, nas diferenças biológicas, e, consequentemente, na postura corporal adotada pelo masculino e feminino, que se reproduz a naturalização da dominação (BOURDIEU, 2010, p. 38).

Por meio da leitura corporal, foi possível identificar que o homem adota uma postura ereta, de enfrentamento, olha de frente; ao passo que a mulher tem a tradição de inclinar-se, curvar-se, se submeter, como se a feminilidade se medisse pela arte de "se fazer pequena" (BOURDIEU, 2010, p. 39).

A representação objetal do véu, na língua portuguesa, possui diversos significados, dentre eles, tecido que serve para cobrir e proteger, usado por mulheres para cobrir o rosto ou a cabeça.

Esta assertiva foi abordada em estudos como os de Neto (2011, p. 98) e Porto (2007, p. 80) no sentido deste elemento simbólico ser uma representação objetal que remetia às mulheres formadas pelo Curso de Enfermeiras Voluntárias da Cruz Vermelha, traduzindo significações religiosas e civis para com Deus, como sinal de dependência e subordinção, e ainda, um veículo de divulgação da caridade e do bem.

As representações objetais ostentadas pelas mulheres da Pró-Matre, por exemplo, fazem remeter àquelas ostentadas pelas mulheres da Cruz Vermelha Brasileira, pela ostentação do véu, entretanto, elementos diferentes entre os uniformes foram decodificados, como as mangas curtas e o símbolo da cruz na cor verde, ostentados pelas Enfermeiras-parteiras da Pró-Matre, em contraste com o uniforme de

mangas compridas e o símbolo da cruz na cor vermelha, na parte central do tórax, ostentados nos uniformes das enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (FONSECA, 2011, p. 78).

Estudos como o de Elaine Franco Ribeiro Fonseca (2011, p. 78) elucidaram acerca da representação objetal da cruz na cor verde, ostentado pelas mulheres da Instituição do Hospital Maternidade Pró-Matre. Esta Instituição contou com a participação das mulheres da Associação das Damas da Cruz Verde na criação e inauguração desta instituição em 1918. Esta Associação era composta por mulheres que desenvolviam atividades de assistência social, principalmente em relação à mulher e à criança, além de fazerem parte de movimentos feministas, permanecendo assim a cor verde como uma representação do apoio à mulher.

As representações objetais ostentadas pelas crianças no *fac-símile* 29, referentes à Maternidade Suburbana, remetem àquelas ostentadas pelas Enfermeiras ou aspirantes oriundas da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, desdobramento da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras. O uniforme era composto por vestido na cor clara, com mangas compridas e, principalmente, pela ostentação do gorro e a cruz na cor azul.

Cabe destacar, que o gorro, representação objetal ostentada por 60 mulheres no total dos *fac*-símiles apresentados, foi entendido, aos olhos da moda, como uma modificação do véu, considerado como o início da modernidade para a profissão, além de facilitar a arrumação do penteado das Enfermeiras (BECERRIL et al., 1999, p. 57).

Em seu estudo, Porto (2007, p. 88) elucida acerca do uso do gorro pelas aspirantes à Enfermeira da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto com a

distinção do uso do símbolo da cruz na cor azul entre as alunas do primeiro e segundo anos. A inferência na cor azul deve-se por ter sido uma das marcas simbólicas desta Instituição, por apresentar *nexus* com o Serviço de Assistência a Psicopatas. Esta cor, perpetuou-se até os dias atuais, sendo utilizada na bandeira institucional, na insígnia acadêmica e profissional dos alunos e formandos da atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.

Neste sentido, a diferença entre as representações objetais ostentadas pelas enfermeiras, ou nelas inspiradas, ratifica a distinção entre elas, a Instituição de Saúde da qual fazia parte, e consequentemente, a Instituição de Ensino respectiva, reproduzindo a credibilidade na assistência aos necessitados.

Em sua maioria, essas imagens apresentaram um quantitativo de pessoas do sexo masculino, superior aos do sexo feminino, esta assertiva é entendida como dominação masculina, que para Bourdieu (2010) é como um processo histórico da vida humana. Para o autor, a dominação do homem sobre a mulher é exercida por meio de uma violência simbólica, incorporada e compartilhada inconscientemente entre dominador e dominado, determinado pelos esquemas práticos do *habitus*.

Pierre Bourdieu (2010) descreve a violência simbólica como um ato sutil, que oculta relações de poder que alcançam não apenas as relações entre os gêneros, mas, toda a estrutura social.

No entendimento de Bourdieu (2010), é no corpo que se constrói uma história, uma tradição, que nunca foi vista antes, senão em corpos, dotados de diferentes *habitus*. Para o sociólogo, o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Dito de outra forma, a diferença

biológica dos corpos masculinos e femininos, em especial, a diferença dos órgãos sexuais, são vistas como uma justificativa natural da divisão social do trabalho (BOURDIEU, 2010, p. 20).

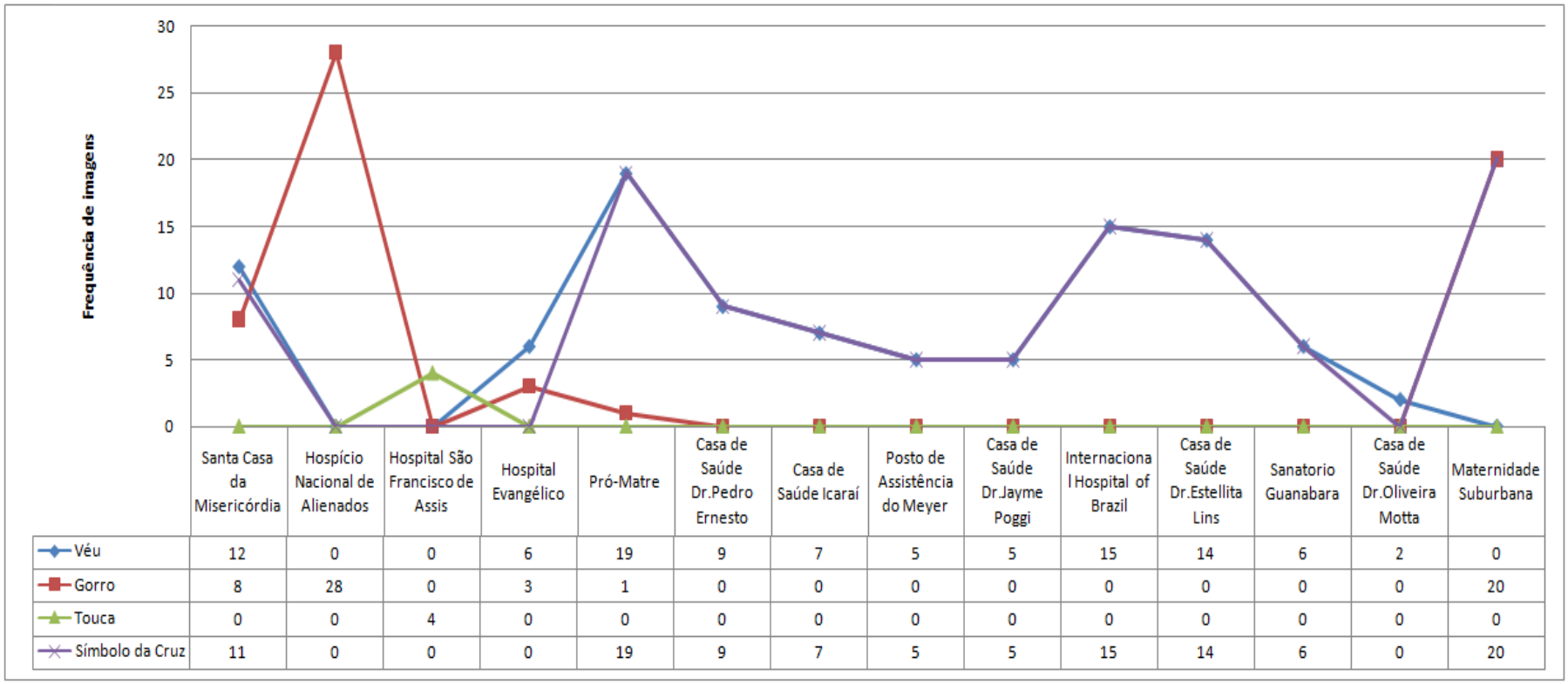
Para tanto, é possível identificar esta relação dominador-dominado nos *fac-símiles* aqui apresentados, onde, em sua maioria, as mulheres retratadas encontram-se de pé e no último plano fotográfico do texto imagético, ao passo que os homens encontram-se em maior número quantitativo e sentados, dando a entender que essas mulheres estariam ali para servi-los.

Pode-se observar também, que esta relação é encontrada nos *fac-símiles* em que os trajes de cor clara utilizados pelas mulheres dão luminosidade e evidência àqueles ostentados pelos homens, como exemplo o *fac-símile* 2, dentre outras Instituições, referente à Santa Casa de Misericórdia, onde além de encontrar-se sentado e centralizado, o homenageado ostenta trajes na cor escura, e mediante os trajes claros das mulheres, proporcionou assim, maior evidência ao sexo masculino.

É possível identificar que as representações objetais de relevância foram o véu e o símbolo da cruz, confirmadas pela frequência apresentada no quadro 2, no sentido de construção da identidade profissional da Enfermeira, principalmente por 02 Intituições: a Santa Casa da Misericórdia e a Pró-Matre, uniformes estes que se assemelham àqueles ostentados pelas enfermeiras da Cruz Vermelha.

Nesta linha de pensamento, o gráfico de número 3 foi construído, com base nos dados numéricos do quadro 2, para que o leitor possa melhor visualizar o movimento da frequência das representações objetais presentes nos *fac-símiles* de foco analítico.

Gráfico 3 - Movimento da frequência das representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras, ou nelas inspiradas, nas publicidades das Instituições de Saúde (1917-1930)



	Santa Casa da Misericórdia	Hospício Nacional de Alienados	Hospital São Francisco de Assis	Hospital Evangélico	Pró-Matre	Casa de Saúde Dr.Pedro Ernesto	Casa de Saúde Icaraí	Posto de Assistência do Meyer	Casa de Saúde Dr.Jayme Poggi	Internacional Hospital of Brazil	Casa de Saúde Dr.Estellita Lins	Sanatorio Guanabara	Casa de Saúde Dr.Oliveira Motta	Maternidade Suburbana
Véu	12	0	0	6	19	9	7	5	5	15	14	6	2	0
Gorro	8	28	0	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	20
Touca	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Símbolo da Cruz	11	0	0	0	19	9	7	5	5	15	14	6	0	20

Fonte: Instrumento de pesquisa.

A ostentação do véu e da cruz perpetuou-se por entre outras Instituições de Saúde, que tiveram seus espaços instituicionais veiculados na imprensa ilustrada, tais como: a Casa de Saúde Dr. Oliveira Motta, Casa de Saúde Icaraí, Hospital Interncaional of Brazil, Casa de Saúde Dr. Jayme Poggi, Casa de Saúde Dr. Estellia Lins, dentre outras, ratificando mais uma vez, a crença simbólica das representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, e sua credibilidade institucional.

Uma outra representação objetal constatada, foi a touca, que ficou conhecida como uma marca de distinção das alunas e Enfermeiras da Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública, e que, na lente da moda, significava a modernização e a imposição de um modelo norte-americano de Enfermagem. À época, o rito institucional de imposição de touca às aspirantes de Enfermeiras era um rito que significava vitória sobre a primeira etapa do curso preliminar, na adoção de um novo *habitus* que as futuras profissionais deveriam adotar (PORTO, 2007, p. 117).

O quadro 2 e o gráfico 3, auxiliam na evidencia entre os *fac-símiles* veiculados na Revista Fon-Fon, sobre a publicidade das Instituições de Saúde, de 1917 a 1930, o total de 04 Enfermeiras ou aspirantes, ostentaram a representação objetal da touca. Depreende-se que, dentre as 14 Instituições de Saúde abordadas neste estudo, a reprodução da ostentação da touca, se fez presente apenas nas Enfermeiras ou aspirantes, do Hospital São Francisco de Assis, pertencentes à Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública, não sendo constatada por meio de outra Instituição de Saúde.

Destarte, no *fac-símile* 6, referente ao Hospital São Francisco de Assis, é possível identificar outra distinção adotada, o friso na cor escura, evidenciado na touca, ostentada pelas mulheres. Este friso, segundo pesquisas de Porto (2007, p. 142) é um indicativo de diplomação, distinção esta adotada após o rito institucional de formatura das alunas.

Depreende-se portanto, que as 02 mulheres que ostentam o friso escuro na touca, possivelmente são Enfermeiras diplomadas pela Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, e que participam assim, do rito institucional de inauguração da nova enfermaria infantil no Hospital São Francisco de Assis.

Nesta imagem ainda, é possível identificar a dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino, uma vez que os homens encontram-se em maior número e fornecem assim um destaque ao homem que encontra-se sentado de traje social escuro, possivelmente o então diretor da Instituição, o Dr. Luiz Barbosa.

Esta dominação, que ocorre através da divisão da ordem social, é evidenciada por Bourdieu (2010) principalmente em ritos institucionais, pois estes tendem a integrar as oposições propriamente sociais, como por exemplo masculino/feminino, o que representa uma maneira bastante eficaz de naturalizá-las. Assim, os ritos institucionais são considerados como um veículo pelo qual a dominação se reproduz, tornando-se natural e inconsciente entre os agentes sociais.

Destaca-se nos dados evidenciados pelo quadro 2 e melhor apresentado no gráfico 3, que a frequência da representação objetal véu e símbolo da cruz se aproximaram, com 100 e 111 ostentações, respectivamente. Observou-se a associação entre a ostentação do véu com o símbolo da cruz, levando a remeter a Enfermeira, uma

imagem mental de uma mulher que ostenta o véu e a cruz, tornando-se representações objetais de Enfermeira, e materializadas por meio de imagens veiculadas na imprensa ilustrada.

Segundo Porto (2007, p. 156) cada Escola e/ou Curso de Enfermagem, por meio de suas representações objetais, tentou impor o seu modelo de ensino para a profissionalização da Enfermagem brasileira. Refletindo com isso, a credibilidade que a Instituição de Ensino possuísse e a ostentação pelas Enfermeiras diplomadas que encontravam-se em seu exercício profissional sancionaria e reforçaria ainda mais a crença simbólica em cada Instituição. Essas mulheres, mais uma vez, tornaram-se mensageiras institucionais.

Após a concretização de mais uma etapa, o rito institucional da formação, e a adoção de um *habitus* reconfigurado, as novas Enfermeiras diplomadas, oriundas de suas respectivas Escolas ou Cursos de Enfermagem, faziam parte agora, de uma nova etapa, a vida profissional.

Bourdieu em sua obra A Economia das Trocas Linguísticas (1998), aponta que um dos efeitos essenciais do rito, é o de separar aqueles que já passaram por ele, daqueles que ainda não o fizeram, e assim, instituir uma diferença duradoura entre os que foram e os que ainda não foram.

Para o sociólogo francês, os ritos de instituição, também conhecidos como ritos de consagração ou de legitimação, tendem a consagrar ou legitimar; tornar o arbitrário como legítimo e natural. O principal efeito do rito foi entendido como algo que passa despercebido, ao tratar diferentes homens e mulheres, o rito consagra a diferença e o institui (BOURDIEU, 1998, p. 98).

Desta forma, ao marcar solenemente a passagem de algo que instaura uma divisão da ordem social, ou ainda, um rito que separa um antes e um depois, o rito chama atenção do observador para a passagem (BOURDIEU, 1998, p. 98).

Destarte, em imagens de ritos institucionais, como inaugurações ou aniversários de fundação, este efeito pôde ser observado nas imagens em que, na maioria das vezes, a presença do homem se fez notada, em posição de dominante, e às mulheres, coube o papel de auxiliá-los, e estarem à sua disposição. Os ritos de instituição foram o ambiente propício para legitimar e consagrar a dominação masculina e a subordinação das mulheres presentes.

As novas Enfermeiras, presentes nas publicidades das Instituições de Saúde, veiculadas nas páginas da imprensa ilustrada, tornaram-se peças promocionais no jogo de luta simbólica para o atendimento à população, ao passo que apresentavam os espaços hospitalares, como por exemplo, enfermarias, salas de cirurgia, e os equipamentos e máquinas para a realização de procedimentos, modernos à época.

A presença das Enfermeiras, atrelado ao *habitus* e às representações objetais repletas de crenças simbólicas e significações, contribuíram para a construção da imagem e da credibilidade das Instituições de Saúde, que disputavam por melhor posição e *status* no campo da luta simbólica.

Seção 7
Considerações Finais

No período abordado por este estudo, pode-se observar a ocorrência da luta simbólica entre as Instituições de Saúde, publicizadas na Revista Fon-Fon, que por sua vez, circulava na sociedade, principalmente no Distrito Federal, tornando-se um campo propício para a concorrência.

A luta simbólica contou com a participação de 14 Instituições de Saúde que tornaram públicos, aos olhos da sociedade, seus espaços para a prestação do cuidado aos doentes e necessitados. Foi possível observar o crescente número de imagens veiculadas no periódico, sobre as Instituições de Saúde, possivelmente devido ao contexto da Primeira Guerra Mundial e a entrada do Brasil na guerra (1917), e mais adiante por conta da epidemia da Gripe Espanhola, que acometeu a população (1918).

No contexto da Reforma Sanitária, somado à situação no campo da saúde que a cidade do Rio de Janeiro se encontrava, a partir de 1920, identificou-se a intensa criação e consequentemente, a publicação, de novos estabelecimentos hospitalares. Nestas publicidades, as Instituições de Saúde viram a oportunidade de autopromoção no sentido de (re)produzirem a crença simbólica, tendo por estratégia evidenciarem o corpo profissional de Enfermeiras e, por meio de imagens nelas inspiradas para fazer ver e fazer crer aos leitores da revista, o que conduzia a credibilidade das Instituições de Saúde.

Com isso, as Instituições de Saúde colaboraram para a enunciação da imagem da Enfermeira, possibilitando identificar mais uma das facetas do processo de construção

imagética da Enfermeira, dando continuidade aos estudos articulados com o projeto matriz.

No processo de construção da imagem da Enfermeira, estudos anteriores elucidaram acerca das diversas significações do uso do uniforme e de suas representações objetais, e a polissemia que os signos exteriores ao corpo poderiam acoplar àquela imagética.

As Instituições de Ensino apontadas pelo presente estudo, se distinguiam entre si, principalmente pelas representações objetais ostentadas pelas alunas, adotadas por cada Instituição. Em contrapartida, a adoção do uniforme por parte das mulheres, foi entendida como uma forma de confinamento simbólico, podendo ter ocorrido de forma (in)consciente a dominação masculina.

Isto se deve ao passo que, por serem dominadas, as mulheres careciam de poder exteriorizar seus sentimentos, e algumas partes do corpo passaram a adotar *hexis* corporal de dominado. Neste sentido, se evidenciou pela leitura corporal de membros superiores e inferiores contidos ou cruzados, escondendo seus cabelos e corpos por de trás dos uniformes.

Por outro lado, a trajetória da construção da identidade profissional da Enfermagem refletiu-se na *hexis* corporal das mulheres para o confinamento e adotou-se a dominação masculina como "naturalizada" e (in)consciente por meio da leitura corporal nas publicidades das Instituições de Saúde.

Em discussão com outras pesquisas vinculadas ao projeto matriz, neste estudo, abrangeou-se, de forma ampla, as Instituições de Saúde existentes à época, bem como

na delimitação temporal ampliada, de 1917 a 1930. Isto significa, que resultados anteriores, vistos no sentido "micro" da delimitação, quando ampliados no espaço temporal, convergiram para diversos resultados já apontados, como exemplo, o caso da Cruz Vermelha Brasileira, que mediante representações objetais do véu e o símbolo da cruz, ostentados em corpos femininos, reproduziu-se a crença simbólica nesta Instituição, conferindo credibilidade institucional.

Desta forma, pode-se observar a intencionalidade de outras Instituições de Saúde, se aproveitarem da oportunidade e adotarem como uniforme as mesmas representações objetais, para reproduzirem esta credibilidade institucional, como por exemplo, as Enfermeiras-parteiras da Pró-Matre, as Enfermeiras da Casa de Saúde Dr. Pedro Ernesto, Casa de Saúde Icaraí, Posto de Assistencia do Meyer, Casa de Saúde Dr. Jayme Poggi, dentre outras Instituições, principalmente criadas no século XX, que reconheceram e reproduziram a crença na Cruz Vermelha Brasileira.

O processo de reconhecimento encontra-se entre as classes sociais existentes no espaço social. Dito de outra forma, os agentes sociais, que são definidos de acordo com capital simbólico e *habitus* incorporado, estabelecem práticas aceitáveis de interação, e, a partir do reconhecimento, os agentes podem ocupar posições privilegiadas, no campo no qual a disputa toma lugar.

Neste sentido, as Instituições de Saúde precisavam se tornar visíveis e reconhecidas pelos serviços prestados, por meio da equipe institucional, para que pudessem atingir posições específicas no campo de luta.

Destaca-se, por exemplo, a Casa de Saúde Dr. Estellita Lins, criada em 1922. Esta Instituição teve como idealizador o Dr. Estellita Lins, um dos médicos e

professores da Cruz Vermelha Brasileira. Pela imagem veiculada sobre a inauguração da Casa de Saúde que levou o seu nome, observou-se mulheres ostentando as mesmas representações objetais que as Enfermeiras da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

Isto, possivelmente, se deve em virtude de quando foi inaugurada a Instituição de Saúde, o Dr. Estellita Lins trouxe como parte integrante de seu corpo técnico institucional, Enfermeiras formadas pela Instituição de Ensino da Cruz Vermelha Brasileira.

No que se refere à imagem da Enfermeira, estes dados foram reforçados na quantidade das representações objetais adotadas pelas mulheres nas 14 Instituições de Saúde. Neste sentido, a frequência da ostentação do véu, símbolo da cruz e gorro foram superiores à frequência da representação objetal touca.

O véu e o símbolo da cruz foram representações objetais que surgiram nas Instituições de Saúde criadas no final do século XIX, e foram adotadas no percurso do século XX. Isto mostra, mais uma vez, a disseminação da crença simbólica dos símbolos em apreço, refletindo credibilidade Institucional.

Em relação à representação objetal do gorro, foi possível identificar seu nascedouro entre as mulheres da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, no Hospício Nacional de Alienados, e seu efeito de reprodução mais adiante, na Maternidade Suburbana, inaugurada por volta de 1926, onde as crianças do sexo feminino ostentam uniformes semelhante às mulheres da EPEAP, em tons claros, vestidos com mangas compridas, e principalmente, pela ostentação do gorro com o símbolo da cruz na cor azul.

A representação objetal da touca, por sua vez, careceu reflexo de efeito nas Instituições de Saúde abordadas por este estudo. As mulheres da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, criada em 1922, deram início à sua ostentação, porém, esta representação objetal foi de baixo efeito nas imagens das Instituições de Saúde, permanecendo como parte do uniforme das mulheres oriundas somente desta Instituição de Ensino.

Destaca-se, portanto, o capital simbólico adquirido das Instituições de Saúde, que refletiram na (re)produção social. Isto ocorreu no sentido da aquisição de maior capital simbólico, por meio do reconhecimento e credibilidade, certamente iria refletir em outras Instituições a fim de obterem o mesmo *status.*

No campo da imprensa ilustrada, a Instituição com maior capital simbólico, ocupou espaço privilegiado, demarcando assim, uma distinção institucional, como por exemplo, o Hospital Internacional of Brazil, que foi publicizado em 02 edições do período, no ano em que inaugurou (1921).

As publicidades do Hospital Internacional of Brazil, além do grupo de pessoas que participou do rito institucional, divulgaram os ambientes internos da Instituição como enfermarias, salas de curativos e operações, quartos particulares e ambientes externos, como pátio e entrada do Hospital.

Nos *fac-símiles* referentes às pessoas que participaram da referida inauguração institucional, destacou-se a pessoa do sexo masculino internacional. A presença do embaixador da Inglaterra Sir John Tilley (1921-1925) no rito institucional, conferiu prestígio e visibilidade, somado ao capital simbólico da Instituição.

A Casa de Saúde e Maternidade Dr. Pedro Ernesto, criada em 1918, também chamou a atenção dos editores da Revista Fon-Fon e foram veiculadas sobre esta Instituição, uma frequência de imagens significativa referentes ao dia de sua inauguração. Neste rito de instituição, além da presença do médico e diretor Dr. Pedro Ernesto, conhecido pelos seus trabalhos e por ter sido médico particular de Getúlio Vargas, figuras religiosas como o Arcebispo do Rio de Janeiro, Sr. Cardeal Arcoverde e Monsenhores José Francisco Guimarães e Pio dos Santos estavam presentes, conferindo poder e prestígio à Instituição, além do reforço da identidade institucional religiosa no momento do rito.

Em contrapartida, às Instituições de Saúde com baixo acúmulo de capital simbólico, pertenciam aos espaços com menor poder e prestígio, consequentemente, menor visibilidade social, como pode-se citar as Instituições Sanatorio Guanabara e Casa de Saúde Dr. Oliveira Motta. Foi conferido à estas Instituições pouco espaço publicitário, e veiculado 01 imagem de cada Instituição sem muitos detalhes.

Anterior à data de criação da EEDNSP, em 1922, existiam ao menos 10 materializações/iniciativas de profissionalização em Enfermagem, segundo os dados apontados por este estudo, e ainda, durante a trajetória deste estudo, descobriu-se outra materialização de profissionalização de Enfermagem, nas dependências do Hospital Evangélico.

O Hospital Evangélico, possivelmente por possuir baixo capital simbólico, foi publicizado 01 imagem, composta por um grupo de mulheres ostentando representações objetais de Enfermeira, em 1912, ano de comemoração de fundação Institucional. Dados

apontaram que este grupo pertencia ao Curso de Enfermeiras desta Instituição, porém pela carência de informações acerca deste Curso, não foi possível maiores detalhes.

Estas materializações/iniciativas surgiram da necessidade de formar profissionais nesta área, principalmente, para atender aos pacientes de uma determinada Instituição de Saúde. Para tanto, foi possível ratificar que, a criação dessas Escolas/Cursos de Enfermagem surgiram principalmente, nas dependências das Instituições de Saúde, depreendido no sentido de atendimento àquela clientela, ou para abrir suas portas para o público.

Ao se formarem e tornarem Enfermeiras, elas eram designadas para o atendimento dos cuidados prestados, tanto na Instituição de Saúde que cedeu seus espaços para a formação profissional, como migraram para outras Instituições de Saúde.

Antes do século XX, mais precisamente no final do século XIX, já existiam Instituições de Saúde, como a Santa Casa da Misericórdia, o Hospício Nacional de Alienados, Hospital São Francisco de Assis e o Hospital Evangélico, que se apresentavam com características diferenciadas, como por exemplo, a Santa Casa da Misericórdia, de cunho filantrópico; o Hospício Nacional de Alienados e Hospital São Francisco de Assis, de cunho assistencial; e o Hospital Evangélico, que se apresentava principalmente por ser uma Instituição de cunho mutualístico.

Foi possível identificar a criação de novas Instituições de Saúde, a partir do começo do século XX. Esta necessidade se teve, à época, para atender à população em tempos de calamidades, guerras, epidemias e Reforma Sanitária.

Desta forma, devido à necessidade de criação de novos espaços, atrelado ao crescimento urbano da Capital Federal, viu-se, a partir do início do século XX, o surgimento de Hospitais, Maternidades, Postos de Atendimento e Casas de Saúde, que travaram uma luta concorrencial com o interesse em atender à população.

A Instituição de Saúde foi um dos ambientes criador de distinção. Nele, mediante os ritos de instituição, foi possível evidenciar a consagração e legitimação da ordem estabelecida. Os ritos de aniversário de fundação e inauguração, puderam ser vistos como distinção possivelmente para as Enfermeiras.

Mediante ostentação da representação objetal, possivelmente oriunda de sua Instituição de Ensino, as Enfermeiras passaram por um ato de instituição, ou seja, ao passo que se formavam em Escolas/Cursos de Enfermagem, elas se faziam conhecer e reconhecer, mediante a publicidade nas Instituições de Saúde, e adotavam assim, uma identidade profissional.

Pode-se observar, portanto, que as Instituições de Saúde onde as Enfermeiras ostentavam o véu e o símbolo da cruz, tiveram maior visibilidade na imprensa ilustrada, mediante a crença simbólica depositada nessas representações objetais e a construção imagética da Enfermeira, na imagem mental de uma mulher caridosa, bondosa, auxiliar do médico ou visitadora domiciliar.

Por último, cabe refletir que, possivelmente a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública tenha enfim articulado uma estratégia de jogo, com o intuito de se realinharem no campo jornalístico, com a proposta de conferir padronização ao ensino da Enfermagem Brasileira, e tornarem-se visíveis e reconhecidas. Mas isto, pode ser abordado em estudos futuros...

Referências

AGUINAGA, H. **Hospital São Francisco de Assis – História.** Centenário de lançamento da Pedra Fundamental (1876 – 1976). Rio de Janeiro: [s.n.], 1977.

ALBUQUERQUE, J. P. **A capital fluminense**. [S.l.: s.n], 1925, 168p.

ASSISTÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO (Brasil). História e Estatística. Comemoração do centenário da Independência Nacional. Rio de Janeiro: Typographia do Annuario do Brasil, 1922.

BARLETTA, A. F. **O não dito nas imagens da campanha presidencial de 2010:** Um estudo dos veículos Carta Capital e Veja durante a campanha política**.** Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2011.

BECERRIL, L. C.; DIAZ, M. M.; MONDRAGÓN, N. C. **La confia:** símbolo de identidad de las enfermeiras? México. Colegio de Profesionales de la Enfermería Del estado de México. [S.l.: s.n.],1999.

BOURDIEU, P. **A Economia das trocas linguísticas:** o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____, P. **Coisas Ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____, P. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____, P. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2010.

BRASIL. Decreto-Lei n° 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 fev. 1998.

BRITES, O. Crianças de revistas (1930/1950). **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n.1, p. 161-176, jan./jun. 2000.

BRITO, N. A. La Dansarina: A Gripe Espanhola e o Cotidiano da Cidade do Rio de Janeiro. **História Ciência e Saúde/ Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p. 11-30, mar.-jun. 1997.

CAPPELLE, M. C. A, et al. Relações de poder segundo Bourdieu e Foucault: uma proposta de articulação teórica para a análise das organizações. **Organizações Rurais & Agroindustriais.** Lavras, v. 7, n. 3, 356- 369, 2005.

CIAVATTA, M. **O mundo do trabalho em imagens:** a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2002.

COURY, A. F. **Fatos e fotos da Cruz Vermelha Brasileira na Gripe Espanhola:** a imagem pública da Enfermeira (1918). 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

DANTAS, H. C. A revista *FON-FON* reflete a beleza e a sensualidade das mulheres no nício do século XX. In: VI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 2012, Teresina. **Resumos VI Simpósio Nacional De História Cultural** Teresina: GT Nacional de História Cultural, 2012.

DUARTE, L. F. D.; GOMES, E. C. **Três famílias:** identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

FERNANDES DA SILVA, C.; PORTO, F. A matéria de administração da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, seção feminina (1921-1926). **Revista Enfermería Global**, Murcia (Espanha) n. 13, p. 1-14, 2008.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986.

FISCHER-MIRKIN, T. **O código do vestir:** os significados ocultos da roupa feminina. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FONSECA, E. F. R. **A Imagem Pública da Enfermeira-Parteira do Hospital Maternidade de Pró-Matre do Rio de Janeiro no Período de 1928-1931:** (des)construção de uma identidade profissional. 2011. 103f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FONSECA, E. F. R.; PORTO, F. Enfermeiras-parteiras e uniforme: indícios e representações objetais na construção da identidade profissional**. Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 432-7, jul.-set. 2011.

FREIRE, M. A. M.; AMORIM, W. M. A Enfermagem de Saúde Pública no Distrito Federal: A Influência do Relatório Goldmark (1923 a 1927)**. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem,** Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 115-24, mar. 2008.

FREITAS, P. A Propaganda Junto aos Médicos: os anúncios nas primeiras décadas de publicação da revista de Ginecologia e d´Obstetrícia . **Caderno Espaço Feminino**, Uberlandia, v. 20, n. 2, p. 157-82, 2008.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930.** 2ªed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/pedro_ernesto>. Acesso em: 23 Ago.2013.

GOMES, L. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

GUGLIELMI, A. **A linguagem secreta do corpo:** a comunicação não verbal. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO. **Inauguração do busto ao Comendador Antonio Januzzi**. 2012. Disponível em <http://www.iicrio.esteri.it/IIC_RioDeJaneiro/webform/SchedaEvento.aspx?id=596> Acesso em 17 abr. 2013.

JESUS, R. P. Mutualismo e desenvolvimento econômico no Brasil do século XIX. **Revista Eletrônica OIDLES**, Málaga (Espanha), v. 1, n. 1, p. 473-504, 2007. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/oidles/01/Pereira.htm>. Acesso em: 18 abr. 2013

MACENA, F. F. Representações sobre o feminino e os movimentos transitórios da modernidade: o caso da revista Fon-Fon (1907-1914). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais do XXV Simpósio Nacional de História** – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.

_____, F. F. **Madames, *mademoiselles,* melindrosas:** "feminino" e modernidade na revista *Fon-Fon* (1907-1914). 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em História)– Universidade de Brasília. Brasília, 2010a.

_____, F.F. Sobre a complexa "arte de prender maridos": a construção da "verdadeira mulher" nas páginas da revista *Fon-Fon* (1907-1914). **Caderno Espaço Feminino,** Uberlandia, v. 23, n. 1/2, p 103-29, 2010b

MARSHALL, L. O **jornalismo na era da publicidade.** São Paulo: Summus editorial 2003.

MARTINS, E. F.; MARTINS, C. J. O uniforme enquanto objeto sígnico na área da saúde. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, RS, v. 15, n. 59, p. 100-8, 2011.

MAUAD-ANDRADE, A. M. S. **Sob o signo da imagem:** A produção fotográfica e o controle dos códigos de representação social da classe dominante do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX**.** 1991. 340 f. Tese (Doutorado em História)– Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 1991.

_____, A. M. S. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Revista eletrônica Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MONICA, E. F. A idéia de patriotismo constitucional e sua aplicação no Brasil. **Confluências**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 5-22, 2007.

MOREIRA, A.; PORTO, F.; OGUISSO, T. Registros noticiosos sobre a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras na Revista "O Brazil-Medico", 1890-1922. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**; São Paulo, v. 36, n. 4, p. 402-7, 2002.

MOTT, M. L.; OGUISSO, T. Discutindo os primórdios do ensino de enfermagem no Brasil: o Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo (1917-1920). **Revista Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 82-92, 2002.

MUNIZ, D. C. G.; MACENA, F. F. Semanário alegre, político, crítico e esfuziante: a construção do gênero na *Fon-Fon*. **Tema de Mujeres**, San Miguel de Tucumán (Argentina), v. 6, n. 6, p. 43-56, 2010.

NETO, M. **A produção da crença na imagem da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no período da Primeira Guerra Mundial (1917-1918).** 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)– Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. **Bourdieu & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PARSONS, E. A Enfermagem Moderna no Brasil. (Fac-símile). **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem,** Rio de Janeiro, 1923.

PEREIRA, J. H. **Curso básico de Teoria da Comunicação.** Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

PERES, M. A. A.; BARREIRA, I. A. Significado dos uniformes de enfermeira nos primórdios da enfermagem moderna. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 25-38, 2003.

PIETROFORTE, A. V. **Semiótica Visual:** os percursos do olhar. São Paulo: Contexto, 2004.

PITACAS, J. A. P. **Utilidade social e eficiência no mutualismo.** 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado em Economia e Politica Social)– Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa (Portugal), 2009.

POLICLÍNICA DE BOTAFOGO. **Histórico do Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo.** Imprensa Oficial. Rio de Janeiro (Brasil). 1919.

PORTO, F. **Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira na imprensa ilustrada: o poder simbólico do *click* fotográfico.** 2007. 174 f. Tese (Doutorado em Enfermagem)– Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2007.

PORTO, F. **Enfermagem: Cruz Vermelha Brasileira e Anna Nery (1935-1956).** Relatório (Pós-doutorado em Enfermagem)– Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009.

PORTO, F.; AMORIM, W. Escolas e cursos de Enfermagem na história da profissão no Brasil (1890-1922)**. Revista Cultura de los Cuidados**, Alicante (Espanha), ano XIV, n. 27, p. 40-5, 1º semestre, 2010.

PORTO, F.; SANTOS, T. C. F. A divulgação da competência técnica em socorro das enfermeiras da Cruz Vermelha (SP) nas circunstâncias da Primeira Guerra (1917-1918). **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 273-81, 2006. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_2/v8n2a12.htm.>. Acesso em: 25 out. 2012.

_____. A enfermeira brasileira na mira do click fotográfico (1919-1925). In: Porto F, Amorim W. (Org.). **História da enfermagem brasileira:** lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2007. p.25-188.

PORTO, F.; VERALDO, T. X. Aparelhagem da imagem pública da enfermeira na Revista Fon-Fon (1916-1931). **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**; Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 2776-88, 2012. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/820>. Acesso em: 15 ago. 2012.

PORTO, F.; FONSECA, E.; DESLANDES, A. K.; BARIZON, L.; AMORIM, W. Imagem pública da enfermeira brasileira: Curso de Enfermeiras da Assistência Particular Nossa Senhora da Gloria (1920 – 1928). **Revista Cultura de los Cuidados**, Alicante (Espanha), ano XVI, n. 32, p. 47- 58, 1º trimestre, 2012.

PÔRTO, Â.; SANGLARD, G.; FONSECA, M. R. F. F.; COSTA, R. G. R. C.(Org.). **História da Saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

PROGIANTI, J. M. Modelos de assistência ao parto e a participação feminina. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 3, p. 303-5, 2004.

REVISTA FON-FON. Ano 1. Número 01. Rio de Janeiro. 13/04/1907, p. 3.

REVISTA FON-FON. Ano 18. Número 20. Rio de Janeiro. 17/05/1924, p. 54.

SANGLARD, G., SILVA, R. P. A organização da assistência hospitalar no Distrito Federal entre a filantropia e a ação do estado (década de 1920). In: MONTEIRO, Y. N. **História da saúde: olhares e veredas.** São Paulo: Instituto de Saúde, 2010. p. 65-78.

SANTOS, T. C. F. **A câmera discreta e o olhar indiscreto: a persistência da liderança norte-americana no ensino da enfermagem na capital do Brasil (1928-1938).** 1998. 229 f. Tese (Doutorado em Enfermagem)– Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1998.

_____. Significado dos emblemas e rituais na formação da identidade da enfermeira brasileira: uma reflexão após oitenta anos. **Escola Anna Nery Revista de. Enfermagem,** Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p. 81-6, abr. 2004.

SCHUMAHER, S.; BRAZIL, V. E. **Dicionário Mulheres do Brasil:** de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DA GUANABARA. **Assistência pública:** 80 anos de história. Secretaria de Saúde: Superintendência de Serviços Médicos, 1972.

TEIXEIRA, C. R. R. R. **A Reforma Pedro Ernesto (1933):** Perdas e Ganhos para os Médicos do Distrito Federal. 2004. 116f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde)– Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais – A Pesquisa Qualitativa na Educação.** São Paulo: Atlas, 1994.

VERALDO, T. X.; PORTO, F.; MOREIRA, A. A aparelhagem da imagem pública da enfermeira na Revista Fon-Fon (1916-1923). **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online,** Rio de Janeiro; v. 2, n. Ed. Supl., p. 194-7, 2010. Disponível em:< http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/820>. Acesso em: 25 ago. 2012.

VISCARDI, C. M. R. Mutualismo e Filantropia. **Locus,** Juiz de Fora, v. 10, n. 1, p. 99-113, 2004.

_____. Estratégias populares de sobrevivência: o mutualismo no Rio de Janeiro republicano. **Revista Brasileira de História,** São Paulo, v. 29, n. 58, p. 291-395, 2009.

ZANNON, M.C. *Fon-Fon*: um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da Belle Époque. **Patrimônio e Memória,** Assis, SP, v. 1, n. 2, p. 18-30, 2005.

APÊNDICE A

Album Photográfico

Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro





Inauguração da capela na Santa Casa, 1917



Homenagem ao Dr. Vieira Souto, 1919

Hospício Nacional de Alienados





Funcionários do Hospício Nacional de Alienados, 1925

Hospital São Francisco de Assis





O diretor Dr. Garfield de Almeida ao lado de médicos, internos e enfermeiras, 1923

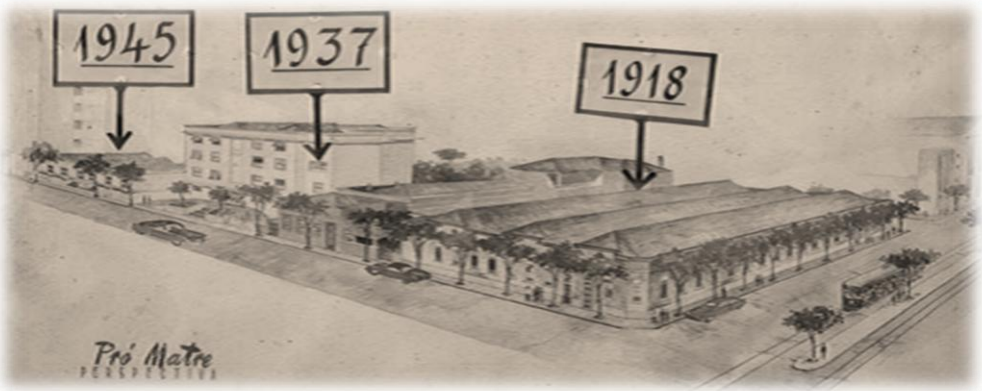
Hospital Evangélico

A comemoração pelo aniversário de fundação, 1924





Hospital Pró-Matre





O posto de assistência da Pró-Matre, 1918



A benção da sede social, 1919

Casa de Saúde e Maternidade Dr. Pedro Ernesto



Secção de maternidade, 1918





O grupo presente na inauguração, 1918

Casa de Saúde Icaraí


CASA DE SAÚDE ICARAHY

Praia de Icarahy, 419

TELEPHONE 1.718

Magnificas installações para operações em homens e senhoras. Secção de Maternidade — Recebe qualquer doente, salvo de molestia contagiosa. Curas de regimen e repouso — Tratamento de diabetes pela insulina — Banhos de mar





A diretora e suas enfermeiras no 5° aniversário de fundação, 1925

Posto de Assistência do Meyer





O grupo tirado no Posto de Assistência do Meyer em 1918

Casa de Saúde Dr. Jayme Poggi





As enfermarias masculinas,

1919

Internacional Hospital of Brazil

Enfermaria geral, 1921





O grupo presente na inauguração, com a presença do Embaixador da Inglaterra, 1921

Casa de Saúde Dr. Estellita Lins



A inauguração do novo estabelecimento em 1922



Sanatorio Guanabara



Enfermeiras, serventes e telefonistas do Sanatorio Guanabara, 1924



Casa de Saúde Dr. Oliveira Motta





A inauguração
da nova Casa de
Saúde em
1924

Maternidade Suburbana



Crianças presentes na inauguração, 1930



ANEXO A – Matriz de Análise Fotográfica

1. Dados de Identificação
   - Local do acervo
   - Nome da revista ilustrada
   - Número do exemplar
   - Página que se encontra a imagem fotográfica
   - Data da publicação do exemplar da revista
   - Título ou manchete que acompanha a fotografia
2. Dados para o Plano de Expressão
   - Crédito da imagem fotográfica
   - Relação texto imagem
   - Legenda
   - Tipo de foto
   - Formato
   - Plano
   - Sentido
   - Localização da imagem na página
3. Dados para o plano de Conteúdo
   - Local retratado
   - Pessoas retratadas
   - Tema da imagem retratada (Atributos Pessoais e Atributos de Paisagem)
4. Dados Complementares obtidos de outra imagem fotográfica
   - Origem da informação
   - Informação complementar

Fonte: PORTO & SANTOS (2007).